

*Carta*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO FUNAI  
GABINETE DO PRESIDENTE

O Diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário tem o prazer de convidar V.Sa. para a solenidade de encerramento do "I ENCONTRO NACIONAL DE MONITORES BILÍNGUES, realizado com a cooperação do Summer Institute of Linguistics.

O evento terá lugar às 10:00hs do dia 13 de fevereiro de 1976, na sede daquele Instituto e contará com a presença do Exmo. Sr. Presidente desta Fundação.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO  
DEPARTAMENTO GERAL DE PLANEJAMENTO COMUNITARIO

*George Zarur*  
GEORGE DE CERQUEIRA LEITE ZARUR  
Diretor do DGPC

mem. 18.12/186

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
- FUNAI -

Brasília - DF.

Memo. nº 250/76-DGPC

Em, 19-01-76

Do Diretor do DGPC  
Ao Chefe da Assessoria de Segurança e Informações  
Assunto solicitação (faz)



Senhor Chefe,

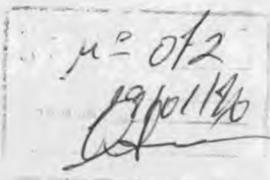
Apraz-nos convidar Vossa Senhoria para  
abrilhantar a solenidade de abertura do I ENCONTRO DE MONITORES  
BILÍNGUES.

O evento, que é parte da programação  
deste Departamento, para o exercício de 1976, dar-se-á às  
10:00 hs. do dia 20 do corrente, terça feira, no auditório do  
Summer Institute of Linguistics, entidade conveniente com a  
FUNAI, e participante desta realização.

Atenciosamente,

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
DEPARTAMENTO GERAL DE PLANEJAMENTO COMUNITÁRIO  
*George Zarur*  
GEORGE DE CARLOS LITE ZARUR  
Diretor do DGPC

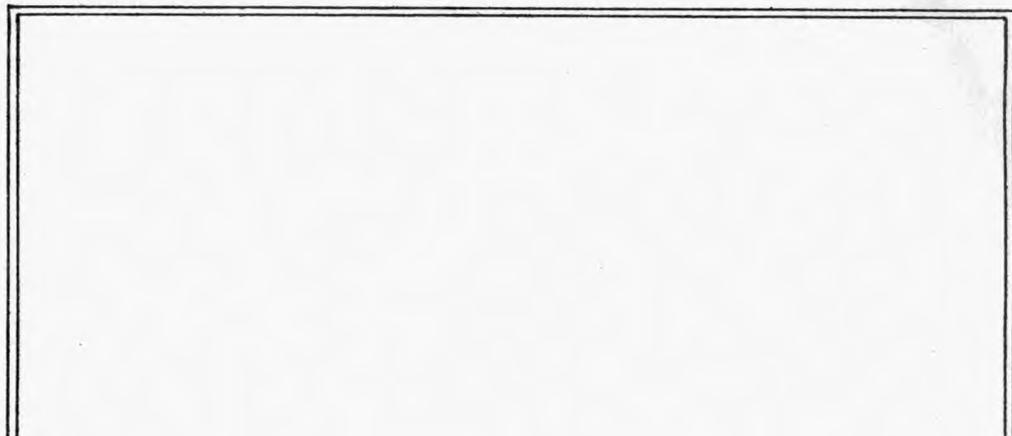
JM/ibs



*Ciraci*  
*19.01.76*

INDICE

	Pag:
SEÇÃO I	
Dados Gerais Sobre SIL	1 - 6
SEÇÃO II	
Localização dos Subprogramas	7 - 23
SEÇÃO III	
Bibliografia de Pesquisas Científicas	24 - 80
SEÇÃO IV	
Relação de Livros Didáticos	81 - 90
SEÇÃO V	
Educação Indígena	91 - 154
SEÇÃO VI	
Relação de Novos Testamentos e livros avulsos do N.T.	155 - 163
SEÇÃO VII	
Contabilidade	164 - 169



S E Ç Ã O I

DADOS GERAIS SOBRE O SUMMER INSTITUTE  
OF LINGUISTICS



DADOS GERAIS SOBRE O  
SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS

I. ORGANIZAÇÃO

O Instituto Lingüístico de Verão (SIL) trabalha no Brasil desde 1956, conforme convite feito pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, tendo-se constituído legalmente a 08 de setembro de 1958, então com 14 membros e com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1970, os estatutos da entidade foram modificados para permitir a mudança da sede para a nova Capital, Brasília, estabelecendo, ainda, a existência de um Conselho Deliberativo para a entidade, bem como criando dispositivos para o seu enquadramento como sociedade de fins filantrópicos (de acordo com suas operações financeiras).

Nesse mesmo ano, mediante processo nº 22140 de 09 de julho, encaminhado ao Ministério da Justiça, o Instituto solicitou autorização para funcionar no território nacional. A solicitação foi deferida através da Portaria nº 164-GB, de 28 de junho de 1971, do Excelentíssimo Senhor Ministro da Justiça.

O SIL dispõe de quatro centros de atividades localizados em Belém (Pará), Cuiabá (Mato Grosso), Manaus (Amazonas) e Porto Velho (Território Federal de Rondônia), todos devidamente cadastrados como estabelecimentos do Instituto.

Como Entidade Filantrópica, o Instituto goza dos seguintes privilégios, concedidos legalmente pelo Governo Brasileiro:

- outubro de 1970 - Isenção de Imposto de Renda.
- maio de 1974 - Isenção da Tributação do Imposto Único sobre Energia Elétrica.
- maio de 1972 - Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 4.383 do Estado do Pará.
- maio de 1974 - Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 3.498 do Estado do Mato Grosso.
- setembro de 1975 - Entidade de Fins Filantrópicos, reconhecida pelo Conselho Nacional do Serviço Social.

desde outubro de 1975- o Instituto vem gozando da isenção da contribuição patronal de previdência.

II. OBJETIVOS

O Instituto Lingüístico de Verão (Summer Institute of Linguistics), "sociedade civil de caráter assistencial e filantrópico", conforme rezam seus Estatutos, destina-se a:

"Realizar estudos comparativos e descritivos de línguas indígenas e reduzi-las à forma escrita; traduzir para essas línguas livros de valor moral e cívico, assim como porções da Bíblia; promover o interesse pela ciência lingüística e por estudos de investigação científica de outros aspectos da vida das tribos indígenas; editar livros, revistas ou outro tipo de publicação que se relacione com os fins da entidade; desenvolver um programa de educação e assistência social, em cooperação com instituições governamentais ou científicas, com o propósito de proporcionar ao indígena na melhores condições de vida, tudo sem fins lucrativos." (Capítulo I, art. 3º).

Conforme se pode depreender dos objetivos da entidade, as atividades do SIL prendem-se ao serviço das populações indígenas brasileiras, em primeiro lugar, em estreita colaboração com o órgão governamental encarregado da supervisão e controle de todo trabalho que diga respeito às tribos, qual seja, a FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI).

Através de Convênio firmado com a FUNAI, o SIL estabelece, sob sua orientação, subprogramas referentes a cada tribo onde atua, necessitando de autorização para penetrar em áreas indígenas, bem como responsabilizando-se por colocar a mesma Fundação a par de todas as suas atividades. Como parte desta responsabilidade, e com o objetivo ainda de informar o público em geral sobre suas atividades, o Instituto publica um RELATÓRIO anual, com resenhas de trabalhos efetuados, publicados e por publicar, programas educacionais, assistenciais, cursos oferecidos, etc. Já foram, para conveniência de V. Excia., exemplares de nossos Relatórios relativos aos exercícios de 1974, 1975 e 1976, enviados anualmente.

O SIL firmou seu 1º Convênio com a FUNAI em 1969, com prazo de 4 anos de duração. Em 1973, o 2º Convênio foi assinado com prazo de 3 anos. Atualmente a colaboração do SIL para com a FUNAI está sendo avaliada pela última.

Fazemos notar que enviamos cópias de todos os nossos trabalhos para a FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO e outras instituições nacionais com as quais colaboramos, para que o maior número possível de estudiosos das línguas indígenas tenham franco acesso ao rico material disponível coletado por nossos técnicos.

Os nossos Cursos de Metodologia Lingüística, abertos a qualquer interessado com um mínimo de nível escolar pré-universitário, contribuem para despertar interesse pelas línguas indígenas do País. Os cursos são gratuitos, ficando sob a responsabilidade do aluno apenas despesas pessoais de alojamento, alimentação e material didático. Os professores são lingüistas com experiência de campo, acrescentando aos cursos um caráter prático.

### III. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Apresentamos, a seguir, resumo sucinto de nossas atividades de maneira geral, cujas informações em mais detalhe poderão ser colhidas de nossos Relatórios:

Pesquisas Lingüísticas: O primeiro passo, obtida permissão da FUNAI para a efetivação de um subprograma, é a pesquisa e coleta de dados lingüísticos numa determinada tribo. Após certo tempo, o lingüista acha-se de posse de valiosas informações que serão analisadas para se verificar a estrutura daquela língua, o seu vocabulário, os sons apresentados, etc. De posse dessa análise, o lingüista elabora um alfabeto para aquela língua, que, aprovado pela FUNAI, será utilizado na confecção de cartilhas de alfabetização para a própria tribo.

O Instituto publica tais pesquisas, bem como as arquiva e envia cópias aos órgãos governamentais e acadêmicos interessados. Publicamos uma Série Lingüística e muitas de nossas pesquisas são, ainda, publicadas por revistas e periódicos brasileiros e de circulação internacional, atestando, assim, o alto nível de nossos estudos.

Educação: Com base na pesquisa lingüística efetuada, não apenas há a confecção (e impressão) de cartilhas, bem como a implantação de programas de educação, tanto monolíngüe como bilíngüe, conforme a portaria 75N de 06 de julho de 1972, da Fundação Nacional do Índio, que cria o Ensino Bilíngüe no Brasil. O Instituto teve o privilégio de colaborar com o Governo do País neste passo pioneiro, e hoje já funcionam quatro Programas de Educação Bilíngüe no País, quais sejam, Xavante, Guajajara, Kaingãg e Karajá. Muita ênfase é dada ao treinamento de Monitores Bilíngües oriundos das próprias tribos, que, após capacitados, atuam em seus locais de origem, levando a alfabetização e a educação aos seus próprios povos! Desta forma, o processo de integração ao sistema educacional e à vida nacionais é suavizado ao máximo provendo ao indígena os recursos necessários ao contato eficaz com a sociedade envolvente.

Como parte importantíssima desse treinamento, abrimos as nossas portas e dispomos os nossos recursos ao treinamento de Escritores Indígenas, em Seminários para Produção de Literatura Indígena. Como parte suplementar e indispensável de qualquer programa de alfabetização, deve haver material de leitura posterior às cartilhas, graduado e bem preparado, para fomentar e saciar o interesse pela leitura como veículo de educação, emancipação e progresso para as tribos.

Assistência Comunitária: Através de nossos serviços de rádio e aviação, as tribos por nós servidas dispõem de meios de rápida comunicação em casos de emergência e sobrevivência. O mesmo serviço é útil para as equipes alocadas para cada subprograma, além de servirem à própria FUNAI, missões, etc., tudo sem qualquer fim lucrativo.

As tribos beneficiam-se, ainda, desenvolvimento agro-pecuário, que, embora em pequena escala, tem contribuído para a melhoria de condições de vida em vários grupos, principalmente porque enfatiza-se o auto-sustento e a manutenção dos programas por mãos indígenas.

Serviços Gráficos: Colocamos à disposição das tribos uma oficina gráfica, onde são confeccionadas cartilhas, materiais de leitura, porções Bíblicas, obras científicas, etc. A FUNAI também se beneficia desta oportunidade, pois não temos objetivos lucrativos, sendo tudo o material impresso a preço de custo, beneficiando enormemente o programa governamental de auxílio às populações indígenas.

Tradução de Porções Bíblicas: Além de colocarmos à disposição das tribos obras de reconhecido valor prático, tais como livros de higiene, conhecimentos gerais, cartilhas, etc., incluímos em nosso Programa a tradução de porções da Bíblia, livro sobre o qual está baseada a civilização Cristã. Objetivamos principalmente a publicação do Novo Testamento, como fonte de incalculável valor moral e espiritual, que, cremos devemos tornar acessível a todas as comunidades indígenas a que servimos. A Bíblia tem repetidamente efetuado grandes transformações por onde tem passado, e cremos poder contribuir para o soerguimento moral e espiritual do indígena providenciando-lhe acesso à revelação escrita de Deus, não imposta, mas oferecida.

#### IV. MANUTENÇÃO DAS ATIVIDADES DO INSTITUTO E DE SEUS MEMBROS

O INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO (SIL) é mantido financeiramente através de donativos em dinheiro e bens provenientes do exterior, num total de 92% de sua receita global, sendo os demais 08% oriundos de receitas, verbas e donativos nacionais. A principal mantenedora do nosso trabalho é a WYCLIFFE BIBLE TRANSLATORS, Inc., entidade internacional destinada à promoção de trabalhos entre grupos não-alfabetizados, com o objetivo de prover-lhes programas educativos e a tradução do Novo Testamento.

O SIL auferre verbas de entidades públicas brasileiras (02%), outras entidades e pessoas físicas brasileiras (0.6%), receitas patrimoniais, tais como aluguel de imóveis (0.4%), vendas de bens (0.3%) e receitas eventuais (4.7%), provenientes de venda de produtos agrícolas e publicações ou, ainda, de prestação de serviços. (Todas as porcentagens foram calculadas tendo como ano-base 1976).

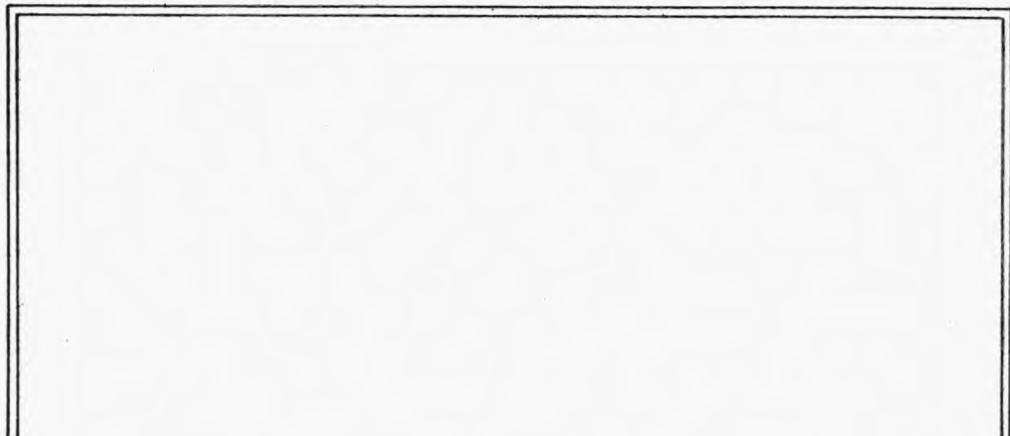
As verbas de entidades públicas são, em geral, da FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI) no custeamento parcial da publicação de material educativo-didático e no programa de aviação e serviço da própria Fundação.

A manutenção dos membros efetivos e temporários de tempo integral da Instituição é feita através de doações espontâneas de pessoas, igrejas e entidades similares nos países de origem dos membros. Estes doadores interessam-se pelo trabalho efetuado pelo Instituto, reme

tendo fundos destinados à manutenção do membro e seus familiares, financiando, ainda, projetos sob a sua responsabilidade. O Instituto contabiliza tais doações para o sustento do pessoal rotulando-as DONATIVOS PARA FINS PRÉ-DESIGNADOS, encaminhando-os ao membro para sua própria manutenção. O Instituto cumpre seus objetivos através de vários projetos cujo financiamento é oriundo das mesmas fontes de doadores, sendo estes fundos administrados pelos membros encarregados de sua consecução sob a orientação da diretoria. Assim, não são considerados à disposição da instituição para outros fins.

Esclarecemos, outrossim, que os membros efetivos e honorários, são elegíveis tanto para o Conselho Deliberativo como para a Diretoria Executiva do Instituto. (Atualmente, a Diretoria é composta por um membro honorário, o Sr. Olaf Ellis, cidadão brasileiro, e três membros efetivos.) Durante seus mandatos, os membros honorários ou efetivos não recebem qualquer remuneração pelo exercício de seus cargos, continuando, porém, a usufruir do seu sustento pessoal, conforme esclarecido acima, pois cooperam (em tempo integral) para a consecução dos objetivos da entidade.

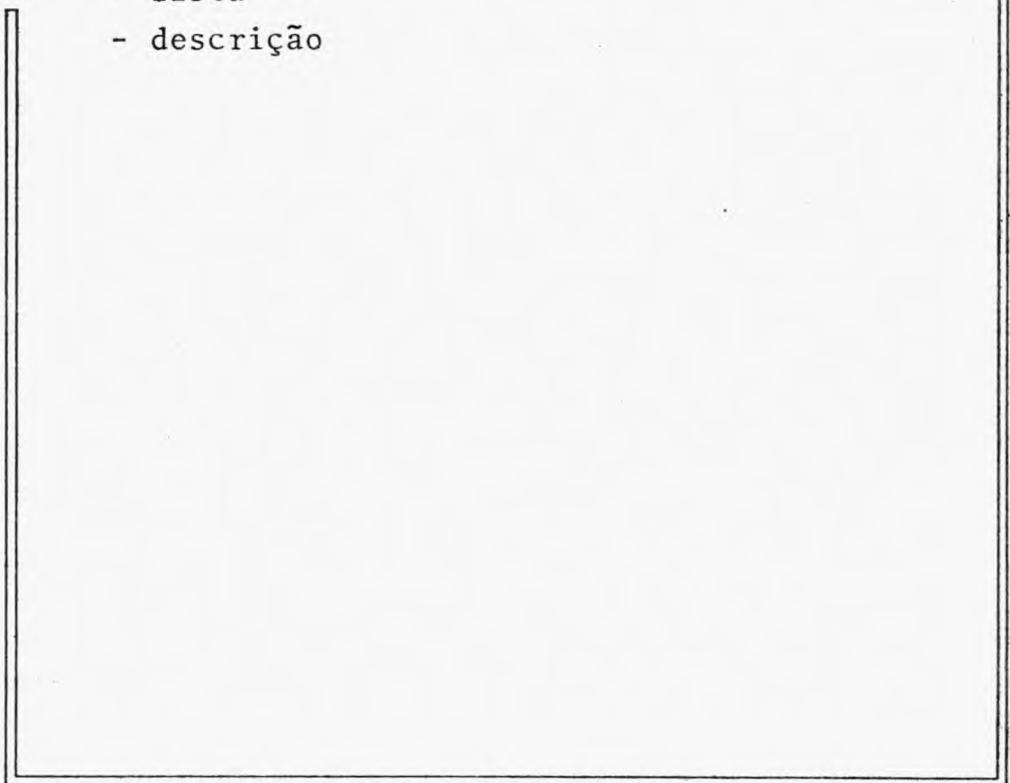
O Instituto também recebe verbas de fundos de assistência internacionais, e de fundações e entidades estrangeiras e nacionais que têm interesse nos diversos projetos e aspectos do trabalho do SIL. Por exemplo, (1) fundos de assistência do Canadá têm financiado projetos de desenvolvimento comunitário (projetos agrícolas, etc.) e de construção de um centro de treinamento para indígenas, (2) a Igreja Reformada Holandesa cobriu as despesas de um curso de treinamento para autores (escritores) indígenas, e (3) a "World Home Bible League" (entidade semelhante a uma Sociedade Bíblica) se responsabiliza pelos fundos necessários à publicação de traduções de porções de bíblia. Órgãos como estes proporcionam ao SIL condições de ampliar ainda mais as suas atividades, beneficiando enormemente as populações indígenas carentes, tudo sob a supervisão da FUNAI, órgão capacitado para tanto.



S E Ç Ã O II

LOCALIZAÇÃO DOS SUBPROGRAMAS DO SIL

- mapa
- lista
- descrição





## LOCALIZAÇÃO DOS SUBPROGRAMAS DO SIL

1. Apalai
2. Apinayé
3. Apurinã
4. Asuriní
5. Atroari
6. Bakairí
7. Borôro
8. Canela
9. Cinta Larga
10. Dení
11. Guajajára
12. Guaraní
13. Hixkaryána
14. Jamamadí
15. Júma
16. Kadiwéu
17. Kaingáng
18. Kaiwá
19. Kamayurá
20. Karajá
21. Karipúna
22. Karitiána
23. Kayabi
24. Kayapó
25. Makú Hupda
26. Makú Nadëb
27. Makú Yahup
28. Mamaindé
29. Maxakali
30. Mundurukú
31. Múra-Pirahã
32. Nambikuára
33. Oiampí
34. Palikúr
35. Parecis
36. Parintintín
37. Paumari
38. Rikbaktsa
39. Sateré
40. Suruí
41. Terêna
42. Urubú
43. Waurá
44. Xavánte

1. APALAI:

Família Lingüística: Karib

Localização: Às margens dos rios, Paru, Jari, Mae curuã de Alenquer, no Estado do Pará (01° 13' N).

População: Aproximadamente 100-120 indivíduos, nos rios Paru e Jari, vivem em contato permanente com a equipe do SIL. Outros grupos ainda não foram contados.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1962.

Grau de Bilingüismo: Há alto grau de bilingüismo entre os Apalai e os Wayana. Quase ninguém fala português, mas tem demonstrado interesse na aprendizagem da língua nacional, como também em programas atuais de desenvolvimento comunitário, tais como, criação de porcos, patos, carneiros e outros animais.

2. APINAYÉ:

Família Lingüística: Timbira-Jê.

Localização: Em duas aldeias, Mariazinha e São João, que ficam a uma distância de 13 Km a oeste da cidade de Tocantinópolis, Goiás.

População: Aproximadamente 360 indivíduos.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1958.

Grau de aculturação: O contato com a sociedade brasileira é constante, e os índios estão integrados à vida econômica regional. Está em execução, atualmente, um programa de desenvolvimento comunitário sob a direção do Chefe do Posto da FUNAI.

## 3. APURINÃ:

10

<u>Família Lingüística:</u>	Aruak
<u>Localização:</u>	Espalhados por todo o médio Purus, no Estado do Amazonas.
<u>População:</u>	250-500 (estimada).
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1963.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Alto. Muitos falam a língua indígena, outros, famílias e indivíduos, têm se afastado da vida tribal e estão se esforçando para serem considerados como "não-índios".

## 4. ASURINÍ:

<u>Família Lingüística:</u>	Tupi-Guaraní
<u>Localização:</u>	No Posto Trocarã, a aproximadamente 25 Km rio abaixo da cidade de Tucuruí, no Rio Tocantins, Para.
<u>População:</u>	Aproximadamente 100 pessoas.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1961.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Um grupo aculturado à vida nacional mantendo a própria língua e com alto grau de bilingüismo.

## 5. ATROARÍ:

<u>Família Lingüística:</u>	Karib
<u>Localização:</u>	Nos rios Alalau e Camanau na margem entre o estado de Amazonas e o Território de Rondônia.
<u>População:</u>	500 (estimada).
<u>Trabalho do SIL:</u>	A equipe fez parte na pacificação.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Baixo.

## 6. BAKAIRÍ:

11

- Família Lingüística: Karib
- Localização: Posto Indígena Bakairí, na beira do rio Parantina, e Posto Indígena Santana, na beira do rio Novo, no estado de Mato Grosso (14°13'S e 55°25'W). Simões Lopes (14°27'S e 54°20'W).
- População: Aproximadamente 250 indivíduos, 170 no Posto Bakairí, e 85 no Posto Indígena Santana.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1962.
- Grau de Bilingüismo: Quase todos são bilingües. Qualquer projeto de desenvolvimento comunitário encontraria boa receptividade por parte dos indígenas. As possibilidades de um projeto econômico são também ótimas.

## 7. BORÔRO:

- Família Lingüística: Borôro
- Localização: As margens do Rio São Lourenço, Estado de Mato Grosso. Gomes Carneiro (16°43'S e 55°23'W); Perigara (16°57'S e 56°18'W); Meruri (15°35'S e 53°02'W); Tadarimana (16°38'S e 54°33'W).
- População: Aproximadamente 350.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1957.
- Grau de Bilingüismo: Elevado. Apesar de contínuo convívio com a sociedade brasileira e o domínio da língua nacional, os indígenas mantêm a maior parte dos seus costumes tribais.

## 8. CANELA

- Família Lingüística: Timbira-Jê
- Localização: Perto de Barra do Corda e Grajaú, Estado do Maranhão (06°06'S e 45°05'W).
- População: Aproximadamente 1,200.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1968.
- Grau de Bilingüismo: Médio.

## 9. CINTA LARGA:

12

- Família Lingüística: Tupi-Mondé
- Localização: Área entre os rios Roosevelt e Aripuanã, ao norte de Vilhena, Território Federal de Rondônia (11<sup>o</sup>30'S e 60<sup>o</sup>28'W) P.I. Serra Morena (11<sup>o</sup>14'S e 59<sup>o</sup>17'W).
- População: 500 (estimada).
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1971.
- Grau de Bilingüismo: Monolíngue.

## 10. DENÍ:

- Família Lingüística: Aruak (Arauã).
- Localização: Nos igarapês do rio Cunhuã, em linha re ta entre as desembocaduras dos rios Xiryã e Pauini, no estado do Amazonas (06<sup>o</sup>49'S e 66<sup>o</sup>56'W).
- População: Aproximadamente 250-300.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1965.
- Grau de Bilingüismo: Variável, de acordo com o período pas sado fora das aldeias em trabalhos re alizados com elementos da sociedade nacional.

## 11. GUAJAJÁRA:

- Família Lingüística: Tupi-Guaraní (Tenetehara)
- Localização: Existem aproximadamente 30 aldeias na área, entre São Luiz e Imperatriz, no Estado do Maranhão (05<sup>o</sup>21'S e 46<sup>o</sup>21'W).
- População: Entre 3.000 a 4.000.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1960.
- Grau de Bilingüismo: Alto. Inclue um programa de Educação Bilíngue.

## 12. GUARANÍ:

<u>Família Lingüística:</u>	Tupi-Guaraní
<u>Localização:</u>	Espalhados pelo sul do país, nos Estados de Mato Grosso, ao sul, a leste de São Paulo, no extremo noroeste do Rio Grande do Sul, no Paraná e em Santa Catarina.
<u>População:</u>	Aproximadamente 1.500.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1962.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Varia de acordo com a localidade. Alguns são quase monolíngues, sendo que a maioria é de grau médio de bilingüismo.

## 13. HIXKARYANA:

<u>Família Lingüística:</u>	Karib
<u>Localização:</u>	No alto do rio Nhamundã, Amazonas.
<u>População:</u>	150 (aproximadamente).
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1959 e terminado em 1976.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Muito baixo. Até o presente momento, havia pouco contato com a sociedade brasileira. O grupo é conservador, e tem mostrado resistência aos programas-pilotos de desenvolvimento comunitário, a não ser que veja benefício imediato no mesmo.

## 14. JAMAMADÍ:

<u>Família Lingüística:</u>	Aruak (Arauá).
<u>Localização:</u>	No Estado do Amazonas, aproximadamente 35 Km a oeste do rio Purus, e a 65 Km ao sul de Lábrea (07°17' S e 65°21' W).
<u>População:</u>	Aproximadamente 1.000-1.200.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1963.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Após cerca de 70 anos de contato contínuo com a sociedade brasileira e o atual convívio com os regatões e seringueiros, ainda falam pouco português. Mostram, até o presente momento, muito pouco interesse em aprender a ler e escrever.

15. JÚMA:

Família Lingüística: Tupi-Guaraní  
Localização: No Rio Içuá, afluente do Mucuí (afluente do Purus) no Amazonas (07°21'S e 64°58'W).  
População: 7 indivíduos (contato esporádico).  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1972.  
Grau de Bilingüismo: Monolíngüe.

16. KADIWEÚ:

Família Lingüística: Guaicuruan  
Localização: No pantanal do Estado de Mato Grosso, a oeste da cidade de Miranda.  
População: 550 aproximadamente.  
Trabalho do SIL: Iniciado pela primeira equipe em 1958, pela segunda equipe em 1968.  
Grau de Bilingüismo: Elevado, especialmente entre os homens.

17. KAINGÃNG:

Família Lingüística: Jê  
Localização: Nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.  
População: Entre 6.000 e 7.000.  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1958 e terminado em 1977.  
Grau de Bilingüismo: A maior parte dos homens e umas poucas mulheres e crianças dominam a língua nacional. Foi inaugurado em 1970, pela FUNAI, o Centro de Treinamento para Monitores Bilingües Kaingãng.

## 18. KAIWÁ:

15

- Família Lingüística: Tupi-Guaraní.
- Localização: Nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.
- População: Aproximadamente 7.000.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1957.
- Grau de Bilingüismo: Relativamente baixo, em geral, mas varia muito conforme o contato dos indivíduos com a sociedade brasileira.

## 19. KAMAYURÁ:

- Família Lingüística: Tupi-Guaraní
- Localização: Parque Nacional do Xingu, MT.
- População: 110 (estimada).
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1963. Autorização suspensa por tempo indeterminado.
- Grau de Bilingüismo: O contato permanente com elementos da comunidade brasileira tem resultado em algum conhecimento da língua nacional, suficiente para relações comerciais, e outros tipos de conversação.

## 20. KARAJÁ:

- Família Lingüística: Macro-Jê
- Localização: Ao longo do Rio Araguaia, desde Leopoldina até Conceição do Araguaia, nos Estados de Mato Grosso, Goiás e Pará.
- População: Aproximadamente 900.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1958.
- Grau de Bilingüismo: Um grupo aculturado, em convívio contínuo com a sociedade brasileira. O grau de bilinguismo é médio, mas varia conforme a localidade. Foi iniciado um programa de educação bilingüe em 1972.

## 21. KARIPUNA:

16

<u>Família Lingüística:</u>	Indo-European Creole (IC)
<u>Localização:</u>	Território de Amapá na margem de Guiana Francêsa. (03°45'N).
<u>População:</u>	250-500 aproximadamente.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1975.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Suficiente para relações comerciais.

## 22. KARITIANA:

<u>Família Lingüística:</u>	Tupi-Arikê
<u>Localização:</u>	A uns 60 Km a sudoeste de Porto Velho (09°14'S e 63°58'W).
<u>População:</u>	Aproximadamente 75.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1972.
<u>Grau de bilingüismo:</u>	O contato permanente com poucos elementos da comunidade brasileira tem resultado em algum conhecimento da língua nacional, suficiente para relações comerciais, e outros tipos comuns de conversação. Conservam, ainda, vários aspectos da cultura indígena, e demonstram interesse em aprender a ler e escrever.

## 23. KAYABÍ:

<u>Família Lingüística:</u>	Tupi-Guaraní (Kawahib)
<u>Localização:</u>	Na região da foz do rio dos Peixes e no Parque Nacional do Xingu, no Estado de Mato Grosso. Tatui (10°52'S e 57°25'W); Perto Fazenda Santa Rosa (08°58'S e 57°11'W).
<u>População:</u>	Cerca de 250 indígenas.
<u>Pacificação:</u>	Por volta de 1940
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1960.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Tatui--grau elevado; nos outros lugares--menos elevado.

24. KAYAPÓ:

Família Lingüística: Jê

Localização: Moram em aldeias na região do rio Xingu, ao sul do Estado do Pará e ao norte do Estado de Mato Grosso.

População: Cerca de 2.500.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1965.

Grau de Bilingüismo: Um grupo tribal bastante autônomo sem muitas modificações na língua ou nos costumes. Há, porém, interesse em aprender a língua nacional.

25. MAKÚ HUPDA:

Família Lingüística: Makuan

Localização: No rio Auari, noroeste do Amazonas (00°28'N)

População: Cerca de 350.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1976.

Grau de Bilingüismo: 50% bilingüe em Tukano e Makú. Grau médio de aculturação. Conhecimento de português suficiente para relações comerciais.

26. MAKÚ NADEB:

Família Lingüística: Makuan

Localização: Entre os rios Uaupês e Japurá, no Estado do Amazonas.

População: Entre 150 e 200 indivíduos.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1965.

Grau de Bilingüismo: Grau médio de aculturação. Somente alguns dos homens falam português suficiente para relações comerciais.

## 27. MAKÚ YAHUP:

Família Lingüística: Makuan  
Localização: Amazonas, alto Rio Negro.  
População: 1.000 (aproximadamente).  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1976.  
Grau de Bilingüismo: Bilingüismo entre Tukano e Maku. Conhecimento de português-- grau baixo, quase nenhum.

## 28. MAMAINDE:

Família Lingüística: Nambikuára  
Localização: No extremo norte do Estado de Mato Grosso, a leste do Rio Cabi xi, a 50 Km de Vilhena (13°02' S e 59°52' W).  
População: Cerca de 50 indígenas.  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1962.  
Grau de bilingüismo: Grupo autônomo e monolingüe. Há interesse, por parte de alguns elementos indígenas adultos, pela educação dos filhos e pela sua integração na sociedade brasileira.

## 29. MAXACALÍ:

Família Lingüística: Maxakalí  
Localização: Perto da cidade de Machacalis, no Estado de Minas Gerais.  
População: Aproximadamente 400.  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1959.  
Grau de Bilingüismo: Grupo em convívio contínuo com a comunidade brasileira, mas que conserva ainda muitos aspetos da sua cultura. O ritmo de aprendizagem da língua nacional é muito lento.

30. MUNDURUKŪ:

19

- Família Lingüística: Tupi-Guaraní
- Localização: Nos estados do Amazonas e Pará, nos rios Tapajós, Cururu e Carumã, e na região dos campos entre o rio Tapajós e a fronteira Pará-Mato Grosso.
- População: Cerca de 2.000 indivíduos.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1961.
- Grau de Bilingüismo: Contato intermitente com a sociedade brasileira há 50 anos. O grau de bilingüismo varia de acordo com a localidade. No Coatã, o português é o meio de comunicação, porém nas outras áreas a maior parte dos índios é monolingüe. Quase todos os grupos têm interesse em educação na língua nacional.

31. MŪRA-PIRAHÃ:

- Família Lingüística: Múra-Pirahã (isolate)
- Localização: Às margens dos rios Marmelos e Maici, no Estado do Amazonas (06°31' S e 61°46' W).
- População: Aproximadamente 130 indivíduos.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1960.
- Grau de Bilingüismo: Contato intermitente com a sociedade brasileira desde 1922. As mulheres não falam português. Os homens conhecem os nomes portugueses de animais e peixes, e os vocábulos necessários para trocas comerciais com os regatões.

32. NAMBIKUÁRA:

- Família Lingüística: Nambikuára
- Localização: Na área entre os Rios Camararé e Buriti, ao sul da cidade de Utiariti perto de Vilhena, Estado de Mato Grosso. Campos Novos (12°45' S e 59°44' W); Serra Azul (13°48' S e 59°33' W).
- População: Aproximadamente 375.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1959.
- Grau de Bilingüismo: Baixo a médio.

## 33. OIAMPÍ:

20

Família Lingüística: Tupi-Guaraní  
Localização: Norte do Amapá ( $01^{\circ}35'N$ ).  
População: 132 (70 em Guiana Francêsa).  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1973.  
Grau de Bilingüismo: Baixo.

## 34. PALIKÜR:

Família Lingüística: Aruak  
Localização: Em duas aldeias no rio Urucauã, afluente do Uaçã, no Território de Amapá ( $03^{\circ}30'N$  e  $51^{\circ}29'W$ ).  
População: Aproximadamente 500 indivíduos.  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1965.  
Grau de Bilingüismo: Este grupo há poucos anos começa a ser profundamente influenciado pela sociedade nacional.

## 35. PARECIS:

Família Lingüística: Aruak  
Localização: Em várias aldeias ao norte e sul da rodovia BR-29, entre o povoado de Parecis e o Rio Juruena ( $14^{\circ}47'S$  e  $58^{\circ}48'W$ ).  
População: Aproximadamente 350.  
Trabalho do SIL: Iniciado em 1960.  
Grau de Bilingüismo: Apesar dos muitos anos de contato com a comunidade brasileira, o grupo mantém a língua e cultura indígenas. O grau de bilingüismo é adequado para relações comerciais.

## 36. PARINTINTÍN:

Família Lingüística: Tupi-Guaraní

Localização: Às margens dos rios Machados e Ipixuna no Estado do Amazonas.

População: 150-200.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1961.

Grau de Bilingüismo: Suficiente para todas as relações comerciais.

## 37. PAUMARÍ:

Família Lingüística: Aruak (Arauá).

Localização: Na área da lagoa Marrahã e igarapés localizados rio acima do Bom Futuro, no médio Purus, no Estado do Amazonas.

População: 250, aproximadamente.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1964.

Grau de Bilingüismo: Demonstram uma conformação aparente quanto aos costumes e língua nacionais mas entre si usam a própria língua e praticam a religião indígena.

## 38. RIKBAKTSÁ:

Família Lingüística: Macro-Jê

Localização: Às margens do Rio Juruna, a aproximadamente 200 Km descendo da desembocadura do Rio Arinos, no extremo norte do Estado de Mato Grosso.

População: 200, aproximadamente.

Trabalho do SIL: Iniciado em 1962.

Grau de Bilingüismo: Os falantes vivendo em maior contato com as missões Católicas, possuem um grau de bilingüismo mais elevado. Ao passo que, os que chegaram mais recentemente para o referido lugar possuem um grau de bilingüismo quase nulo.

## 39. SATARÉ:

22

- Família Lingüística: Tupi-Guaraní
- Localização: Às margens dos rios Andirá, Maués-Açu, Guarumatuba, Uaiucurapã, Mamuru, etc., e nos sistemas de lagos ao sul do rio Amazonas, entre as cidades de Parintins e Maués, no Amazonas (03°36'S e 56°49'W).
- População: Aproximadamente 3.000 pessoas.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1960.
- Grau de Bilingüismo: Poucos homens são relativamente bilingües.

## 40. SURUÍ:

- Família Lingüística: Tupí
- Localização: A oeste do Rio Roosevelt, aproximadamente na altura da cachoeira Taunay, no Território Federal de Rondônia (11°14'S e 61°16'W).
- População: 300 (estimada).
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1970.
- Grau de Bilingüismo: Monolingüe. Revelam muito interesse em conhecer a língua e a vida nacionais.

## 41. TERÊNA:

- Família Lingüística: Aruak
- Localização: Sudoeste do Estado de Mato Grosso.
- População: Cerca de 5.000 indígenas.
- Trabalho do SIL: Iniciado em 1957.
- Grau de Bilingüismo: Os Terêna vivem em aldeias grandes, dentro e fora dos postos indígenas, e mantêm a própria língua. São bem aculturados à vida econômica nacional, alguns deles gozando de cargos e posições de responsabilidade na sociedade envolvente.

## 42. URUBŪ:

23

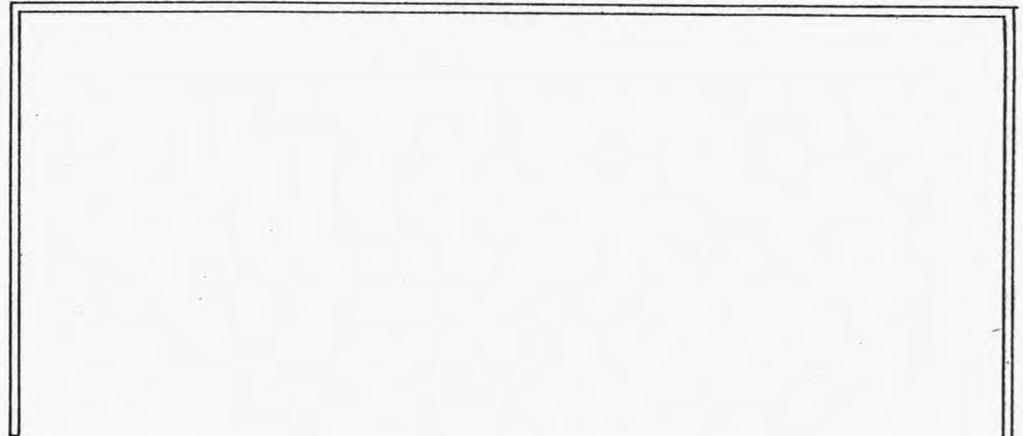
<u>Família Lingüística:</u>	Tupi-Guarani
<u>Localização:</u>	Afluentes dos rios Gurupi, Maracacume, Turiacu e Paraná, no Estado do Maranhão (02°35'S e 46°16'W).
<u>População:</u>	Aproximadamente 500.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1961.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Apesar do contato com a sociedade brasileira, mantêm a língua e costumes indígenas.

## 43. WAURÁ:

<u>Família Lingüística:</u>	Aruak
<u>Localização:</u>	Ao longo do Rio Batovi, no Parque Nacional do Xingu.
<u>População:</u>	Cerca de 120.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1965. Autorização suspenso por tempo indeterminado.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	Grupo autônomo, quase monolingüe.

## 44. XAVANTE:

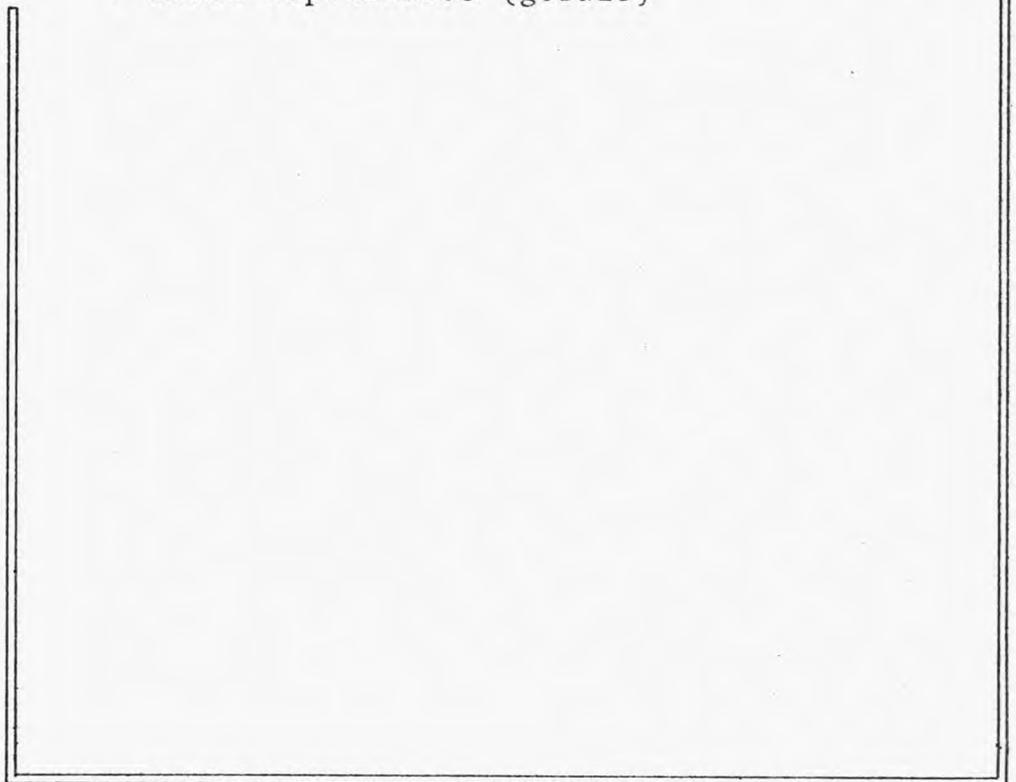
<u>Família Lingüística:</u>	Jê (Akuen).
<u>Localização:</u>	Em cinco aldeias, no Estado de Mato Grosso: Simões Lopes, Batovi, São Marcos, Xavantina e Suiã Missu (14°00'S e 54°08'W).
<u>População:</u>	Aproximadamente 2.000.
<u>Trabalho do SIL:</u>	Iniciado em 1958.
<u>Grau de Bilingüismo:</u>	O grau de bilingüismo é baixo. Foi iniciado em 1972, pela FUNAI, um programa de educação bilingüe.



S E Ç Ã O III

BIBLIOGRAFIA DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS

- específicas
- menos específicas (gerais)





PUBLICADO:

Koehn, Edward e Sally -- FONOLOGIA DA LÍNGUA APALAÍ, em Estudos Sobre Línguas e Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics. pp. 17-28. 1971.

Koehn, Edward Henry -- PHONOLOGY OF APALAÍ TWO-SYLLABLE WORDS. (M.A. Thesis, Indiana University)

Koehn, Sally Sharp -- APALAÍ GRAMMAR, em Les Langues du Monde, Paris. (No prelo 1970)

APALAÍ KINSHIP AND SOCIAL BEHAVIOR, em Arquivos de Anatomia e Antropologia, Vol. 1, Ano 1. Rio de Janeiro. 1975.

ARQUIVADO:

Koehn, Edward e Sally -- APALAÍ PHONEMIC STATEMENT. outubro 1963.

NOTAS SÔBRE A LÍNGUA APALAÍ. outubro 1964.

TEXTO - "LENDA DC MOPO".

Koehn, Edward -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. dezembro 1962.

GRAMMAR STATEMENT. outubro 1965.

O TEMPO HISTÓRICO NA NARRATIVA APALAÍ.

Koehn, Sally -- STEM LEVEL. outubro 1965.

NOUN POSSESSION. outubro 1965.

PROCESSOS E PAPÉIS NA ESTRUTURA DA ORAÇÃO APALAÍ.

Weissenburger, Peter -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. junho 1961.

SUPPLEMENTARY INFORMATION: APALAÍ. julho 1961.

APALAÍ: TEXTS I AND II. julho 1961.

NAMES OF CULTURAL ITEMS: URUGUAYANA-APALAÍ. julho 1961.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIA

APINAYÉ

PUBLICADO:

- Callow, John -- THE APINAYÉ LANGUAGE: APINAYÉ PHONEMICS AND GRAMMAR. SOAS, London. abril 1962.
- THE APINAYÉ LANGUAGE: PHONOLOGY AND GRAMMAR (Ph.D. dissertation, U. of London). 1962.
- Ham, Patricia -- MULTILEVEL INFLUENCE ON APINAYÉ MULTI-DIMENSIONAL CLAUSE STRUCTURE, em Linguistics: An International Review Vol. 15, pp. 5-32. junho 1965.
- MORFOFONÊMICA APINAYÉ. Atas do Simpósio Sobre a Biota Amazônica Vol. 2, pp. 123-126. 1967.
- FIGURES OF SPEECH IN APINAYÉ, em Notes on Translation (México) 16, 8.65, 2p. 1965.
- SHIFTS FROM LINGUISTIC ORDER, em Notes on Translation (Ixmiquilpan, Hidalgo, México) 39, 3.71, 16-22p. 1971.
- DIFFERENT STYLES FOR DIFFERENT KINDS OF TRANSLATED MATERIALS, em Notes on Translation (Dallas, Texas) 45, 9.72, 17p. 1972.
- SHORT NOTE ON LITERACY FOR THE APINAYÉ, em Notes on Literacy (Huntington Beach, CA) 10, 22p. 1970.
- Koopman, Linda -- CLÁUSULAS SEMÂNTICAS NA LÍNGUA APINAYÉ na Série Lingüística nº 6, SIL Brasília. 1976.
- Waller, Helen -- A CONJUNÇÃO NHÛM NA NARRATIVA APINAYÉ na Série Lingüística nº 6, SIL Brasília. 1976.
- PRIMER STORIES FOR THE APINAYÉ em Notes on Literacy (Huntington Beach, CA) 16, 11-12 p.. 1974.

ARQUIVADO:

- Callow, John e Kathleen -- QUESTIONÁRIO PADRÃO. novembro 1958-janeiro 1959.
- Callow, John -- SWADESH-LOUKOTKA WORD LIST. agosto 1959.
- QUESTIONÁRIO PADRÃO. agosto 1959.
- Ham, Patricia -- APINAYÉ PHONEMIC STATEMENT. agosto 1960.
- APINAYÉ GRAMMAR. julho 1961.
- PHONEMIC STATEMENT. julho 1961.
- PHONEMIC STATEMENT OF APINAYÉ. dezembro 1961.
- THREE TEXTS. agosto 1962.

ARQUIVADO:

Ham, Patricia e Meader, Robert -- APINAYÉ PHONEMIC AND  
HYPERPHONEMIC STRUCTURE. maio 1963.

Koopman, Linda -- APINAYÉ PREPOSITIONS.

Kruck, Gisela -- APINAYÉ LEXICON FILE. fevereiro 1969.

Stout, Mickey -- DIVISÃO SILÁBICA; V + V (PARA OUVIR);  
FONÉTICA (SÍLABAS ÊMICAS). março 1960.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAAPURINÃPUBLICADO:

Pickering, Wilbur -- INTERRAGOTIVOS APURINÃ, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. II, Ano II. Rio de Janeiro. 1977.

TAPE SERIES EVALUATED, em Notes on Translation (México) 22, 10.66, 19p. 1966.

ARQUIVADO:

Pickering, Wilbur e Ida Lou -- APURINÃ WORD LIST. julho 1962.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1963.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. junho 1964.

PHONEMIC ANALYSIS. julho 1964.

Pickering, Wilbur N. -- APURINÃ. 1970.

COMMAND IN APURINÃ.

GAPPING AND CONSTITUENT ORDER IN APURINÃ.

NEGATION IN APURINÃ.

RELATIVIZAÇÃO EM APURINÃ. (no prelo, Série Lingüística nº 7).

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAASURINÍPUBLICADO:

- Harrison, Carl -- SYNTACTICAL ASPECTS OF ASURINÍ MONOLOGUE DISCOURSE. (Ph.D. dissertation, U. of Pennsylvania).
- THE MORPHOPHONOLOGY OF ASURINÍ WORDS. (D. Bendor-Samuel, redator, Tupi Studies I). pp. 21-71. 1971.
- ASURINÍ GRAMMAR, Série Lingüística nº 4, SIL Brasília. 1975.

ARQUIVADO:

- Harrison, Carl -- REPORT OF ASURINÍ SURVEY. agosto 1961.
- PEDAGOGICAL INFORMATION AND DRILLS FOR THE ASURINÍ LANGUAGE. julho 1963.
- THE PHONEMES OF ASURINÍ, A LANGUAGE OF BRAZIL. julho 1963.
- 23 SHORT TEXTS. julho 1963.
- ASURINÍ MORPHOPHONOLOGY. 1963.
- Nicholson, Velda C. -- DICIONÁRIO EM TÓPICOS.
- 25 HISTÓRIAS E 7 MITOS.
- VERBOS INICIANTE E NÃO-INICIANTE EM ASURINÍ.
- Solly, Robin -- TEXT 'ABOUT NAKAWALEE'. setembro 1964.
- TENTATIVE ASURINÍ GRAMMAR. 1965.
- Tomkins, Annette -- 32 TEXTOS COM FITA.
- RELATÓRIO SOBRE A PESQUISA DIALETAL ASURINÍ/PARACANÃ.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIABAKAIRÍPUBLICADO:

Wheatley, James -- REVIVÊNCIA DE UMA DANÇA BAKAIRÍ, em Revista de Antropologia Vol. 14, pp. 73-80. 1966.

KNOWLEDGE, AUTHORITY AND INDIVIDUALISM AMONG THE CURA (BAKAIRÍ), em Anthropological Linguistics. Indiana, EUA, 15, 8, 337-344p. 1973.

PRONOUNS AND NOMINAL ELEMENTS IN BAKAIRÍ DISCOURSE, em Linguistics. The Hague, 104, 105-115p. 1973.

BAKAIRÍ VERB STRUCTURE, em Linguistics. The Hague. 1969.

ARQUIVADO:

Wheatley, James -- BAKAIRÍ PHONEMICS. março 1964.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIABORÔROPUBLICADO:

Huestis, Esther -- BORÔRO SPIRITISM AS REVITALIZATION, em Practical Anthropology Vol. 10, pp. 187-89. julho-agosto 1963.

Huestis, George -- BORÔRO CLAUSE STRUCTURE, em International Journal of American Linguistics Vol. 29, pp. 230-238. julho 1963.

Crowell, Thomas H. -- COHESION IN BORÔRO DISCOURSE, em Linguistics. The Hague, 104, 15-27p. 1973.

THE PHONOLOGY OF BORÔRO VERB POSTPOSITION AND NOUN PARADIGMS, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. II, Ano II. Rio de Janeiro, 157-78p. 1977.

ARQUIVADO:

Huestis, George e Esther -- U MOTINA QUESTIONÁRIO PADRÃO. dezembro 1958.

BORÔRO PHONEMES. novembro 1960.

OS FONEMAS BORÔRO. novembro 1960.

Huestis, George -- QUESTIONÁRIO PADRÃO. março 1960.

SWADESH-LOUKOTKA WORD LIST. fevereiro 1962.

Crowell, Thomas -- NOUNS. setembro 1971.

ADJECTIVES/RELATIVE CLAUSES. setembro 1971.

SYSTEMIC GRAMMAR AND BORÔRO CLAUSES.

BORÔRO TRANSITIVES AND INTRANSITIVES.

BORÔRO MARKED THEMES.

ADVERBS.

SECONDARY INFORMATION.

BODY PART LOCATIONALS.

BORÔRO ASPECT MODE.

BORÔRO NEGATIVES.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIACANELAPUBLICADO:ARQUIVADO:

Ham, Patricia -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
abril 1968.

Popjes, Jack e Josephine -- PHONEMIC STATEMENT OF CANELA  
(tentative). novembro 1971.

SURFACE STRUCTURE OF CANELA GRAMMAR. 1972.

Popjes, Jack Douwe -- INFORMAÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA NA  
NARRATIVA CANELA. 1976.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIACINTA-LARGAPUBLICADO:ARQUIVADO:

Gudschinsky, Sarah -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
dezembro 1962.

Sandberg, Clive e Patricia -- RELATÓRIO Nº 1 CINTA LARGA.

Sandberg, Clive -- CINTA LARGA CLAUSE CONSTITUENTS.

Sandberg, Patricia -- PEDAGOGICAL GRAMMAR.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIADENÍPUBLICADO:ARQUIVADO:

Moran, Paul e Dorothy -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS  
PADRÕES. julho 1967.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1972.

NOTAS SOBRE MORFOLOGIA VERBAL DENÍ (no prelo, Série  
Linguística nº 7).

RELATÓRIO DA SITUAÇÃO ATUAL DO SUBPROGRAMA DENÍ  
(COM MAPA).

RELATÓRIO DO SIMPÓSIO SOBRE A ORTOGRAFIA DENÍ.

Koop, Gordon -- DENÍ PERSON AFFIXES.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAFULNIÔ

34

PUBLICADO:ARQUIVADO:

Kietzman, Dale -- QUESTIONÁRIO YATÉ. 1958.

Meland, Douglas e Doris -- FULNIÔ PHONOLOGY. maio 1968.

Meland, Douglas -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
dezembro 1960-abril 1961.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAGUAJAJÁRAPUBLICADO:

Bendor-Samuel, David H. -- HIERARCHICAL STRUCTURES IN GUAJAJÁRA. (Ph.D. thesis, U. of London) Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields Nº 37. 1966.

A FIRST SCRIPTURE PUBLICATION, em Notes on Literacy (Huntington Beach, CA) 5/6, 18-20p. 1969.

Bendor-Samuel, Margaret -- NOTES ON GUAJAJÁRA, em Notes on Literacy (Huntington Beach, CA) 8, 23-24p. 1970.

ARQUIVADO:

Bendor-Samuel, David -- VOCABULÁRIO GUAJAJÁRA. PADRÃO PARA PESQUISA TUPI. 1961.

PHONEMIC STATEMENT. junho 1961.

A PHONEMIC ANALYSIS OF GUAJAJÁRA. 1963.

GUAJAJÁRA PEDAGOGICAL GRAMMAR. 1967.

Bendor-Samuel, Margaret -- SWADESH-LOUKOTKA LIST. 1962.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. novembro 1960.

Gudschinsky, Sarah -- QUESTIONÁRIO PADRÃO. outubro 1959.

NOTES ON THE GUAJAJÁRA (TUPI) LANGUAGE: outubro 1959.

Harrison, Carl H. (transcritor) -- A TENETAR (GUAJAJÁRA) LEGEND. (Narração de Benedito, redação de Floriano Gomez) setembro 1970.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAGUARANÍPUBLICADO:

Gudschinsky, Sarah C. e Aaron, Waldo M. -- SOME RELATIONAL POST-POSITIONALS OF GUARANÍ, em Estudos Sobre Línguas E Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics, pp. 81-95. 1971.

Dooley, Robert A. -- A CONSTITUENT BOUNDARY MARKER IN GUARANÍ, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. II, Ano II, 145-56p. Rio de Janeiro. 1977.

ARQUIVADO:

Aaron, Edna -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1966.

PEDAGOGICAL GRAMMAR. 1972.

Bridgeman, Loraine I. -- QUESTIONÁRIO PADRÃO; PI MANGUE RINHA, S. PAULO. março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI RIO DAS COBRAS. março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI CURT NIMUENDAJÚ, S. PAULO. março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI DUQUE DE CAXIAS. março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI FOZ DE IGUAÇÚ. março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI NONOAI. março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI CURT NIMUENDAJÚ, S. PAULO. abril 1958.

Meador, Robert -- QUESTIONÁRIO PADRÃO. RIO DAS COBRAS (LARANJEIRAS). 1959.

FONÊMICA GUARANÍ, DIALETO DO RIO DAS COBRAS. 1959.

QUESTIONÁRIO PADRÃO, POSTO ANCHIETA, ITANHAEM, S. PAULO. maio 1959.

QUESTIONÁRIO PADRÃO, PI GUARITA, TENENTE PORTELA, RIO GRANDE DO SUL. junho 1959.

QUESTIONÁRIO PADRÃO, PI MATO QUEIMADO, RIO DAS COBRAS. junho, julho 1959.

QUESTIONÁRIO PADRÃO, PI NONOAI. junho, julho 1959.

QUESTIONÁRIO PADRÃO, PI XAPECÓ. junho, julho 1959.

ARQUIVADO:

Dooley, Kathie -- AVALIAÇÃO DO RE-PLANEJAMENTO DO  
PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO GUARANI.

Dooley, Robert -- A COMPONENTIAL ANALYSIS OF GUARANI  
KINSHIP TERMINOLOGY.

6 TEXTOS.

NASALIZATION IN GUARANI.

SENTENCE INITIAL ELEMENTS IN BRAZILIAN GUARANI.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAHIXKARYÁNAPUBLICADO:

Derbyshire, Desmond -- HISHKARYÁNA (KARÍB) SYNTAX STRUCTURE I: WORD, em International Journal of American Linguistics Vol. 27, pp. 125-142. abril 1961.

HISHKARYÁNA (CARIB) SYNTAX STRUCTURE II: PHRASE, SENTENCE, em International Journal of American Linguistics Vol. 27, pp. 226-236. julho 1961.

TEXTOS HIXKARYÁNA. Publicações Avulsas Nº 3. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 1965.

NOTAS COMPARATIVAS SOBRE TRÊS DIALETOS KARÍB, em Boletim do Museu Emílio Goeldi, nova série, Antropologia, Vol. 14, pp. 1-10. outubro 1961.

ARQUIVADO:

Derbyshire, Desmond -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. junho 1964.

PERFORMATIVES IN HIXKARYÁNA DISCOURSE.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAJAMAMADÍPUBLICADO:ARQUIVADO:

Campbell, Robert e Barbara -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS  
PADRÕES. novembro 1963-junho 1964.

JAMAMADÍ PRELIMINARY PHONEMIC STATEMENT.

Campbell, Barbara -- NARRATOR'S PERSPECTIVE IN JAMAMADÍ  
NARRATIVE DISCOURSE (A POSSIBLE EXPLANATION FOR  
-RA, -KE, AND -M VERB ENDINGS).

REPETITION IN JAMAMADÍ DISCOURSE.

Campbell, Robert -- JAMAMADÍ SENTENCES. 1969.

JAMAMADÍ SOURCE OF INFORMATION MARKERS.

JAMAMADÍ CLAUSE STRUCTURE.

VERIFICATION IN JAMAMADÍ QUOTATIONS.

MARCADORES DE FONTE DE INFORMAÇÃO NA LÍNGUA JAMAMADÍ  
(no prelo, Série Lingüística nº 7).

Moran, Paul E. -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
julho 1964.

Pickering, Wilbur e Ida Lou -- JAMAMADÍ WORD LIST. julho  
1962.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAKADIWÉUPUBLICADO:

Griffiths, Glyn e Cynthia -- ASPECTOS DA LÍNGUA KADIWÉU,  
Série Lingüística nº 6, SIL Brasília, 1976.

ARQUIVADO:

Griffiths, Glyn e Cynthia -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS  
PADRÕES. 1969.

Griffiths, Glyn -- A TENTATIVE PHONEMIC STATEMENT OF  
KADIWÉU. 1969.

KADIWÉU NOUNS.

THE INTERROGATIVE IN KADIWÉU.

THE PRONOUN SYSTEM IN KADIWÉU.

UMA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA.

Rowan, Orland -- VOCABULÁRIO KADIWÉU (400-WORD LIST).  
1958.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAKAINGÁNGPUBLICADO:

Kindell, Gloria -- KAINGÁNG BASKETRY, em Estudos Sobre Línguas E Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics, pp. 143-173. 1971.

Wiesemann, Ursula -- SEMANTIC CATEGORIES OF "GOOD" AND "BAD" IN RELATION TO KAINGÁNG PERSONAL NAMES, em Revista do Museu Paulista Vol. 12, pp. 177-184. 1960.

CHILDREN OF MIXED MARRIAGES IN RELATION TO KAINGÁNG SOCIETY, em Revista do Museu Paulista Vol. 12, pp. 315-317. 1964.

PHONOLOGICAL SYLLABLES AND WORDS IN KAINGÁNG, em Volkerkundliche Abhandlungen Vol. 1, pp. 307-313. 1964.

DIE PHONOLOGISCHE UND GRAMMATISCHE STRUKTUR DER KAINGÁNG-SPRACHE. Mouton, The Hague. 211pp. 1972.

PURIFICATION AMONG THE KAINGÁNG INDIANS TODAY, em Zeitschrift für Ethnologie Vol. 95, pp. 104-113. 1970.

TIME DISTINCTIONS IN KAINGÁNG, em Arbeitspapiere Zeitschrift für Ethnologie 99, 1-2. Köln (U) Braunschweig. 1974.

SOME TRANSLATION PROBLEMS IN ACTS, em Notes on Translation (Ixmiquilpan, Hidalgo, México) 33, 12.69, 20-27p. 1969.

ARQUIVADO:

Kindell, Gloria -- FONÊMICA KAINGÁNG. dezembro 1961.

Wiesemann, Ursula -- QUESTIONÁRIO PADRÃO (1-9). fevereiro-março 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. janeiro 1959.

HYPERPHONEMES IN KAINGÁNG. maio 1959.

NOTES ON PROTO KAINGÁNG. julho 1959.

NOTAS SÔBRE PROTO KAINGÁNG: UM ESTUDO DE QUATRO DIALETOS. 1959.

HYPERPHONEMES (1) IN KAINGÁNG. setembro 1963.

INTRODUÇÃO NA LÍNGUA KAINGÁNG. 1967.

KAINGANGARQUIVADO:

Wiesemann, Urusula -- NOTAS PARA UM ESTUDO COMPARATIVO  
DOS DIALETOS KAINGANG. 1963.

SWADESH-LOUKOTKA WORD LIST. 1963.

MUDANÇA DE PADRÃO DE AUTORIDADE ENTRE OS ÍNDIOS  
KAINGANG.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAKAIWÁPUBLICADO:

Bridgeman, Loraine I. -- PESQUISA LINGÜÍSTICA ENTRE OS KAIWÁ, em Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia, 10-13 de fevereiro de 1958. Recife. 1959.

KAIWÁ (GUARANÍ) PHONOLOGY, em International Journal of American Linguistics Vol. 27, pp. 329-334. outubro 1961.

ORAL PARAGRAPHS IN KAIWÁ (GUARANÍ). (Ph.D. thesis, Indiana U.) 1966.

Harrison, Carl H. e Taylor, John M. -- NASALIZATION IN KAIWÁ. (D. Bendor-Samuel, redator, Tupí Studies I), pp. 15-20. 1971.

Harrison, Carl H. -- KAIWÁ MORPHOPHONOLOGY, Oklahoma Series, Norman, Oklahoma. 1972.

Taylor, John e Audrey -- NOVE CONTOS CONTADOS PELOS KAIWÁ E GUARANÍ, em Revista de Antropologia Vol. 14, pp. 81-104. 1966.

ARQUIVADO

Bridgeman, Loraine -- NOTES ON STRESS AND RHYTHM IN KAIWÁ (GUARANÍ). 1959.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. março 1958.

ADMOESTAÇÕES EM KAIWÁ (GUARANÍ).

HORTATORY DISCOURSE IN KAIWÁ (GUARANÍ).

Bridgeman, Loraine e Borman, Lynn -- KAIOWÁ PHONEMES AND SYLLABLE STRUCTURE. setembro 1958.

VOCABULÁRIO KAIOWÁ (400-WORD LIST). 1958.

Taylor, Audrey -- GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA KAIWÁ. 1963.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. agosto 1968.

Taylor, John -- KAIWÁ CREATION MYTHS. abril 1961.

STATEMENT OF KAIWÁ GRAMMAR FROM CLAUSE TO MORPHEME LEVEL. abril 1966.

ESTUDO DA MARCAÇÃO DE TEMPO NA LÍNGUA KAIWÁ.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIA

KAMAYURÁ

PUBLICADO:

Harrison, Carl H. -- A FORMA LINGÜÍSTICA DE UMA TEORIA FOLCLÓRICA DOS KAMAIURÁS, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. II, Ano II. Rio de Janeiro, 81-98p. 1977.

Sälzer, Meinke. FONOLOGIA PROVISÓRIA DA LÍNGUA KAMAYURÁ, na Série Lingüística nº 5, SIL Brasília, DF. 1976.

ARQUIVADO:

Harrison, Carl H. -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. dezembro 1964.

Clapper, Carolyn e Sälzer, Meinke -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, REVISADO.

Sälzer, Meinke -- A TENTATIVE PHONEMIC ANALYSIS OF KAMAYURÁ.

A TENTATIVE KAMAYURÁ PHONOLOGY.

I. LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAKARAJÁPUBLICADO:

Fortune, David Lee e Gretchen Lois -- KARAJÁ MEN'S AND WOMEN'S SPEECH, DIFFERENCES WITH SOCIAL CORRELATES, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. 1, Ano 1. Rio de Janeiro, 109-124p. 1975.

Fortune, David Lee -- GRAMÁTICA KARAJÁ: UM ESTUDO PRELIMINAR EM FORMA TRANSFORMACIONAL, na Série Lingüística nº 1, SIL Brasília. 1973.

ARQUIVADO:

Fortune, David -- THE PHONEMES OF KARAJÁ. junho 1959.

Fortune, David e Gretchen -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. dezembro 1960.

THE PHONEMES OF THE KARAJÁ LANGUAGE. outubro 1963.

KARAJÁ GRAMMAR. março 1964.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. (REVISÃO). maio 1967.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIA

KARIPÚNA

PUBLICADO:

ARQUIVADO:

Tobler, Fredi -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.

Tobler, Fredi e Joy -- ANÁLISE PRELIMINAR DA FONOLOGIA  
KARIPÚNA.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAKARITIÂNAPUBLICADO:ARQUIVADO:

Bontkes, Willem -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
janeiro 1968.

Landin, David e Rachel -- A PRELIMINARY DESCRIPTION OF  
THE KARITIÂNA PHONOLOGICAL STRUCTURE (EMPHASISING  
THE LOWER LEVELS).

TEXTO KARATIÂNA.

SOME ASPECTS OF KARITIÂNA FOOD ECONOMY.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.

A PRELIMINARY REPORT ON KARITIÂNA SENTENCE STRUCTURE.

Landin, David -- HIGHER LEVEL CONJUNCTIONS IN KARITIÂNA.

Landin, Rachel -- KARITIÂNA CLAUSES.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAKAYABÍPUBLICADO:

Dobson, Rose -- NOTAS SOBRE SUBSTANTIVOS DO KAYABÍ, na Série Lingüística nº 1, SIL Brasília. 1973.

REPETIÇÃO EM KAYABÍ, na Série Lingüística nº 5, SIL Brasília. 1976.

ARQUIVADO

Gudschinsky, Sarah -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. dezembro 1962.

Dobson, Rose e Weiss, Helga -- KAYABÍ CLAUSE STRUCTURE. 1970.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. maio 1967.

KAYABÍ CLAUSE TYPES.

Dobson, Rose -- NOTES ON KAYABÍ DISCOURSE WITH SPECIAL REFERENCE TO REPETITION.

PHONEMIC STATEMENT OF KAYABÍ.

APAICÁ: FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.

Kindell, Gloria -- RELATÓRIO DA CONSULTA SOBRE ALFABETIZAÇÃO KAYABÍ.

Weiss, Helga -- MORPHOPHONEMICS IN KAYABÍ:

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAKAYAPÓPUBLICADO:

Stout, Mickey e Thomson, Ruth -- KAYAPÓ NARRATIVE, em International Journal of American Linguistics Vol. 37, pp. 250-256. outubro 1971.

ELEMENTOS PROPOSICIONAIS EM ORAÇÕES KAYAPÓ, na Série Lingüística nº 3, SIL Brasília. 1974.

MODALIDADE EM KAYAPÓ, na Série Lingüística nº 3, SIL Brasília. 1974.

FONÊMICA TXUKUHAMÊI (KAYAPÓ), na Série Lingüística nº 3, SIL Brasília. 1974.

Stout, Mickey (com materiais de Ruth Thomson e Earl Trapp) -- KAYAPÓ CONCORDANCE. University of Oklahoma Research Institute, Summer Institute of Linguistics, and National Science Foundation (EUA). Oklahoma. 1968.

ARQUIVADO:

Jefferson, Kathleen -- A ANÁLISE DAS CLÁUSULAS SEMÂNTICAS COM ENFOQUE NA APREDIZAGEM DA LÍNGUA KAYAPÓ. 1976.

WORKING IN DOMAINS.

Kindell, Gloria - RELATÓRIO DO SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO INDÍGENA KAYAPÓ.

Stout, Mickey -- KÜ-VERB PHENOMENA IN KAYAPÓ (NE AND KUTE CLAUSES).

Thomson, Ruth -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1965.

KAYAPÓ RELATIONSHIPS TERMS.

TEXTOS KAYAPÓ.

CONTRAFATUAIS EM KAYAPÓ.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIA

MAKÚ-HUPDA

PUBLICADO:

ARQUIVADO:

Wheatley, James e Scherling, David - RELATÓRIO DOS PRIMEIROS ESTUDOS DIALETAIS ENTRE OS MAKÚ.

Moore, Barbara -- SOME DISCOURSE FEATURES OF HUPDA MAKÚ.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAMAKÚ NADEBPUBLICADO:ARQUIVADO:

Moran, Paul -- FORMULÁRIO. 1965.

Boot, Joseph -- DESCRIPTION OF PHONEMES FOR THE MAKÚ  
(NADEB) LANGUAGE.

Boot, Lillian -- MAKÚ CLAUSE STRUCTURE.

Taylor, Maureen -- WOVEN HANDBANDS (ANTROPOLOGIA).

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIA

52  
MAKÚ-YAHUP

PUBLICADO:

ARQUIVADO:

Moran, Paul -- FORMULÁRIO. 1965.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAMAMAINDEPUBLICADO:

Kingston, Peter -- REPETITION AS A FEATURE OF DISCOURSE  
STRUCTURE IN MAMAINDE, em Notes on Translation  
(Dallas, EUA), 50, 12.73, 13-22p. 1973.

SUFIXOS REFERENCIAIS E O ELEMENTO NOMINAL NA LÍNGUA  
MAMAINDE, na Série Lingüística nº 5, SIL Brasília.  
1976.

ARQUIVADO:

Kingston, Peter -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
1966.

MAMAINDE SYLLABLES. 1970.

ESTILOS DE NARRAÇÃO. 1972.

NOMINALIZATIONS AND CONJUNCTIVES. 1972.

INDEPENDENT VERB AFFIXES. 1972.

REPETITION IN MAMAINDE DISCOURSE.

Kingston, Peter e Shirley -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS  
PADRÕES (edição definitiva).

Avery, Thomas L. -- MAMAINDE VOCAL MUSIC.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAMAXAKALÍPUBLICADO:

Gudschinsky, Sarah C., Popovich, Harold e Popovich, Frances -- NATIVE REACTION AND PHONETIC SIMILARITY IN MAXAKALÍ PHONOLOGY, em Language Vol. 46, pp. 77-88. março 1970.

Popovich, Harold -- LARGE GRAMMATICAL UNITS AND THE SPACE-TIME SETTING IN MAXAKALÍ, em Atas do Simpósio Sôber a Biota Amazônica Vol. 2, pp. 195-199. 1967.

THE SUN AND THE MOON, A MAXAKALÍ TEXT, em Estudos Sôbre Línguas E Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics. pp. 29-59. 1971.

MAXAKALÍ LANGUAGE, em Les Langues do Monde, França. 1970.

MAXAKALÍ NARRATIVE PARAGRAPHS AND THE SPACE/TIME MATRIX, em Language (no prelo 1974).

ARQUIVADO:

Popovich, Frances -- SEMANTIC DISTINCTIONS IN MAXAKALÍ KINSHIP TERMINOLOGY. Verão 1963.

MAXAKALÍ CONNECTIVES.

CONJUNÇÕES EM MAXAKALÍ.

Popovich, Harold -- MAXAKALÍ PARAGRAPH STRUCTURE. Verão 1963.

PARTICIPANTES, ENREDO, ADEREÇOS, LUGAR E TEMPO NOS DISCURSOS MAXAKALÍ, QUE TRATAM DE VIAGEM, INTERAÇÃO DE PARTICIPANTES, E SOLUÇÃO DE PROBLEMAS.

MAXAKALÍ MYTHS ON CULTURAL DISTINCTIONS.

Popovich, Harold e Frances -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1960.

MAXAKALÍ PHONEMES. 1960.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1962.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAMUNDURUKÚPUBLICADO:

Braun, Ilse e Crofts, Marjorie -- MUNDURUKÚ PHONOLOGY, em Anthropological Linguistics Vol. 7 (part II), pp. 23-39. 1965.

Crofts, Marjorie -- NOTAS SÔBRE DOIS DIALETOS DO MUNDURUKÚ, em Atas do Simpósio Sôbre a Biota Amazônica Vol. 2, pp. 85-91. 1967.

REPEATED MORPHS IN MUNDURUKÚ, em Estudos Sôbre Línguas E Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics. pp. 60-80. 1971.

CREATING A MUNDURUKÚ ORTHOGRAPHY, em Visible Language Vol. V, Nº 1. Cleveland, Ohio. 1971.

A PLEA TO DO DISCOURSE ANALYSIS NOW, em Notes on Translation (Dallas, TX) 54, 12.74, 13-15 p. 1974.

GRAMÁTICA MUNDURUKÚ, Série Lingüística Nº 2, SIL Brasília. 1973.

Sheffler, Margaret -- FOLK SOCIETY AND CULTURAL CHANGE ON THE MUNDURUKÚ SAVANNAH, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. 1, Ano 1. Rio de Janeiro, 109-124p. 1975.

MUNDURUKÚ, em International Journal of American Linguistics. Bloomington, Indiana. (No prelo, 1974).

RESULTS OF NETWORK DIAGRAMMING AS APPLIED TO THE REVISION OF MUNDURUKÚ MARK, em Notes on Translation (Ixmiquilpan, Hidalgo, México) 32, 10.69, 1-31p. 1969.

ARQUIVADO:

Braun Ilse e Crofts, Marjorie -- GRAMÁTICA PRÁTICA MUNDURUKÚ SEÇÃO I. 1962.

MUNDURUKÚ PHONEMIC STATEMENT. 1962.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1961.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1962.

MUNDURUKÚ PHONOLOGY. 1963.

GRAMÁTICA PRÁTICA DE MUNDURUKÚ, SEÇÃO II, III. 1964.

ARQUIVADO:

Crofts, Marjorie -- BRIEF OUTLINE OF MUNDURUKÚ CLAUSE  
NUCLEI.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1960.

IDEOFONES OU PRO-VERBOS NA NARRAÇÃO MUNDURUKÚ.

Sheffler, Margaret -- SYNTAX IN A CONTEXT WIDER THAN  
SENTENCE.

STRUCTURAL MODELS AND MUNDURUKÚ BEHAVIOR.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAMÚRA-PIRAHÃPUBLICADO:

Heinrichs, Arlo L. -- OS FONEMAS DO MÚRA-PIRAHÃ, em Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Vol. 21, pp. 1-9. maio 1964.

NOTAS PRELIMINARES SÔBRE NÚCLEOS ORACIONAIS, em Atas do Simpósio Sôbre a Biota Amazônica Vol. 2, pp. 127-131. 1967.

Sheldon, Steven -- SOME MORPHOPHONEMIC AND TONE PERTURBATION RULES IN MÚRA-PIRAHÃ, em International Journal of Linguistics. Indiana, E.U.A. 1974.

ARQUIVADO:

Heinrichs, Arlo -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1961.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1963.

Heinrichs, Arlo e Vi -- PHONEMIC STATEMENT. outubro 1963.

PRELIMINARY NOTES ON MÚRA-PIRAHÃ GRAMMAR. dezembro 1966.

Sheldon, Steven -- PRELIMINARY ANALYSIS OF THE VERB SUFFIX SYSTEM IN MÚRA-PIRAHÃ. agosto 1969.

A BEGINNING LOOK AT SURFACE STRUCTURE OF MÚRA-PIRAHÃ INDEPENDENT CLAUSES. agosto 1969.

SOME PIRAHÃ BELIEFS.

PIRAHÃ RELATIONALS, A BEGINNING ATTEMPT.

MÚRA-PIRAHÃ VERB SUFFIXES.

Sheldon, Linda -- GRAMÁTICA PEDAGÓGICA.

PUBLICADO:

Kroeker, Barbara J. -- MORPHOPHONEMICS OF NAMBIKUÁRA, em Anthropological Linguistics. Indiana, EUA, 14, 19-22p. 1972.

Kroeker, Menno H. -- CONDICIONAMENTO MÚLTIPLO DE VOGAIS NA LÍNGUA NAMBIKUÁRA, na Série Lingüística nº 5, SIL Brasília. 1976.

THE ROLE OF TONE IN NAMBIKUÁRA, em Arquivos de Anatomia e Antropologia Vol. II, Ano II. Rio de Janeiro, 119-143p. 1977.

THEMATIC LINKAGE IN NAMBIKWÁRA, em The Thread of Discourse. Mouton, The Hague, 1975. Autor: Dr. Joseph Grimes.

Lowe, Ivan -- ON THE RELATION OF FORMAL TO SEMANTIC MATRICES WITH ILLUSTRATIONS FROM NAMBIKUÁRA, em Foundations of Language. Dordrecht, Holanda, 8, 360-390p. 1972.

ARQUIVADO:

Kroeker, Barbara J. -- MORPHOPHONEMICS OF NAMBIKUÁRA. 1970.

Kroeker, Menno -- NAMBIKUÁRA PHONEMES. 1963.

NAMBIKUÁRA PRONOUNS. 1963.

NAMBIKUÁRA NOUN CLASSES. 1963.

Lowe, Ivan -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1960-1961.

DISTRIBUTION CHARTS. 1961.

PHONEMIC STATEMENT OF NAMBIKUÁRA. 1961.

FORMAL AND SEMEMIC STRUCTURES IN NAMBIKUÁRA VERBS. março 1966.

TOPICALIZAÇÃO EM LÍNGUA NAMBIKUÁRA.

Lowe, Margaret -- PARTICIPANTS IN NAMBIKUÁRA MYTHS AND FOLKTALES.

Kindell, Gloria -- RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA SOBRE A ORTOGRAFIA NAMBIKUÁRA.

RELATÓRIO SOBRE AS ATIVIDADES DA ESCOLA MONOLÍNGUE NAMBIKUÁRA.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAOIAMPIPUBLICADO:ARQUIVADO:

Harrison, Carl -- NOTAS SOBRE REGULARIDADES FONÉTICAS  
NA LÍNGUA WĀYĀPĪ.

Olson, Gary -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.

PHONEMIC STATEMENT OF WAIAMPĪ (OIAMPI).

Jensen, Allen -- 2 FORMULÁRIOS DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES  
(2 DIALETOS).

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAPALIKÚRPUBLICADO:

- Wise, Mary Ruth e Green, Harold G. -- COMPOUND PROPOSITIONS AND SURFACE STRUCTURE SENTENCES IN PALIKÚR (ARAWAKAN), em *Lingua* Vol. 26, pp. 252-280. 1971.
- Crofts, Marjorie -- AN INTRODUCTION TO QUESTION WORDS IN PALIKÚR, em *Notes on Translation* (Dallas, TX, EUA), 55, 3.75, 22,23p. 1975.
- Green, Harold e Diana -- QUESTION WORDS IN PALIKÚR, em *Notes on Translation* (Dallas, TX, EUA) 55, 3.75, 23-26p. 1975.

ARQUIVADO

- Boutle, Philip e Wendy -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. julho 1963.
- Green, Harold -- FORMULÁRIO DOS VACOBULÁRIOS PADRÕES. 1966.
- Green, Harold e Diana -- SURFACE STRUCTURE OF PALIKÚR GRAMMAR. 1972.
- 5 TEXTOS.
- Green, Diana -- O USO DO DISCURSO DIRETO NA NARRATIVA PALIKÚR.
- Dooley, Robert e Green, Harold -- ASPECTOS VERBAIS E CATEGORIAS A NÍVEL DE DISCURSO EM PALIKÚR. (No prelo, Série Lingüística nº 7.)

PUBLICADO:

Rowan, Orland -- PHONOLOGY OF PARESI (ARAWAKAN), em  
Acta Lingüística Hafniensia Vol. 10, pp. 201-210.  
1967.

SOME FEATURES OF PARESI DISCOURSE STRUCTURE, em  
Anthropological Linguistics 14 (4), 131-46p. 1972.

ARQUIVADO:

Rowan, Orland -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
1961.

PHONEMIC STATEMENT OF PARESI. abril 1961.

PARESI PHONEMES. novembro 1964.

ESTRUTURA DISCURSIVA PARECIS (no prelo, Série  
Lingüística nº 7).

PUBLICADO:

Pease, Helen e Betts, LaVera -- PARINTINTÍN PHONOLOGY, em Tupi Studies I. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields nº 29, Norman, Oklahoma. Summer Institute of Linguistics (of the University of Oklahoma). pp. 1-14. 1971.

Betts, LaVera -- PARINTINTÍN WORLD VIEW, em Notes on Translation 41. California, EUA. 1971.

ARQUIVADO:

Bontkes, Willem -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. agosto 1968.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (B). agosto 1968.

Betts, LaVera -- TRANSCRIPTIONS OF RECORDINGS OF TEXTS. dezembro 1967.

TRANSCRIPTION OF RECORDINGS. 1969.

PARINTINTÍN DISCOURSE. novembro 1969.

CONNECTIVES IN PARINTINTÍN.

Betts, LaVera e Pease, Helen -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. 1961-1962.

TEXTS. agosto 1967.

Lowe, Ivan -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. novembro 1960.

Pease, Helen -- TENTATIVE PHONEMIC STATEMENT. janeiro 1962.

TWO TSD REPORTS ON CLAUSES. junho 1967.

PARINTINTÍN GRAMMAR. 1968.

DISCOURSE AND PARAGRAPH. outubro 1969.

Pease, Helen e Betts, LaVera -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, REVISTO E CORRIGIDO. setembro 1968.

PARINTINTÍN PHONOLOGY. setembro 1968.

TENHARIM (dialeto semelhante ao Parintintín)

Heinrichs, Arlo -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. janeiro 1963.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAPAUMARÍPUBLICADO:

Chapman, Shirley -- SIGNIFICADO E FUNÇÃO DE MARGENS VERBAIS NA LÍNGUA PAUMARÍ, na Série Lingüística nº 5, SIL Brasília, 1976.

ARQUIVADO:

Pickering, Wilbur e Ida Lou -- PAUMARÍ WORD LIST. julho 1962.

Chapman, Shirley e Odmak, Mary Ann -- PAUMARÍ PHONEMIC STATEMENT. 1964.

PAUMARÍ MORPHOPHONEMICS.

Chapman, Shirley -- PROBLEMS IN PAUMARÍ ACCULTURATION.

PAUMARÍ INTERROGATIVES.

Odmak, Mary Ann -- RELATION OF DEEP STRUCTURE AND SURFACE STRUCTURE ON SENTENCE LEVEL IN PAUMARÍ. 1969.

DOIS CONETIVOS CONTRASTANTES DA LÍNGUA PAUMARÍ (no prelo, Série Lingüística nº 7).

Odmak, Mary Ann e Chapman, Shirley -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES. novembro 1964.

Odmak, Mary Ann e Landin, Rachel -- PAUMARÍ SOCIAL ORGANIZATION.

Odmak, Mary Ann -- OVERLAYS AND OTHER REPETITIONS IN PAUMARÍ.

PUBLICADO:

Boswood, Joan -- ALGUMAS FUNÇÕES DE PARTICIPANTE NAS ORAÇÕES  
Rikbaktsa  
CITAÇÕES NO DISCURSO NARRATIVO DA LÍNGUA RIKBAK TSA, na  
Série Lingüística nº 3, SIL, Brasília, 1974.  
EVIDÊNCIAS PARA A INCLUSÃO DO RIKBAK TSA NO FILO MACRO-  
JÊ na Série Lingüística nº 1, 1973.

ARQUIVADO:

Boswood, Joan -- RIKBAK TSA TRIAL ORTHOGRAPHY, outubro 1969.  
PHONOLOGY AND MORPHOLOGY OF RIKBAK TSA, 1971.

Mitchell, Valerie -- REPORT ON PHONEMICS, julho 1966.

Tremaine, Sheila-- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1962.

Tremaine, Sheila e Boswood, Joan -- RIKBAK TSA PHONEMICS, 1968.

PUBLICADO:

Graham, Albert e Graham, Sue -- CHARTING CHARACTER REFERENT TIES IN SATARÉ TEXTS, em The Bible Translator, Vol.17, pp.14-26, janeiro 1966.

COMPUTER PROJECT OF SATARÉ TEXTS . Summer Inst. of Linguistics, 1964.

ARQUIVADO:

Graham, Albert e Graham, Sue -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES , 1961.

PHONEMIC CHARTS, julho 1961.

PHONEMIC STATEMENT OF SATARÉ, dezembro 1961.

ALLOMORPHIC-MORPHOPHONEMICS, julho 1966.

Gudschinsky, Sarah -- QUESTIONÁRIO PADRÃO, 1960.

DATA FOR SURVEY, 1960.

I- LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIASURUÍARQUIVADO:

Bontkes, Willem e Bontkes, Carolyn -- PALAVRAS E EXPRESSÕES  
DA LÍNGUA SURUÍ , julho-agosto 1970.  
TENTATIVE PHONEMIC ANALYSIS OF SURUÍ.  
ON SURUÍ (Tupian) SOCIAL ORGANIZATION.

Bontkes, Carolyn -- TENTATIVE OBSERVATIONS OF MORPHOPHONEMIC  
CHANGES IN THE VERBS AND POSSESSED NOUNS OF SURUÍ.

I - LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIATERÊNAPUBLICADO:

- Bendor-Samuel, John T. -- SOME PROBLEMS OF SEGMENTATION IN THE PHONOLOGICAL ANALYSIS OF TERÊNA, em Word Vol.16, pp. 348-355, dezembro 1960.
- STRESS IN TERÊNA, em Transactions of the Philological Society for 1962, Oxford, pp.105-123, 1963.
- A STRUCTURE-FUNCTION DISCRPTION OF TERÊNA PHRASES , em Canadian Journal of Linguistics, Vol.8, pp.59.79, primavera 1963.
- SOME PROSODIC FEATURES IN TERÊNA, em In Memory of J.R. Firth (C.E.Bazell et alii eds.) London: Longman's Press. 30-39 p., 1966.
- Ekdahl, Muriel e Grimes, Joseph E. -- TERÊNA VERB INFLECTION, em International Journal of American Linguistics, Vol.30, pp. 261-268, julho 1964.
- REFERENTS IN TERÊNA. (Beekman, redator, Notes on Translation)., pp. 232-234, outubro 1965.
- Kietzman, Dale-- TENDÊNCIAS DE ORDEM LEXICAL DE ACULTURAÇÃO LINGUÍSTICA EM TERÊNA, em Revista de Antropologia, Vol. 6, pp.15-21, junho 1958.
- Butler, Nancy -- TEACHING SYLLABLES IN TERÊNA em Notes on Literacy, 13, 18 p., 1973.
- DERIVAÇÃO VERBAL NA LÍNGUA TERÊNA (No prelo:Série Lingüística nº 7)
- ARQUIVADO:
- Bendor-Samuel, John -- SOME PROBLEMS OF SEGMENTATION IN THE SEGMENTATION IN THE PHONOLOGICAL ANALYSIS OF TERENO, dezembro 1960.
- AN OUTLINE OF THE GRAMMATICAL AND PHONOLOGICAL STRUCTURE OF TERÊNA, maio 1961.
- Butler, Nancy -- VERB DERIVATION IN TERÊNA, 1970.
- MODO, EXTENSÃO TEMPORAL, TEMPO VERBAL E RELEVÂNCIA CONTRASTIVA EM TERÊNA.
- Butler, Nancy e Ekdahl, Muriel-- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, agosto 1968.
- TERÊNA DICTIONARY, 1969.
- Ekdahl, Muriel e Grimes, Joseph E. -- TERÊNA VERB INFLECTION, 1962.
- Ekdahl, Muriel e Perkins, Muriel-- TERENO PERSONAL INDICATORS, setembro 1958.
- TENTATIVE PHONEMIC STATEMENT OF TERENO, setembro 1958.
- Perkins, Muriel - QUESTIONÁRIO PADRÃO, 1967.

I- LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAURUBÚPUBLICADO:

Kakumasu, James Y -- URUBÚ SIGN LANGUAGE, em International Journal of American Linguistics, Vol.34, pp. 275-281, outubro 1968.

GRAMÁTICA GERATIVA PRELIMINAR DA LÍNGUA URUBÚ, na Série Lingüística nº 5, SIL, Brasília, 1976.

ARQUIVADO:

Kakumasu, James Y. -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1962-1963.

URUBÚ PHONEMIC STATEMENT, março 1964.

URUBÚ LEGEND TEXT, 1967.

URUBÚ PHONOLOGY, 1968.

Kakumasu, James Y. e Kakumasu, Kay -- URUBÚ GRAMMAR, 1968.

I- LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIAWAURÁPUBLICADO:

Jackson, Evelyn -- DISCURSO PROCESSUAL EM WAURÁ, em Arquivos de Anatomia e Antropologia, Inst. de Antropologia Prof. Souza Marques, Vol. II, Ano II, 1977.

Richards, Joan -- A LÍNGUA WAURÁ, ANÁLISE PROVISÓRIA DOS TIPOS DE ORAÇÕES na Série Lingüística nº 7 (no prelo) DIFICULDADES NA ANÁLISE DA POSSESSÃO NOMINAL NA LÍNGUA WAURÁ na Série Lingüística nº 1, 1973.

ARQUIVADO:

Bridgeman, Loraine -- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, agosto 1962.

Jackson, Evelyn -- FORMULÁRIO (PARCIAL) DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, julho 1966.

Jackson, Evelyn e Richards, Joan -- TENTATIVE PHONEMIC STATEMENT, dezembro 1966.

Richards, Joan-- PERSON MARKERS, agosto 1966.  
WAURÁ VERB STRUCTURE.

I- LINGUÍSTICA E ANTROPOLOGIA70  
XAVÂNTEPUBLICADO:

- Burgess, Eunice -- DUAS ANÁLISES DAS SÍLABAS DO XAVÂNTE, em Estudos Sobre Línguas E Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics, pp. 96-102. 1971.
- Gudschinsky, Sarah C. -- OFAIÉ-XAVÂNTE, A JÊ LANGUAGE, em Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas. Summer Institute of Linguistics, pp. 1-17, 1971.
- McLeod, Ruth -- LEARNING XAVÂNTE MONOLINGUALLY. (Healey, redator, Translator's Field Guide), Ukarumpa Summer Inst. of Linguistics, pp. 311-315, 1970.
- PARAGRAPH, ASPECT AND PARTICIPANT IN XAVÂNTE em Linguistics n° 132 (Moutun) The Hague, 1974.
- FONEMAS XAVÂNTE na Série Lingüística n° 3, SIL, Brasília, 1974.

ARQUIVADO:

- Burgess, Eunice -- XAVÂNTE PERSON AND NUMBER IN XAVÂNTE VERB CONSTRUCTIONS, abril 1961.
- XAVÂNTE VERB CONSTRUCTIONS, abril 1961.
- XAVÂNTE HYPERPHONEMICS, agosto 1961.
- Hall, Joan -- XAVÂNTE NOUN PHRASES; MORPHEME CLASSES, abril 1961.
- McLeod, Ruth -- SWADESH-LOUKOTKA WORD LIST, 1961.
- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1958-1960.
- QUESTIONÁRIO PADRÃO, 1960.
- XAVÂNTE TEXTS, novembro 1960.
- XAVÂNTE GRAMMAR, 1960.
- XAVÂNTE CLAUSE AND SENTENCE STRUCTURE, abril 1961.
- DISTRIBUTION OF XAVÂNTE PHONEMES-CHARTS, agosto 1960.
- XAVÂNTE PHONEMICS, dezembro 1961.
- Burgess, Eunice -- DISTRIBUIÇÃO DE INFORMAÇÃO E PROGRESSÃO TEMÁTICA NO DISCURSO XAVÂNTE.
- FOCAGEM E TÓPICO NA LÍNGUA XAVÂNTE.
- Mitchell, Valerie.-- TRANSCRIÇÃO DE HISTÓRIAS NA LÍNGUA XAVÂNTE.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIAPESQUISAS MENOS ESPECÍFICAS: PUBLICADOS

- Abrahamson, Arne -- GRAMMATICAL STRUCTURE OF CAYAP. Oklahoma Series. 1963.
- CONTRATIVE DISTRIBUTION OF PHONEME CLASSES IN ICUA TUPI, em Anthropological Linguistics Vol. 10, Nº 6, pp. 11-21. junho 1968.
- Beekman, John -- NOTES ON TRANSLATION, WITH DRILLS. Santa Ana, Summer Institute of Linguistics. 346p. outubro 1965.
- Borgman, Donald; Cue, Sandra; Seeley, Merril e Grimes, Joseph E. -- THE WAICAIN LANGUAGES, em Anthropological Linguistics Vol. 7, nº 7, part II, pp. 1-4. 1965.
- Bendor-Samuel, David, redator -- TUPI STUDIES I. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields Nº 29, Norman, Oklahoma. Summer Institute of Linguistics (of the University of Oklahoma). 1971.
- Bridgeman, Loraine e Gudschinsky, Sarah -- UM PLANO PARA PESQUISAS NAS LÍNGUAS TUPI. O Setor Lingüístico do Museu Nacional (Organização e Objetivos), pp. 17-25. 1965.
- Bridgeman, Loraine -- FURTHER CLASSES OF ADJECTIVES. Linguistics Research Project, Indiana University, Bloomington, Indiana, EUA. 1965.
- MORE CLASSES OF VERBS IN ENGLISH. Linguistics Research Project, Indiana University, Bloomington, Indiana, EUA. 1965.
- NOUNS BEFORE THAT CLAUSES IN ENGLISH. Linguistics Research Project, Indiana University, Bloomington, Indiana, EUA. 1965.
- Davis, Irvine -- COMPARATIVE JÊ PHONOLOGY, em Estudios Linguísticos 1. 1966.
- Derbyshire, Desmond -- NOTAS COMPARATIVAS SOBRE TRÊS DIALETOS KARÍBE, em Boletim do Museu Emílio Goeldi, nova série, Antropológica, Vol. 14, pp. 1-10. outubro 1961.
- Dooley, Robert A. -- EXTENDING A COMPLETE CONVEX METRIC. Proceedings of the Amer. Math. Society. Providence, RI, EUA. agosto 1972.
- FURTHER EXTENDING A COMPLETE CONVEX METRIC. Proceedings of the Amer. Math. Society. Providence, RI, EUA. setembro 1973.

I. LINGÜÍSTICA E ANTROPOLOGIA

PESQUISAS MENOS ESPECÍFICAS: PUBLICADOS

Wheatley, James -- POLITICAL STRUCTURE AND TRANSLATION,  
em Notes on Translation (Dallas, EUA), 48, 6.73,  
27-32p. 1973.

Wheatley, James e Meader, Robert E. -- INNOVATION, CUL  
TURE CHANGE AND TRANSLATION, em Notes on Translation  
(Dallas, EUA), 48, 6.73, 32-35p. 1973.

TRABALHOS GERAIS ARQUIVADOS NO MUSEU NACIONAL DO RIOAPIAKÁ

Gudschinsky, Sarah - QUESTIONÁRIO PADRÃO. setembro 1959.

ARARA ( Não Classificado)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
setembro 1968.

ARUA (Não Classificado)

Campbell, Robert - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES.  
fevereiro 1968.

BOTOCUDO (Crenaque ou Aimorê)

Stout, Miriam Elizabeth. Relatório lingüístico sobre pesquisa  
efetuada entre 11-17 de abril de 1973 na fazenda  
Casas Brancas- MG.

Bridgeman, Loraine- SWADESH-LOUKOTKA LIST, PI MAREANA, Minas  
Gerais, março 1958.

Wiesemann, Ursula- QUESTIONÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES,  
março 1958.

CAMPÉ (Não Classificado)

Bontkes, Willem- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (A),  
fevereiro 1968.  
FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (B), abril 1968.  
FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (C), abril 1968.  
FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (D), abril 1968.

CANOEIRO (Macro-Jê)

Cruse, Raymond - VOCABULÁRIO CANOEIRO, novembro 1960.

Gudschinsky, Sarah - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES,  
dezembro 1962.

Meador, Robert - CANOEIRO WORD LIST, agosto-setembro 1961.

Meech, David - CANOEIRO WORD LIST, agosto-setembro 1961.

Weissenburger, Peter - CANOEIRO WORD LIST, dezembro 1960.

DIARROI (Não Classificado)

Lowe, Ivan - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, novembro  
1960.

GALIBI (Karíb)

Boutle, Philip e Boutle, Wendy - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, junho 1963.

GAVIÃO (Não Classificado)

Bontkes, Willem- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, dezembro 1967.

GAVIÃO (Jê)

Callow, Kathleen- LIST OF GAVIÃO WORDS, WITH APINAYÉ EQUIVALENTS, junho 1959.

Ham, Patricia- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, outubro 1962.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, novembro 1962.

Ham, Patricia e Stout, Mickey - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, março 1961.

GUATÓ (Não Classificado)

Wilson, James - GUATÓ WORD LIST, agosto 1959.

IRANTXE (Não Classificado)

Meader, Robert - VOCABULÁRIO IRANXE (BRIEF SWADESH-LOUKOTKA LIST), junho 1959.

JABUTÍ (Não Classificado)

Campbell, Robert - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, fevereiro 1968.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, agosto 1968.

JARUÁRA (Aruak)

Pickering, Wilbur e Pickering, Ida Lou- JARUÁRA WORD LIST, julho 1962.

JÊ

Davis, Irvine - COMPARATIVE JÊ PHONOLOGY, abril 1964.

Stout, Mickey - TIMBIRA-JÊ ESTUDO INICIAL SOBRE A INTELIGIBILIDADE MÚTUA ENTRE OS DIALETOS JÊ DO BRASIL.

KAMAYURA (Tupí-Guaraní)

Harrison, Carl H. - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES,  
dezembro 1964.

KAMPA (Aruak)

Boutle, Philip Ernest - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES,  
agosto 1964.

KANOÉ (Não Classificado)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, outubro  
1967.

KARÍB

Derbyshire, Desmond - NOTAS COMPARATIVAS SOBRE 3 DIALETOS  
KARÍB, outubro 1961.

KASHINÁWA (Pano)

Boutle, Philip Ernest - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES,  
agosto 1964.

KASUPÁ ( Não Classificado)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, outubro  
1968.

KATXHÚYANA (Karíb)

Derbyshire, Desmond - REPORT ON THE KATHÚYANA (KARÍB) LANGUAGE,  
outubro 1958.

KRIKATI (Jê)

Ham, Patricia - FORMULÁRIO KRIKATI, outubro 1962.  
FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, novembro 1962.

MAKÚ (Tucano)

Moran, Paul - FORMULÁRIO, 1965.

MAKURAP (Tupí-Guaraní)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, outubro 1967.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (A), fevereiro 16,17, 1968.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (B), fevereiro 25, 1968.

FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES (C), fevereiro 23,24,1968.

MARÚBU (Pano)

Boutle, Philip Ernest- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, julho 1964.

MEQUEN (Não Classificado)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, outubro 1967.

MIQUELENO (Não Classificado)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, maio 1968.

MUKURÚ- DANI (Aruak)

Moran, Paul E. - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, julho 1964.

ADDITIONAL WORDS TO FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, agosto 1964.

MUNDÊ (Tupí-Guaraní)

Pickering, Wilbur- FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, março 1968.

OFAYÉ-XAVÂNTE (Jê)

Gudschinsky, Sarah - UMA LÍNGUA JÊ, 1966.

PAKAS NOVAS (Txapakúra)

Sheldon, Steven - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1968.

SABONÊS (Nambikwára)

Pickering, Wilbur - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, março 1968.

TAPIRAPÉ (Tupí-Guaraní)

Gudschinsky, Sarah - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, março 1963.

TIKÚNA (Não Classificado)

Lowe, Ivan - QUESTIONÁRIO PADRÃO, 1959.  
 KINSHIP TERMS IN TIKÚNA, 1960.  
 TIKÚNA NOUN AND VERB MORPHOLOGY, 1960.  
 TIKÚNA PHONEMICS, 1960.  
 A PRELIMINARY SURVEY OF TIKÚNA SYNTAX, 1960.

TIMBIRA (Jê)

Gudschinsky, Sarah - QUESTIONÁRIO PADRÃO, dezembro 1959.  
 Kakumasu, James - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, junho 1962.

TRUMÁI (Não Classificado)

Bridgeman, Loraine - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1962.  
 TRUMÁI WORD LIST, 1962.

TUPARÍ (Tupí-Guaraní)

Campbell, Robert - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1968.

TUPÍ

Bridgeman, Loraine e Gudschinsky, Sarah - UM PLANO PARA PESQUISAS NAS LÍNGUAS TUPÍ, julho 1959.

TUPÍ-GUARANÍ

Bridgeman, Loraine - PRELIMINARY NOTES ON A COMPARATIVE STUDY OF 5 TUPÍ-GUARANÍ LANGUAGES.

TUPINAMBÁ (Tupí-Guaraní)

Kakumasu, James - GLOSSARY IN TUPINAMBÁ, 1967.

URAGUAYANA (Karíb)

Weissenburger, Peter - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES,  
1961.

NAMES OF CULTURAL ITEMS: URUGUAYANA-APARAÍ, 1961.

URUMÍ (Tupí-Guaraní)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1968.

WAYORÓ (Não Classificado)

Bontkes, Willem - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, 1968.

XETÁ (Tupí-Guaraní)

Bridgeman, Loraine- LIST FROM MUSEU PARANAENSE, fevereiro  
1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI GUARAPUAVA, RIO DAS COBRAS,  
fevereiro 1958.

QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI APUCARANA, março 1958.

Gudschinsky, Sarah e Bridgeman, Loraine- QUESTIONÁRIO PADRÃO,  
julho 1959.

Wiesemann, Ursula - QUESTIONÁRIO PADRÃO. PI GUARAPUAVA, RIO  
DAS COBRAS, 1958.

XIKRIN (Jê)

Ham, Patricia - FORMULÁRIO DOS VOCABULÁRIOS PADRÕES, março  
1963.

S E Ç Ã O IV

RELAÇÃO DE CARTILHAS, TEXTOS, ETC. JÁ PUBLICADOS,  
NO PRELO E EM FASE DE ORGANIZAÇÃO:

- resumo
- elaboração

S E Ç Ã O IV - PUBLICAÇÕES DIDÁTICAS (cartilhas,  
livros de leitura, textos e outros)

RESUMO: livros publicados 240  
no prelo ou em fase 15  
de organização

IV - L I N G U Í S T I C A A P L I C A D A

LIVROS DIDÁTICOS- GERAIS

Kerr, Joyce - ARTIMÉTICA para usar nas escolas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro, Summer Institute of Linguistics. 1970. 4 livrinhos.

LEITURA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Summer Institute of Linguistics. 1970. 2 livrinhos.

PORTUGUÊS PARA VOCÊ. Para usar nas escolas indígenas da selva brasileira. Rio de Janeiro, Summer Institute of Linguistics. 1970. 2 livrinhos.

LIVRO DE PRÉ-ESCRITA. Para usar nas escolas indígenas da selva brasileira. Summer Institute of Linguistics, 1970.

Wiesemann, Úrsula - APRENDER É DIVERTIDO.

Newman, Bárbara- MATEMÁTICA I e II.

LINHAS BÁSICAS DE ESCRITA.

GUIA DIDÁTICO PARA MONITORES BILINGUES

LIVROS DIDÁTICOS EM ELABORAÇÃO:

Matemática III e IV.

Estudos Sociais

LIVROS DIDÁTICOS ESPECÍFICOS PARA AS TRIBOS:

GRUPO/LÍNGUA	LIVROS	TOTAL	ANO PUBLIC. OU ELABORAÇÃO	TIRAGEM
APALAI	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	6	1974	reduzida, só para uso na aldeia
APINAYÉ	Histórias Apinayé	1	1962	25
	Livro de lendas- 1	1	1966	
	Livro de lendas- 2	1	1968	200
	Leitura suplementar da cartilha n° 7	1	1967	

## LIVROS DIDÁTICOS ESPECÍFICOS PARA AS TRIBOS:

GRUPO/LÍNGUA	LIVROS	TOTAL	ANO PUBLIC. OU ELABORAÇÃO	TIRAGEM
APINAYÉ (cont.)	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	10	1974, 1977	reduzida
BAKAIRÍ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	8	1975	reduzida
CANELA-KRAHÔ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	C-8 K-13	1974	reduzida
CINTA LARGA	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	6	1977	reduzida
DENÍ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	8	1977	reduzida
GUAJAJÁRA	Hábitos de higiene e saúde História sobre o 1º encontro de monitores bilingües . Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	1 1 13	1970 1976 1974	800  reduzida

LIVROS DIDÁTICOS ESPECÍFICOS PARA AS TRIBOS:

GRUPO/LÍNGUA	LIVROS	TOTAL	ANO PUBLIC. OU ELABORAÇÃO	TIRAGEM
GUARANÍ	O casamento do leão com a filha do veado	1	1966	100
	Vamos adivinhar	1	1976	100
	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	14	1977	reduzida
JAMAMADÍ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	3	1976	reduzida
KAINGÃNG	Dicionário Kaingãng-Português	1	1971	650
	Livro de leitura	1	1971	
	Leitura suplementar das cartilhas 1 e 2	1	1977	2000
	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	27	1974	reduzida
KAIWÃ	Literatura Indíg. Kaiwã	1	1977	500
	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	6	1977	

## LIVROS DIDÁTICOS ESPECÍFICOS PARA AS TRIBOS;

GRUPO/LÍNGUA	LIVROS	TOTAL	ANO PUBLIC. OU ELABORAÇÃO	TIRAGEM
KARAJÁ	Livros de escrita Aritmética 1-3 Família de João e Maria e vida sadia	2 3 1	1964 1964 1975	500
KARITIÂNIA	Livrinhos em forma mimeo- grafada, escritos por auto- res indígenas.	7	1977	reduzida
KAYABÍ	Livrinhos em forma mimeo- grafada, escritos por au- tores indígenas	29	1975, 1977	reduzida
KAYAPÓ	Livrinhos em forma mimeo- grafada, escritos por auto- res indígenas	25	1974, 1976	reduzida
MAXAKALÍ	Livro de leitura Livro de conhecimentos gerais Livrinhos em forma mimeo- grafada, escritos por au- tores indígenas	1 1 10	1968 1968 1977	400 400 reduzida
MUNDURUKŪ	Livros de leitura Livrinhos em forma mimeo- grafada, escritos por au- tores indígenas	4 48	1965 1976	1000 de cada reduzida
NAMBIKUÁRA	Livrinhos em forma mimeo- grafada, escritos por au- tores indígenas	12	1975	reduzida

LIVROS DIDÁTICOS ESPECÍFICOS PARA AS TRIBOS:

GRUPO/LÍNGUA	LIVROS	TOTAL	ANO PUBLIC. OU ELABORAÇÃO	TIRAGEM
PALIKŪR	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	10	1974	reduzida
PARECIS	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	8	1975	100 de cada
	Livros de leitura	3	1975	
PARINTINTÍN	Livros de leitura	2	1962, 1972	reduzida
	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	10	1977	
PAUMARÍ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	12	1976	reduzida
RIKBAK TSA	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	10	1975	reduzida
SATERÉ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	8	1974	reduzida
SURUÍ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	9	1976	reduzida
TERÊNA	Pensamentos que fazem bem ao corpo	1	1968	700
	Pensamentos que fazem bem à alma	1	1969	600
	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	5	1975	reduzida

LIVROS DIDÁTICOS ESPECÍFICOS PARA AS TRIBOS:

GRUPO/LÍNGUA	LIVROS	TOTAL	ANO PUBLIC. OU ELABORAÇÃO	TIRAGEM
URUBÚ	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	18	1974	reduzida
XAVÂNTE	A história de algumas invenções do homem	1	1973	500
	Livro de escrita	2	1972	500 de cada
	Aritmética 4	1	1972	1000
	Livrinhos em forma mimeografada, escritos por autores indígenas	12	1974, 1975	

CARTILHAS

TRIBO	TOTAL	ANO PUBLICAÇÃO	TIRAGEM	COLABORAÇÃO COM
APALAI	1 (edição experim.) 4 (1-4)	1965 1968	25 exemplares 1,2,3 - 50 exempl. 4 - 25 "	
APINAYÉ	1 9 (2-10) 3 (3,4 - 2ª edição, 11 ) 4 (1-4) edição experim. 4 (1-4)	1962 1963 1967 1973 1976	esgotada " " 50 exempl. de cada 400 exempl. de cada	MINTER/FUNAI
APURINÁ	1 (edição experim.) 3 (1-3)	1965 1972	200 exempl. de cada	
CANELA	3 (1-3) edição experim.	1973	200 exempl. de cada	MINTER/FUNAI
GUAJAJÁRA	1 (nº 2) 1 (nº 3) 1 (nº 1 - revisada)	1972 1973 1976	1000 exemplares 1000 " 500 "	MINTER/FUNAI MINTER/FUNAI MINTER/FUNAI
GUARANI	2 (1,2) 2 (3,4) 2 (5,6)	1965 1966 1971	100 exempl. de cada 100 " " " 250 " " "	
HIXKARIÁNA	1	1961	esgotada	

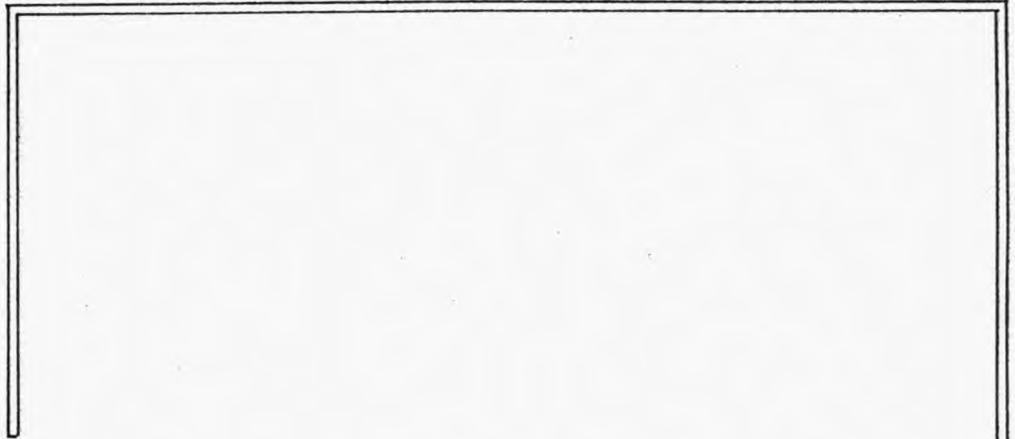
MRB. 18, p. 95/186

TRIBO	TOTAL	ANO PUBLICAÇÃO	TIRAGEM	COLABORAÇÃO COM
KAINGANG	2 (1,2)	1961	esgotada	FUNAI
	7 (3-9)	1963	"	
	1 (1-dialeto do sudeste)	1968	200 exemplares	
	1 (1- " " sudoeste)	1968	300 "	
	1 (1- " central )	1968	200 "	
	3 (2,3,4 nos dialetos centr, sudeste e sudoeste)	1971	2 e 3 - 500 exempl. 4 - 400 "	
	4 (1-4 no dialeto do Paraná)	1971	1- 200 exempl. 2,3,4 - 250 exempl.	
	1 (dialeto central)	1973 2 <sup>a</sup> ed.	100 exempl.	
	1 ( " sudoeste)	1973 "	200 "	
	1 ( " do Paraná)	1973 "	200 "	
1 ( " do sudeste )	1973 "	200 "		
2 (1,2)	1977	2000 exempl. de cada	MINTER/FUNAI	
KAIW�	8 (1-8)	1963	700 exempl. de cada	MINTER-FUNAI MINTER/FUNAI
	3 (1,2,3) - 2 <sup>a</sup> edi�o	1971	200 " " "	
	4 (1-4) - 3 <sup>a</sup> "	1974	1000 " " "	
KAYAPÓ	3 (1-3)	1975	800 exempl. de cada	FUNAI
KARAJÁ (continua)	3 (1-3)	1963	esgotada	FUNAI
	1 (cartilha de transi�o: Karajá-Portug.)	1964	"	
	3 (1-3) 2 <sup>a</sup> edi�o	1964	"	
	4 (1,1a, 2,3 ) - 3a ed.	1972	500 exempl. de cada	

CARTILHAS (continuação)

TRIBO	TOTAL	ANO PUBLICAÇÃO	TIRAGEM	COLABORAÇÃO COM
KARAJÁ (contin.)	2 (1,3)- 4 <sup>a</sup> ed.	1975	1-500 exempl. 3-300 "	FUNAI
	2 (2,4) "	1975	2-300 " 4-200 "	FUNAI
MAXAKALÍ	4 (1-4)	1966	400 exempl. de cada	
MUNDURUKÚ	5 ( 1-5)	1965	2-350 exempl. 3,4,5 - 1000 exemp. cada	
	1 (nº 2)	1965	1000 exemplares	
	1 (nº 1)	1966	1000 "	
PARECIS	4	1973	1,2 - 100 exempl. 3,4 - 150 exempl.	MINTER/FUNAI
PALIKÚR	3	1970	200 exempl. de cada	
PARINTINTÍN	7 (1-7)	1972	240 exempl. de cada	FUNAI
PAUMARÍ	1 (nº 1)	1971	200 exempl.	FUNAI
	3 ( 2,3,4)	1972	200 exempl. de cada	FUNAI
	1 (nº 5)	1975	200 "	FUNAI
RIKBAK TSA	1 ( de transição)	1974	50 exemplares	MINTER/FUNAI
	4	1975	60 exempl. de cada	MINTER/FUNAI

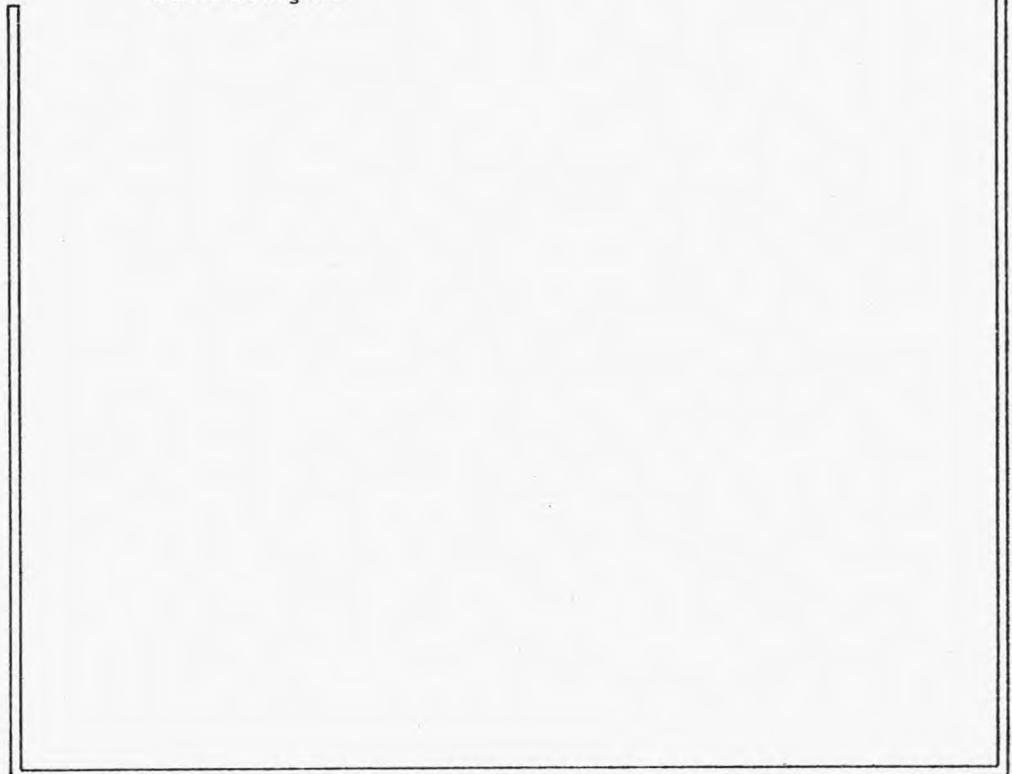
TRIBO	TOTAL	ANO PUBLICAÇÃO	TIRAGEM	COLABORAÇÃO COM
SATERÉ- MAWÉ	2 (1,2)	1962	esgotada	MINTER/FUNAI
	1 (3)	1965	"	
	1 - 2ª edição	1973	500 exemplares	
TERÊNA	12 (1-12)	1959	esgotada	MINTER/FUNAI
	5 (13-17)	1959	"	
	3	1968	600 exemplares/cada	
	4 + 2 manuais- 2ª edição	1976	500 exemplares/cada	
URUBÚ	1 (Cartilha-ABC)	1969	50 exemplares	MINTER/FUNAI
	5	1969	50 exemplares de cada	
	5	1975	150 exemplares/cada	
XAVÂNTE	2 (1,2)	1965	esgotada	FUNAI MINTER/FUNAI
	2 (3,4)	1966	"	
	1 (5)	1967	"	
	1 (6)	1971	500 exemplares	
	6 (1-6)	1972	500 exempl. de cada	
	5 (ortografia nova+ manual do prof. )	1976	500 exempl. de cada	



S E Ç Ã O V

EDUCAÇÃO INDÍGENA:

- esboço
- elaboração



EDUCAÇÃO INDÍGENAEsboçoMETODOLOGIA DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO INDÍGENA

- I UMA VISÃO GLOBAL DE EDUCAÇÃO INDÍGENA
  - Introdução
  - Metas de educação indígena
  - Etapas de um programa de educação indígena
  
- II ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA INDÍGENA
  - Elaboração de material didático pré-escolar
  - A cartilha de alfabetização
  - A lingüística aplicada ao ensino de símbolos novos
  - A análise gramatical aplicada à alfabetização
  - Guias do professor
  
- III A PRODUÇÃO DE LITERATURA INDÍGENA
  - A base filosófica de produção de literatura indígena
  - Seminários para treinamento de escritores indígenas
  
- IV TREINAMENTO DE MONITORES BILINGÜES-BICULTURAIIS
  - Seleção de monitores
  - Objetivos do treinamento
  - Programação
  
- V PROGRAMA DE ENSINO BILINGÜE-BICULTURAL
  - Conteúdo programático do curso
  - Curso de Português Oral
  - Material de transição

## I UMA VISÃO GLOBAL DE EDUCAÇÃO INDÍGENA

Introdução

A educação de grupos lingüísticos minoritários vem assumindo no mundo de hoje, um papel de crescente importância. No Brasil, as tentativas de escolarização de índios, realizadas nos últimos 65 anos, pelas mais diversas instituições e em moldes da tradicional educação nacional, redundaram em completo fracasso. Tais tentativas têm contribuído, sobremaneira, para acentuar a marginalização dos povos tribais e agravar as acusações internacionais contra o Brasil, quanto ao extermínio cultural dos povos acima referidos (7).

Por outro lado, as experiências de educação bilingüe-bicultural têm atingido resultados bastante positivos. Estes programas elaborados conforme as necessidades e peculiaridades próprias dos grupos indígenas, consistem basicamente em: 1) alfabetizar o índio em sua língua materna e utilizar a mesma como o meio de transmitir os primeiros conceitos de comunicação e expressão, estudos sociais e ciências, e 2) simultaneamente permitir a aprendizagem da língua portuguesa e dos valores culturais brasileiros.

Por definição, educação bilingüe-bicultural não é simplesmente "educação para bilingües" - nem um simples programa de "Português para estrangeiros", apesar do Português ser uma parte indispensável do ensino. Ao contrário, é um programa educacional em que duas línguas são usadas como meios de instrução (9), e duas culturas, a indígena e a nacional, são expostas e comparadas, a fim de possibilitar aos indígenas uma integração conscientizada e positiva.

Na opinião de muitos educadores, indigenistas, antropólogos, lingüistas e membros de comunidades indígenas, há grandes vantagens no uso da língua materna na escola, não somente para fins educacionais, como também para o melhor domínio da língua nacional e interação com a cultura da sociedade envolvente. Beltrán

(2) afirma que, não obstante o aparente desperdício de energias, tempo e dinheiro que entram na alfabetização numa língua materna - que carece de literatura própria - não há método mais adequado para alcançar resultados duráveis.

Em seu excelente manual de educação bilingüe, Saville e Troike (9) destacam algumas vantagens conceituais para a criança que não fala a língua nacional:

"A criança não começa a aprender ao chegar à escola. A educação começa na infância, e uma boa parte do sistema de sons e da estrutura gramatical da língua nativa da criança é dominada antes dela completar cinco anos. Sua língua reflete e tem raízes num jogo de valores ligados a um determinado grupo. Já está relacionado a uma maneira de sentir, pensar e agir.

Um axioma de educação bilingüe afirma que o melhor meio de ensino é a língua materna do aluno. O uso da língua nativa para instrução na sala de aula, permite que a educação da criança continue, sem interrupção, do lar à escola, possibilitando o progresso imediato na formação de conceitos, em vez de adiar o desenvolvimento até que seja aprendida uma nova língua. Havia certa resistência a esta filosofia, principalmente, por parte de quem acha que falar outra língua talvez impeça o aprendizado do Português. Experiência recente em muitos lugares, porém, prova que um domínio igual ou melhor da segunda língua é alcançado, se a escolarização começa com a língua materna como o meio de instrução com a introdução gradativa da segunda língua.

Um relatório de um estudo da UNESCO sobre o uso da língua vernácula (10) na educação cita fatores psicológicos, sociológicos e educacionais que constituem o uso da língua materna para a instrução de uma criança: Psicologicamente, é o sistema de sinais significativos, que na sua mente funciona automaticamente na expressão e no entendimento; sociologicamente, é um meio de identificação entre os membros da comunidade a que pertence; e educacionalmente, ela aprende mais rapidamente através dela do que através de um meio lingüístico que não lhe seja familiar.

A criança que assiste aulas numa língua estrang

geira, enfrenta dificuldades quase insuportáveis. Conforme Goodman, um especialista em educação e psicolinguística, o enfoque na alfabetização tem que ser no aprender a ler. Nenhuma tentativa em substituir a língua materna da criança, pode ser permitida a entrar neste processo ou interferir nele (3).

Talvez o papel mais importante da educação bilingüe, seja o alcance de uma integração adequada. Através de explicações dadas na língua materna, a criança consegue entender muito melhor e transmitir para os pais os conceitos e valores da cultura nacional.

Ascarrumz, educador boliviano (1), crê que a grande obra de reintegração social e cultural, empregando os sistemas tradicionais, não alcançará o êxito ou resultado desejado, mas encontrará, como sempre, a barreira linguística. Ele insiste num programa de alfa betização e educação dos grupos étnicos, no idioma que eles falam, na própria língua materna.

Acrescenta ainda, que, visto a integração cultural ser consequência do intercâmbio de idéias, através do ensino na língua materna, a informação e comunicação se produzem dentro e fora da escola e transmitem à comunidade e ao lar, os elementos de conhecimento conceitual, exercendo assim imediatamente, uma influência cultural decisiva (1).

Na prática, educação bilingüe inclui escolas com uma só matéria ministrada na língua materna; outras com a metade das matérias na língua materna e a outra metade na língua nacional; e até algumas com uma só matéria na língua nacional. Na maioria dos programas nas Américas, a língua materna é usada somente nos pri meiros anos, servindo assim como uma "ponte" para o aluno se integrar a um programa escolar ministrado totalmente na língua nacional. Na Europa, é comum ministr ar instrução simultânea em duas línguas, a todos os estudantes.

Existem tantas variedades de educação bilingüe, que Mackey, e o Diretor do Centro Internacional de Bilingüismo, sugere um conjunto de uns 250 tipos integrados de ensino, baseados nos padrões distributivos das línguas no lar, na comunidade e no país (6). Determina-se o melhor programa de ensino para um deter-

minado grupo lingüístico minoritário, somente, através de pesquisas quanto às situações sociolingüísticas, políticas e econômicas da região. Incluem-se variáveis como: a situação de contato vivida pela sociedade tribal; a população e distribuição demográfica; o uso preferencial das línguas indígenas e nacional, o parecer da comunidade em relação à educação, e os sistemas indígenas de cognição e aprendizagem.

Evidentemente, cada situação lingüística exige uma programação específica decorrente da necessidade de adequar os métodos e materiais de ensino às particularidades sócio-psicolingüísticas implícitas.

#### Metas de educação indígena

O Instituto define nos seguintes termos as suas metas de educação indígena (4).

1. Estabelecimento de alfabetização como valor comunitário.

Entende-se como "alfabetizada" aquela pessoa que numa língua que fala, pode ler e entender tudo que poderia compreender se fosse falado; e que pode escrever, de modo compreensível para os outros, tudo o que queria ou poderia dizer oralmente.

Numa comunidade alfabetizada, as pessoas não só lêem como também escrevem. A maioria dos recém-alfabetizados deve escrever cartas, contribuir para uma revista ou boletim de notícias de seu grupo, e produzir narrativas, poesias, autobiografias, relatórios de viagens, etc., para serem lidos por outros. O material produzido pelos estudantes das classes de alfabetização para adultos, ou de educação bilingüe para crianças, deve fazer parte da biblioteca da aldeia, para ser lido pelos próprios colegas e por outros. As melhores composições - as mais populares ou lidas - devem ser mimeografadas para maior distribuição. Cada comunidade deve ter à sua disposição uma máquina de escrever e um mimeógrafo para que os próprios autores possam providenciar a distribuição de suas composições na vizinhança.

2. Preparação e publicação de uma literatura vernácula adequada como precursora à leitura do Novo Testamento.

O primeiro passo na criação de uma comunidade alfabetizada é o desenvolvimento de uma literatura vernácula, embora esta não seja muito variada no começo. Os primeiros materiais podem ser a literatura oral do

povo, ou textos variados transcritos de gravações magnéticas. Uma reserva de tais materiais deve existir, pelo menos em forma datilografada, antes de se iniciar qualquer programa de ensino geral, pois a existência de materiais para as pessoas lerem, é o motivo mais importante da aprendizagem de leitura.

Um ambiente motivador de alfabetização deve também incluir a prática de epistolografia, boletins públicos, jornais de cordel, cartilhas pré-primárias de tipo variado, e a venda de calendários.

3. Treinamento de autores indígenas e desenvolvimento dos meios de distribuição para possibilitar a constante produção literária.

Com a alfabetização de um número crescente de pessoas, deve aumentar a motivação geral. Tal comunidade, com amplo gosto pela leitura e produção da mesma, deve desenvolver autores capazes de escrever para um público nacional - na língua nacional ou em tradução. Na medida em que for intensificado o uso da língua nacional, existirá também um público receptivo à literatura naquele idioma.

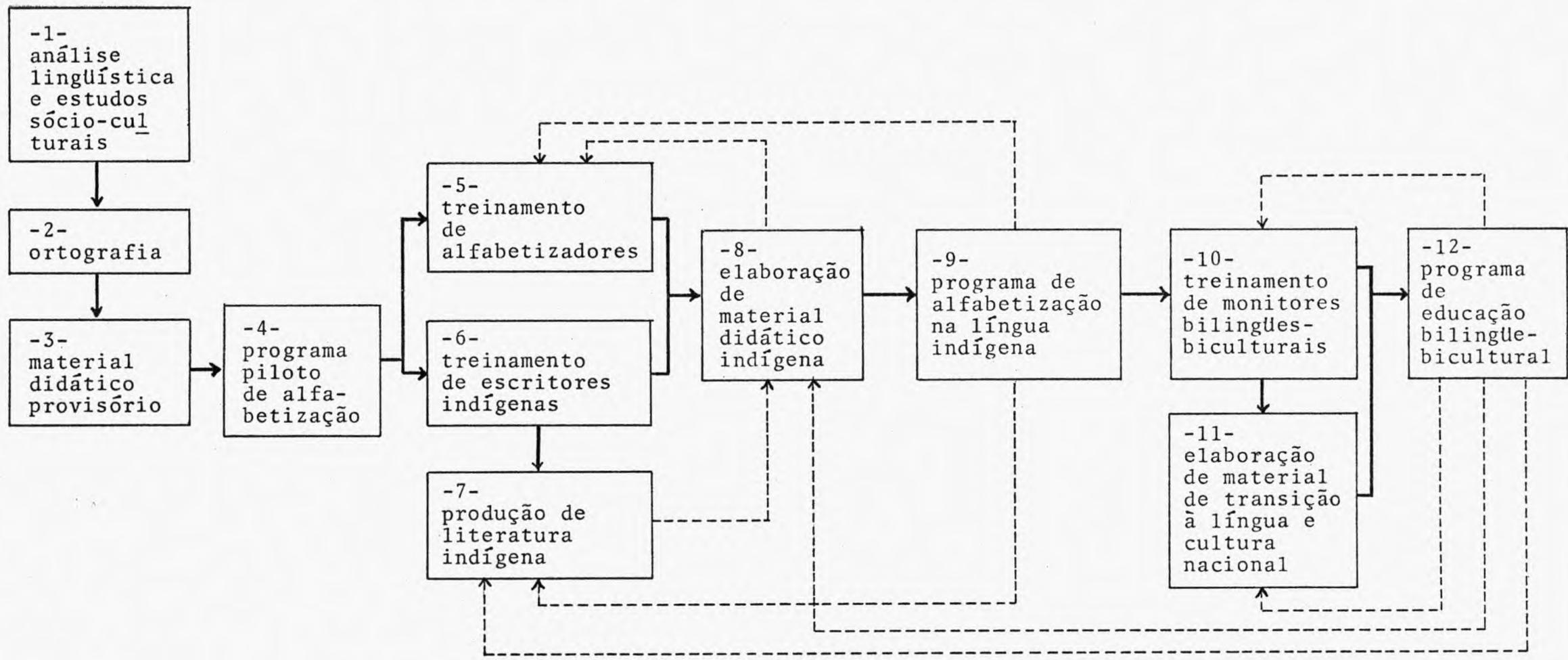
4. Preparação de materiais pedagógicos e treinamento de professores, na formação do núcleo de um programa de desenvolvimento, que intensifique a alfabetização no vernáculo, tanto de adultos como de crianças.

5. Criação de uma ponte, ou transição, para a aprendizagem de uma segunda língua quando necessária (note-se que a alfabetização de adultos e o ensino bilingüe de crianças não são mutuamente exclusivos, mas sim complementares).

#### Etapas de um programa de educação indígena

A estratégia recomendada para o alcance destes objetivos educacionais está descrita em termos de doze etapas, expostas no diagrama "Etapas de um programa de educação indígena." É um modelo simples, que em seus mínimos detalhes se torna adaptável às necessidades de cada grupo tribal. Cada etapa do programa visa a total participação da comunidade indígena. É um programa de lingüística e sóciolingüística aplicadas, de um tipo não-dirigido, em que o papel do lingüista é de facilitar, e não dirigir, a comunidade no seu processo de mudança educacional.

ETAPAS DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INDÍGENA



### 1. Análise linguística e estudos sócio-culturais

A análise dos sistemas fonológico, gramatical e semântico de uma língua é o requisito de um programa de linguística aplicada à educação. A aprendizagem da língua tribal e a decorrente liberdade de conversar com os indígenas sobre todos os aspectos da vida, possibilitam estudos sócio-culturais profundos e penetrantes, junto com a conscientização da comunidade quanto às possibilidades educacionais e seu papel no seu próprio desenvolvimento.

### 2. Formulação e verificação de uma ortografia

A ortografia elaborada para cada língua, baseada nos estudos linguísticos e sócio-culturais, inclui os símbolos gráficos; a divisão de palavras; o uso de letra maiúscula e pontuação; decisões relativas à maneira de escrever palavras emprestadas; e a solução de outros problemas ortográficos. A escolha de símbolos obedece a algumas normas principais: que o símbolo deve ser o mais semelhante possível da grafia do Português; e que seja um fonema para representar um único símbolo (8).

### 3. Elaboração de materiais didáticos provisórios

Na maioria das línguas indígenas brasileiras, os primeiros materiais didáticos são por necessidade elaborados em boa parte pelo linguísta mas, com a contribuição dos indígenas. Tais materiais podem incluir uma cartilha ou série de cartilhas de alfabetização; exercícios preparatórios à leitura e escrita, e material graduado tipo pós-cartilha, incluindo a transcrição de lendas e histórias do próprio grupo indígena.

### 4. Programa piloto de alfabetização

O programa piloto de alfabetização tem dois objetivos principais: testar os materiais didáticos provisórios e alfabetizar um número limitado de pessoas que talvez possam se tornar escritores e alfabetizadores. No planejamento deste programa todas as decisões finais, como: quem deve estudar, quando deve ter aulas, e qual será o futuro papel dos treinandos; são feitas pela comunidade indígena. O linguísta se limita a oferecer orientação quanto aos objetivos a curto e longo prazo, as opções existentes, e os prováveis resultados de escolher uma ou outra maneira de proceder com o programa.

## 5. Treinamento de alfabetizadores

Das pessoas escolhidas pela comunidade e alfabetizadas no programa piloto, geralmente, algumas se mostram aptas para compartilhar suas novas habilidades com outros componentes do grupo. Estas pessoas recebem ajuda e orientação quanto ao uso dos materiais didáticos existentes, a organização de aulas e avaliação. Geralmente, no começo de sua atuação, os novos alfabetizadores, simplesmente, imitam o linguísta, usando os mesmos métodos empregados na sua própria instrução; mas pouco a pouco, começam desenvolver e aplicar uma didática que obedece aos padrões de cognição da tribo. Desta maneira, o sistema educacional se torna mais indígena e os alfabetizadores se preparam para modificar ou refazer os materiais provisórios.

## 6. Treinamento de escritores indígenas

As pessoas recém-alfabetizadas que gostam de escrever ou contar histórias, e que se expressam muito bem verbalmente, são treinados como autores indígenas. O treinamento na aldeia ou em seminário para escritores indígenas, realizados com representantes de outras tribos, é progressivo e prático; em cada fase do programa, o treinando fica habilitado em todos os aspectos técnicos e mecânicos de produção de literatura, incluindo o manuseio de máquinas de escrever e mimeógrafos.

## 7. Produção de literatura indígena

Como resultado do treinamento de escritores, inicia-se a produção de uma literatura indígena. Este material de leitura geralmente, narrativas ou histórias breves, serve satisfatoriamente como textos do tipo pós-cartilha para o novo leitor, e fica assim incluído no material didático, na constante e progressiva preparação.

## 8. Elaboração de material didático indígena

A preparação de alfabetizadores e autores escolhidos pela comunidade, possibilita a elaboração de materiais didáticos caracteristicamente indígenas.

Nesta fase do programa, a cartilha de alfabetização e os demais materiais, incluindo a ortografia, são modificados, ou no caso da cartilha, que muitas vezes é totalmente reescrita.

#### 9. Programa de alfabetização na língua indígena

Com a produção de material didático por indígenas competentes, junto com a elaboração do manual do professor e a orientação de outros alfabetizados, inicia-se o programa de alfabetização, já em maior expansão. Este programa para adultos e crianças, conforme os critérios da comunidade, é basicamente de alfabetização na língua indígena, mas pode também incluir alguns conceitos de matemática ou outros conhecimentos válidos para a comunidade.

#### 10. Treinamento de monitores bilingues-biculturais

A maioria das comunidades indígenas brasileiras em contato com a vida nacional, manifesta um desejo firme de proporcionar aos filhos uma oportunidade educacional igual a de qualquer outro brasileiro. Visam para a nova geração: ser capacitada para falar bem o Português e inteirar com as situações em que se encontra; ao mesmo tempo permanecer integrada à sua própria cultura. Com esta finalidade, jovens e adultos são instruídos na língua e cultura nacionais, nas matérias do 1º grau, nos conceitos didáticos, e no que for preciso para proporcionar às crianças do próprio grupo a habilidade de viver em duas culturas expressas por duas línguas. A seleção dos candidatos e todos os aspectos de seu treinamento e atuação têm que ser estabelecidos em estreita colaboração com a comunidade tribal.

#### 11. Elaboração de material de transição à língua e cultura nacionais

Simultaneamente, no treinamento de monitores, desenvolve-se o conteúdo programático de ensino específico para o grupo tribal. Os materiais a serem usados na fase de transição incluem o curso verbal de Português; textos especiais de leitura em Português ;

a História e geografia locais e outras matérias que serão ministradas nas duas línguas. A equipe que e labora o material de transição é composta de líderes da comunidade; monitores em treinamento; representantes da Secretaria de Educação e outras entidades interessadas, além de linguistas e antropólogos que estudaram a língua e a cultura.

## 12. Programa de educação bilingue-bicultural

Um programa eficaz de educação bilingue-bicultural responde às necessidades peculiares do grupo indígena em sua situação linguística, social e econômica. Afeta os membros da sociedade regional envolvente, bem como, os membros do grupo tribal, exigindo assim, a colaboração de todas as entidades públicas e particulares atuantes na área. Os líderes da comunidade indígena, em plena cooperação com os representantes dos órgãos civis, militares e religiosos, decidem quanto ao programa educacional: duração e conteúdo do curso; participação de elementos indígenas e não-indígenas nos corpos docente e discente; tipo e construção de escolas e o calendário letivo.

## Bibliografia citada

- (1) ASCARRUMZ, ERasmo Tarifa. Educación y alfabetización en lenguas nativas, llegará el castellano al área rural através de la alfabetización vernacular. América Indígena. XXXII, N°3, julho-setembro 1972. p. 993-7.
- (2) BELTRÁN, Gonzalo A. Teoria y pratica de la educación indígena. México, Sepsetentas, Secretaría de Educación Pública, 1973.
- (3) GOODMAN, Kenneth S. Dialect barriers to reading comprehension. Elementary English. vl. 42, dec. 1965. p. 853-60.
- (4) GUDSCHINSKY, Sarah C. Literacy: corporation policy and its practical outworking. Trabalho mimeografado. México, Summer Institute of Linguistics, 1973.
- (5) GUDSCHINSKY, Sarah C. Manual de alfabetización para pueblos prealfabetas. Trad. Celia Paschero e Miguel Donoso Pareja. México, Sepsetentas, Secretaría de Educación Pública, 1974.
- (6) MACKEY, William R. A typology of bilingual education. In: ANDERSON, Theodore e BOYER, Mildred, eds. Bilingual education in the United States. Washington, U.S. Government Printing Office, 1970. 2 vl.
- (7) MARINHO, Joana Angélica, TARQUÍNIO, Yeda Junqueira, SALGADO, Zenaide, da SILVA, Roselita Garcez, e DAHER, Alice. Ensino bilingue nas tribos brasileiras. Trabalho mimeografado. Brasília, AEUDF - ICS, 1976.
- (8) Portaria N° 75/N de 06/07/72. Aprova normas para educação dos grupos indígenas. Brasília, FUNAI, 1972.
- (9) SAVILLE, Muriel R. e TROIKE, Rudolph C. A handbook of bilingual education. Washington, Teachers of English to Speakers of Other Languages, 1971.
- (10) UNESCO. The use of vernacular languages in education. Monografias de Educação básica. Paris, Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, 1953.

## II. ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA INDÍGENA

A cognição relaciona-se com a língua e cultura; a estrutura da linguagem determina a estrutura do pensamento. Cada povo segue seu próprio sistema cognitivo, em todos seus processos mentais, tais como: a classificação em categorias, as medidas de volume, tempo e distância, a contagem, a maneira de solucionar problemas e o sistema de aprendizagem.

Devido ao grande número de variáveis nas culturas indígenas brasileiras, não é possível propor um só método de alfabetização para todos os grupos. Mas, seguindo o princípio de que a língua reflete a cultura, Dr<sup>a</sup> Sarah Gudschinsky desenvolveu uma teoria de aplicação da análise lingüística à pedagogia (2). Empregamos este método de lingüística aplicada, com resultados surpreendentemente positivos, tendo sido o mesmo a base dos materiais didáticos a serem usados no programa piloto e etapas subsequentes.

### Elaboração de material didático pré-escolar

Nos grupos tribais primitivos, há necessidade de um treinamento preparatório prévio ao programa de alfabetização, assegurando que o alfabetizando, seja adulto ou criança, possa obter determinados pré-requisitos indispensáveis à instrução. Dependendo da cultura, os materiais podem incluir exercícios orais para desenvolver a capacidade lingüística, uma percepção dos sons da língua; exercícios audio-visuais para formar o conceito de uma relação entre sons e símbolos; e exercícios psicomotores. Tais exercícios baseiam-se na língua e cultura locais.

### A cartilha de alfabetização

A ênfase na elaboração de uma cartilha de alfabetização na língua indígena, é dada de acordo com a língua e cultura do grupo. A linguagem da cartilha obedece ao estilo nativo, abrangendo todos os níveis gramaticais. O conteúdo dos textos de leitura é relevante à cultura

do grupo étnico e é escolhido entre os tópicos de maior interesse dos futuros leitores. Os aspectos técnicas como: a introdução controlada de novos símbolos, a produtividade ou o grau de dificuldade dos elementos, são consideradas de importância secundária.

São quatro os elementos de uma lição de alfabetização, visando o objetivo de ensinar uma comunidade a ler como também a escrever:

1. Exercícios para ensinar um símbolo novo utilizando uma palavra chave e cinco passos: os quadros de abstração; construção de sílabas; comparação; contraste; e formação de palavras.
2. Exercícios para ensinar um funcionador, ou seja, um afixo ou palavra com função gramatical. A gramática estabelece a ligação entre a fonologia e a semântica. Quem utiliza a gramática automaticamente lê em frases, ou em grupos semânticos demonstrando alta compreensão do material lido.
3. Material de leitura que emprega os elementos novos, tanto o símbolo e sílabas, como também o funcionador. O texto relaciona os exercícios com a linguagem, e com a vida real; provando que ler é receber informação através da página escrita.
4. Uma lição de escrita para fixar os novos elementos e sugerir criatividade para o aluno; o alfabetizando não somente copia formas, mas, desde o início, ao se expressar, usa o que está aprendendo.

#### A lingüística aplicada ao ensino de novos símbolos

A metodologia específica de ensino é a aplicação da teoria lingüística tagmêmica (5), de núcleo e periferia, ou crista e margem, à pedagogia da alfabetização. Basicamente, a crista da onda (núcleo), seja fonológica ou gramatical, é geralmente obrigatória, independente, capaz de ter margem (periferia), e é mais fácil de ensinar. Por outro lado, a margem é dependente e facultativa; geralmente precisa ser ensinada junto com um núcleo. O quadro demonstra os elementos nucleares e periféricos:

	Crista da onda (Núcleo)	Margem (Periferia)
Fonologia	vogal sílabas tônicas	consoante sílabas átonas
Gramática	radical predicado significador	afixo não-predicado funcionador

O uso do conceito de núcleo e periferia fonológicos está aqui demonstrado, através da aplicação à língua portuguesa. São os seguintes os cinco passos da primeira lição, de uma cartilha fictícia; exercícios em que se ensina os símbolos: a, e, l e v:

Passo Nº 1. Quadro de abstração

Objetivos: 1) Introduzir novos fonemas em posição nuclear da sílaba e da palavra.



lata  
la  
a



vela  
ve  
e

- 2) Utilizar um desenho como ligação mnemônica da palavra-chave com a vida real.
- 3) Através de palavras-chaves, dar a cada símbolo um contexto pronunciável e significativo.
- 4) Focalizar a sílaba tônica.
- 5) Focalizar e isolar os novos símbolos.

Passo Nº 2. Quadro de construção de sílabas

Objetivos: 1) Ensinar que um elemento nuclear pode ocorrer com vários elementos periféricos.

a	a	e	e
la	va	ve	le

- 2) Construir a sílaba nova.
- 3) Construir outras novas sílabas, através de analogia.
- 4) Fornecer ao aluno a habilidade de utilizar processos analógicos na aprendizagem.

Passo Nº 3. Quadro comparativo

Objetivos: 1) Demonstrar que o elemento nuclear mantém seu som e símbolo ao ocorrer junto a variãdos elementos periféricos.

la	le
va	ve

2) Estabelecer uma ligação entre som e símbolo.

3) Comparar as sílabas em posição vertical, focalizando a semelhança existente entre as mesmas.

Passo Nº 4. Quadro contrastivo

Objetivos: 1) Focalizar o contraste entre os elementos nucleares.

le	ve
la	va

2) Ensinar ao aluno a reconhecer os traços distintivos entre os símbolos que podem ocorrer na mesma posição.

3) Ensinar ao aluno onde ele precisa olhar para ver o contraste.

N.B. No ensino da consoantes, elementos periféricos, usa-se o quadro 3 para demonstrar contraste e o 4 para complementãção.

Passo Nº 5. Quadro de formação de palavras

Objetivos: 1) Utilizar os novos elementos na formação de novas palabras.

la	le	e	le
lava	leva	ela	leve

2) Conscientizar o aluno de que os símbolos fazem parte de palavras (significadores).

3) Capacitar o aluno no estabelecimento da identificação dos traços distintivos do novo elemento, quando este ocorrer como parte de unidades maiores.

As palavras construídas no quinto passo são seleccionadas do material de leitura que será incluído na cartilha. Há várias alternativas de "histórias" utilizando os símbolos e sílabas da lição. Por exemplo:

A vela é leve.  
Ela leva a vela.  
Ela leva a lata.  
Ela lava a lata.

A aplicação do referido método a línguas indígenas brasileiras é demonstrada nas primeiras páginas de duas cartilhas, Kaingáng (4) e Kayapõ (3).

### Prefácio

Esta cartilha de alfabetização na língua Kaingáng faz parte de uma série de publicações que será utilizada por monitores indígenas no programa de educação bilíngüe da FUNAI, Departamento Geral de Planejamento Comunitário/Divisão de Educação, de acordo com a Portaria Nº75/N de 06.07.72.

A presente edição foi escrita pelos monitores bilíngües Kaingáng, sob orientação lingüística e pedagógica de representantes do Summer Institute of Linguistics e da FUNAI, durante um seminário realizado em julho de 1976.



Nēnkanh  
Nēnkanh ti

Mīnká  
Mīnká fi



Nēnkanh  
nēn  
ē



Mīnká fi  
mīn  
ī

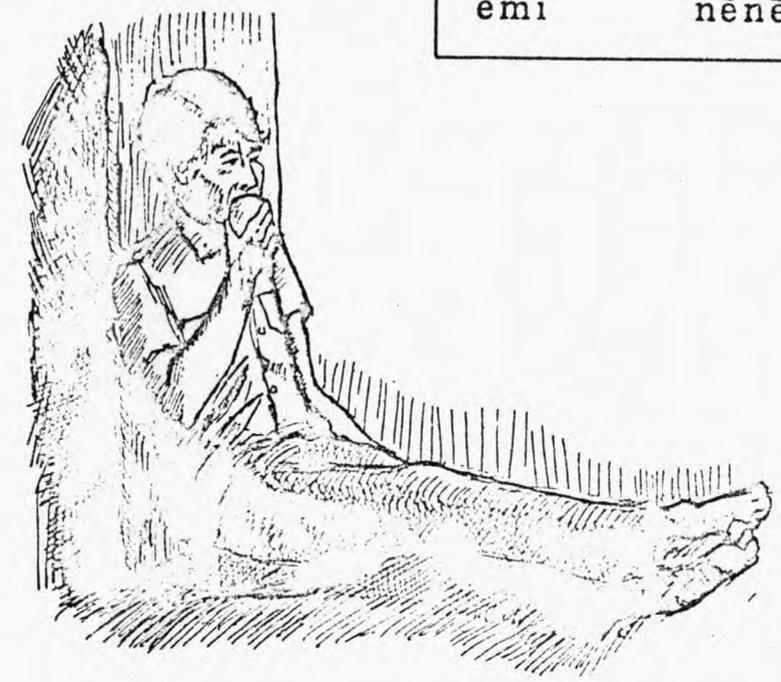
ē ē  
nē mē

ī ī  
mī nī

nē nī  
mē mī

nē mē  
nī mī

mī nē  
ēmī nēnē



Nēnkanh vỹ nī.  
Nēnkanh ēmī vỹ nī.  
Ēmī ti nī, Nēnkanh ti.

Nēnkanh está ali. O pão de Nēnkanh está ali. Nēnkanh tem pão.

Esta série de cartilhas, destinada à alfabetização do grupo indígena Kayapó, tem caráter experimental, visando os futuros programas de educação bilingüe da FUNAI, Departamento Geral de Planejamento Comunitário/Divisão de Educação, de acordo com a Portaria nº 75/N de 06/07/72.

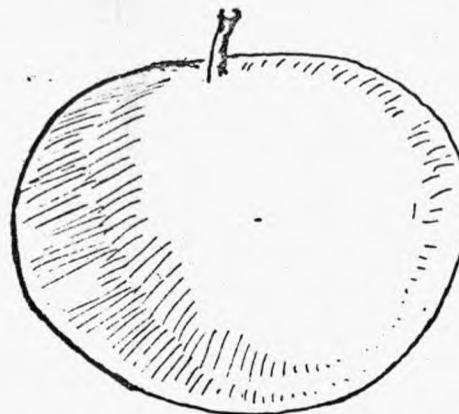
A presente edição é decorrência do Seminário de Educação Indígena, promovido pela FUNAI, SIL, e MICEB no Posto Indígena Gorotire, em agosto de 1975.

Ao texto em Kayapó segue-se em cada página a tradução portuguesa.

Composto e impresso pelo  
Summer Institute of Linguistics  
(Instituto Lingüístico de Verão)  
Brasília, DF

Kayapó 2.77

35.4—6.05.502—8C



pidjô

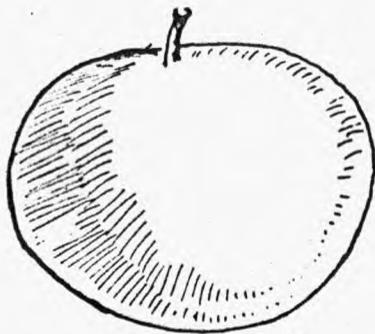


ngra

A fruta

A paca

mkh. 18, p. 118/186



pidjô  
djô  
ô

ngra  
a

ô  
djô  
ngrô

a  
dja  
ngra

Fruta

Paca

2

djô ngrô  
dja ngra

pidjô-'ã ngra  
pidjô-'ã  
pidjô

Pidjô-'ã ngra.

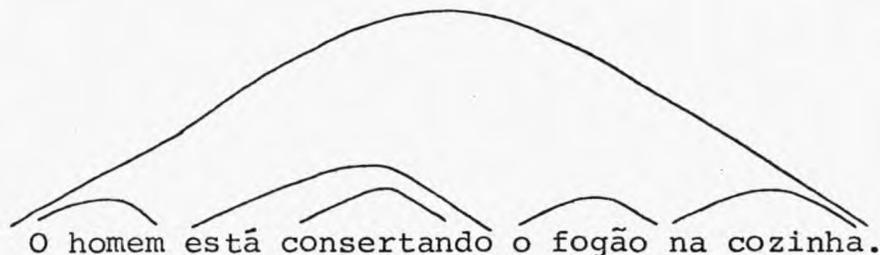
Ngra-ne pidjô-'ã dja.

Há paca junto às frutas.  
A paca está perto das frutas.

3

A análise gramatical aplicada à alfabetização

A elaboração de exercícios para o ensino de funcionadores exige do lingüista uma análise profunda do sistema gramatical da língua indígena. Podemos dizer que há ondas gramaticais em cada nível da hierarquia, ondas contidas em ondas; por exemplo:



Geralmente, os significadores, como verbos e substantivos, ocupam as posições da crista na onda gramatical, enquanto os funcionadores, como artigos e preposições, ocupam as posições de margem. Alguns elementos são condicionados por sua própria posição na onda, ocorrendo no núcleo e na periferia, mas com uma diferença em significado ou com função distinta. Outros elementos ocupam mais de uma posição funcional.

O ensino de funcionadores, na cartilha de alfabetização, baseia-se nos mesmos cinco passos: abstração, construção, comparação, contraste e formação de unidades maiores. A escolha e elaboração dos exercícios, como os de ensinar os símbolos, variam muito, dependendo da estrutura da língua.

Seguem como exemplo, o ensino em português, do funcionador gramatical: estão ...ando:

Passo Nº 1 Quadro de abstração

Hoje os meninos estão jogando bola.  
                                  estão jogando bola  
                                  estão jogando

Uma frase-chave, que fornece o contexto a dequado para o uso natural do funcionador; e de certa forma, requer o uso do mesmo.

Passo Nº 2 Quadro de construção

                                  estão jogando  
Os meninos estão jogando bola.

Reconstrução da frase-chave, usando a parte isolada do Passo 1.

Passo Nº 3 Quadro de comparação

Os meninos estão jogando bola.  
Os meninos estão brincando.  
Os meninos estão caminhando.  
Os meninos estão brigando.

Focaliza a uniformidade do funcionador em vários contextos.

Passo Nº 4 Quadro de contraste

Os meninos estão jogando bola.  
                                  Os meninos jogam bola.  
                                  Os meninos jogaram bola.

Contrasta o funcionador com outros que ocorrem na mesma posição tagmêmica.

Passo Nº 5 Quadro de formação de outras frases

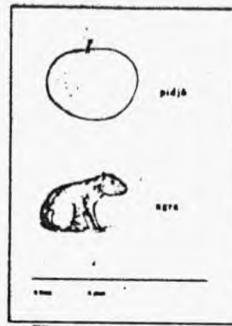
Exercício utilizando o funcionador em quaisquer outras frases; pode ser oral ou escrito, conforme o nível de alfabetização.

Um exemplo da aplicação da análise gramatical à alfabetização de um grupo indígena brasileiro é o seguinte; da página 14 da primeira cartilha Kaingãng (4). Ensina a preposição ra, que significa "a, para, na direção de", na frase 'Nẽnkanh vai para o mato'. (Para esclarecimento inclui-se aqui a tradução literal.)

Nẽnkanh vỹ nẽn ra tĩ nĩ.	Nẽnkanh mato para vai
nẽn ra	mato para
nẽn	mato
nẽn ra ti tĩ	mato para ele vai
ĩn ra fi tĩ	casa para ela vai
nẽn ra ti tĩ	mato para ele vai
nẽn mĩ ti tĩ	mato dentro ele vai
ĩn ra fi tĩ	casa para ela vai
ĩn kã fi nĩ	casa dentro ela senta

Manual do professor

Nos grupos indígenas menores, os alfabetizadores são treinados pessoalmente, e ensinam sem manuais impressos. Para grupos de uma população maior, porém, como os Kayapó que moram em aldeias distantes uma da outra, há necessidade da elaboração de manuais didáticos detalhados para acompanhar as cartilhas. É aqui incluída, uma cópia de duas páginas do manual bilíngüe da cartilha Kayapó. (1) Este manual foi elaborado como parte do treinamento de alfabetizadores indígenas.



Professor — Vamos aprender a ler.  
Abram suas cartilhas.  
(espere até eles abrirem)  
Isto é o começo.  
Isto é o começo da cartilha.  
(mostre a página 1)



pidjô

Professor — Olhem. Isto é a figura de uma fruta.  
(aponte a figura ao lado de pidjô)  
Do lado dela está escrito pidjô.



ngra

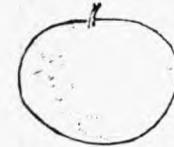
Professor — E aqui embaixo está a figura de uma paca.  
(aponte a figura ao lado de ngra)  
Do lado dele está escrito ngra.  
Vocês já viram?  
Então virem a página.

Ga memā kum —

Gwaj on pi'ok nhidji jarē.  
On anhō pi'ok 'ã amē.  
(Amā ikabēn-ne aktā-o ijē)  
(Gē me pi'ok no'ok koxē-mā)

Ga —

Kum o krax-neja.  
Pi'ok nhidji jarē mo krax-neja.  
(Dja ga 'ô-bē 1 memā akre)



pidjô

Ga —

Gop omū. Pidjô karō-neja.  
(dja ga pidjô karō memā akre)  
Ne atā-ri pidjô nhidji-neja.  
(Dja ga pidjô nhidji memā akre)



ngra

Ga —

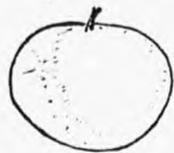
Ne apar-mā ngra karō-neja.  
Ngra karō-ja pumū.  
(Dja ga ngra karō memā akre)

Ga —

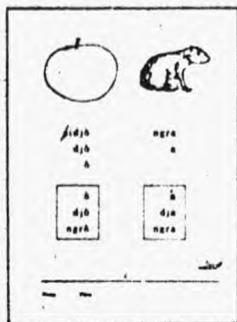
Ne atā-ri ngra nhidji-neja.  
(dja ga ngra nhidji memā akre)

Ga —

Djām arŷm-ne gar omū?  
Ajte 'ã amē.



pidjô  
djô  
ô



Professor — Isto é a figura de uma fruta.  
(aponte a figura)  
Abaixo da figura está escrito pidjô.  
(aponte pidjô)  
Repitam.

Alunos — *Pidjô.*

Professor — Abaixo de pidjô está escrito djô. (aponte djô)  
Repitam.

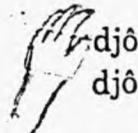
Alunos — *Djô.*

Professor — E abaixo de djô está escrito ô. (aponte ô)  
Repitam.

Alunos — *Ô.*

Professor — Olhem. Esta parte de pidjô chama-se djô.  
(aponte djô)  
(O professor pode cobrir o pi de pidjô com a mão, deixando descobertas as duas ocorrências de djô, mostrando que os dois djô têm a mesma forma e pronúncia.)  
Repitam.

Alunos — *Djô.*



pidjô  
djô  
ô

- ʒa — Pidjô karô-neja.  
(Dja ga karô-ja memã akre)  
Pidjô karô par-bēne pidjô nhidji-ja pumū.  
(Dja ga pidjô nhidji memã akre)
- ʒa — Ajte arē.
- Me-te pi'ôk nhidji jarēdjwŷnh-ja — Pidjô
- ʒa — Pidjô nhidji par-bēne djô.  
(Dja ga djô nhidji memã akre)
- ʒa — Ajte arē.
- Me kunĩ — *Djô*
- ʒa — *Djô par-bēne ô.*  
(dja ga ô nhidji memã akre)
- ʒa — Ajte arē.
- Me kunĩ — *ô*
- ʒa — Gop omū. Pidjô kukrãdjã 'ô-ne apar-mã djô.  
(Dja ga djô nhidji meã akre)  
(Dja ga anhkra-o mekbé pi 'ãpro. Me-te amē djô-ja kute aben pyrãk pumūnh-kadjy)
- ʒa — Ajte arē.
- Me kunĩ — *Djô*

*kjô  
djô*

## II

## Bibliografia citada

- (1) JEFFERSON, Kathleen. Me banhõ pi'õk nhidji jakrenhdjw̃nh kadjy-neja. Manual do professor. Brasília, SIL, no prelo.
- (2) GUSDCHINSKY, Sarah C. Manual de alfabetización para pueblos prealfabetas. Trad. Celia Paschero e Miguel Donoso Pareja. México, Sepsetentas, Secretaría de Educación Pública, 1974.
- (3) Me banhõ pi'õk 1. Cartilha Kayapõ. Brasília, Ministério do Interior/Fundação Nacional do Índio, 1977.
- (4) Nēnkanh tỹ Mĩnkā fi mré kāme 1. Cartilha Kaingāng. Brasília, Ministério do Interior/Fundação Nacional do Índio, 1977.
- (5) PIKE, Kenneth L. Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior. 2 edition. The Hague, Mouton, 1967.

## III. A PRODUÇÃO DE LITERATURA INDÍGENA

A base filosófica da produção de literatura indígena

Muitos dos indígenas brasileiros estão altamente motivados para aprender a ler e desenvolver outras habilidades que estreitamente os identificam com a nação à qual pertencem. Contudo, sua capacidade de falar e entender o Português é limitada, e em muitos casos, inexistentes. A fim de auxiliar na transição entre a cultura indígena e a nacional, alguns indígenas que falam sua língua e um pouco de Português são ensinados a ler e escrever na língua materna, ao mesmo tempo em que aprendem Português oralmente, e recebendo posteriormente, aulas de Português escrito. O ato de se desenvolver satisfatoriamente, uma nova habilidade, exige exercício e prática. O mesmo ocorre com a leitura e a escrita. Existem poucos materiais escritos, distribuídos entre a maioria das línguas indígenas. Isto diminui a motivação para se iniciar o processo de aprendizagem da leitura que é o esforço necessário para se conservar as novas habilidades recém-adquiridas.

As cartilhas por si só, não são suficientes para produzir as habilidades e a prática necessárias concernentes à experiência de leitura fluente. Nem uma grande quantidade de livros possibilita a variedade de literatura que permitirá ao leitor escolher seus livros de acordo com seus próprios interesses e necessidades. Os textos preparados pelos educadores e escritores que não sejam membros da cultura em questão frequentemente, distorcem o estilo indígena, e omitem importantes fatores culturais. É conveniente, portanto, que os membros da cultura tenham a oportunidade e o treinamento com os quais possam produzir uma literatura rica e adequada a seu povo e, que tanto a seleção dos tópicos como o estilo usado sejam escolhidos pelo escritor indígena.

Seminários para treinamento de escritores indígenas

Os seminários de treinamento de autores in

dígenas têm, em geral, uma duração de oito semanas cada um. Podem ser realizados numa área central, com treinandos de várias tribos estudando juntos; ou na área indígena quando destinados ao treinamento de escritores de uma só tribo. A realização de um seminário numa área indígena pressupõe o treinamento - ou pelo menos, a orientação - de alguns escritores indígenas que possam fazer parte do corpo docente.

Nos últimos três anos, foram realizados seis seminários para a produção de literatura indígena. Todos eles patrocinados pela FUNAI e coordenados pelo SIL. Cinco deles foram realizados nos centros de estudos do SIL em Belém, Cuiabá, Porto Velho e Brasília. O outro realizado na Missão São Francisco, especificamente destinado aos índios Mundurukú.

#### 1. Propósito dos seminários

O propósito dos cursos de treinamento é desenvolver meios de produção de um contínuo fluxo de literatura vernácula escrita para cada um dos grupos indígenas, pelos membros dos próprios grupos.

Alvos específicos do período de 8 semanas - incluíram (1):

- 1) infundir confiança, desenvolver habilidade, recursos técnicos e mecânicos que permitam ao escritor mais facilmente expressar-se em forma escrita, tornando este material disponível a outros leitores;
- 2) desenvolver um corpo de material culturalmente relevante, apropriado e interessante em cada língua, com o qual iniciar um fluxo contínuo de livros-texto; e
- 3) desenvolver uma atenção e interesse por parte do escritor pelas necessidades literárias de sua tribo, e a iniciação de um senso de responsabilidade concernente a essas necessidades;

## 2. Metodologia dos seminários

A alfabetização propriamente dita implica não apenas a habilidade de ler, mas também a de escrever, e expressar os próprios pensamentos e experiências, de tal maneira, que outras pessoas possam lê-los. Uma comunidade alfabetizada é aquela que utiliza a palavra escrita em aspectos tais como cartas, jornais, histórias, canções, textos educativos, etc. Para nosso propósito aqui, definiremos a literatura como qualquer coisa que possa ser lida.

No quadro abaixo deve se notar que o centro de um programa de literatura indígena é o autor indígena, membro da comunidade para a qual ele escreve. Igualmente, é importante que o escritor se convença de que os leitores de seus textos são as pessoas da comunidade indígena e não as de fora dela.

### FASES DE LITERATURA (de crescente dificuldade)

Fase	Tipo de Literatura	Fonte de Conteúdo do texto	Forma ou estilo	Familiaridade do conteúdo ao leitor
I	Literatura oral. Exp. pessoal. História local.	Cultura do autor. Exp. pessoal.	Normas da língua e cultura indígena, livre.	Bem conhecido como parte da sua cultura.
II	Viagens fora. Exps. novas fora da cultura.	Exp. pessoal.	Livre	Desconhecido
III	História, Ciência Geografia, etc.	Estudo pessoal	Livre	Desconhecido
IV	Tradução	Estudo pessoal	Determinada pelas normas da língua de origem.	Desconhecido

A facilidade com que um leitor lidará com a literatura é determinada pelo conteúdo e pela forma ou estilo da literatura.

A fase I da Literatura é geralmente considerada como "material de fácil leitura", porque o conteúdo do texto é inteiramente situado dentro da cultura, tanto do escritor quanto do leitor. A experiência do escritor com o conteúdo é direta e pessoal, e ele simplesmente conta-a em forma escrita, como a contaria oralmente. É uma experiência compartilhada por todos na cultura, tal como uma tradição oral, ou uma estória, folclore, etc. Pode incluir canções indígenas e poesia, lendas, costumes, informações gerais, etc.

A fase II difere da primeira apenas num aspecto: o conteúdo dos textos é oriundo de fora da cultura. O autor sai do ambiente conhecido, e experimenta pessoalmente algo novo que ele, então, relata à sua audiência tribal na forma e estilo que prefere. A IIa. fase inclui coisas tais como observações da cidade, do zoológico, alguma técnica agrícola nova da qual ele participou e que quer contar a outras pessoas, etc.

A fase III compreende o conteúdo de fora da cultura, e é conseguido de segunda mão através de outrem, sem contato direto e experiência pessoal. O autor, sem contato direto, é informado do seu assunto através da leitura em outra língua, ou porque ouviu falar, etc. Depois, ele absorve os fatos atentamente, podendo, então, recontar os fatos e dados da forma que ele escolher. Pode-se utilizar desta forma para se descrever novos assuntos, falar sobre saúde, história, geografia, agricultura, lendas, ciência, etc.

A fase IV é considerada de leitura mais difícil no que tange ao material traduzido de outra língua para a língua-alvo, e frequentemente, é escolhido por alguém de fora. Restringe-se à forma da língua original, pelo menos em parte.

A fase I é geralmente considerada de leitura mais fácil para os recém-alfabetizados, visto

possuir uma característica altamente predizível e familiar no conteúdo como na forma. As fases II e III são geralmente mais interessantes para os recém alfabetizados.

Quando o escritor está treinado na preparação das Fases I, II e III, ele está apto para o treinamento da preparação da Fase IV. O conteúdo deste nível do seminário inclui: orientação na teoria linguística e sua aplicação ao processo de tradução. Para o programa da Fase IV, o material está sendo preparado pelos linguístas e educadores do SIL.

### 3. Componentes dos seminários

As atividades que fazem parte de um seminário incluem: excursões, discussões, orientação sobre o processo de alfabetização, tipos e estilos de literatura, aulas de reforço pessoal em atividades, tais como datilografia, escrita cursiva, arte e língua portuguesa. As aulas são dadas em Português, com a participação dos linguístas a fim de traduzir o material para a língua indígena dos treinados, cuja dificuldade com a língua nacional, impossibilita a participação total dos mesmos, no seminário.

### 4. Horário

Apresenta-se a seguir um exemplo do horário semanal em que foi baseado um seminário em Cuiabá, M.T., no período de 6 de outubro a 28 de novembro de 1975 (2).

2ªF, 3ªF, 5ªF e 6ªF:

8 - 9 horas	Aula de orientação
10 - 11.30 horas	Aula de datilografia Elaboração de textos
14 - 17 horas	Treino de máquina Elaboração de textos

4ªF:

8 - 11.30 horas	Passeio
14 - 17 horas	Aula de datilografia Elaboração de textos

Sábado e domingo livres. Sábados à noite, os treinandos apresentaram slides com comentários em português.

#### 5. Conteúdo das aulas de orientação

Segue um exemplo do conteúdo das aulas de orientação.

1ª semana Desenvolvimento de espírito de grupo, e reconhecimento do valor de cada grupo étnico. Apresentação do conceito de "leitor".

Despertar a conscientização da razão de ser dos livros.

Atividades: Distribuição de material para cada escritor, tal como pasta, caderno, lápis, etc.  
Mapa do Brasil, onde foram marcadas as localizações das aldeias onde os treinandos residem.

Fotografias e artesanato apresentado por cada treinando ao resto do grupo.

2ª semana Reconhecimento, um por um, dos 5 sentidos e como eles nos protegem do perigo. Apresentação das primeiras duas fases de literatura.

Atividades: Uso dos 5 sentidos.

3ª semana Conscientização do que é o "leitor". Como editar os textos.

Atividades: Quadro de boletins.  
1ª demonstração do uso do mimeógrafo e a confecção de um livro.

4ª semana Música indígena  
3ª fase de literatura.

Atividades: O uso da biblioteca.  
Uso do gravador para elaborar textos.  
2ª demonstração do uso do mimeógrafo e a confecção de um livro

- 5ª semana Apresentação de assuntos da 3ª fase de literatura como:  
 corpo humano com uso de ilustração  
 transporte  
 mapas  
 Atividades: Excursão ao centro usando um mapa
- 6ª semana Confeção de 2 jornais
- 7ª semana Alertá-los quanto as vantagens de, e quanto a maneiras como testar os livros na comunidade.  
 Debater sobre as possibilidades de distribuição dos livros.  
 Atividades: Confeção dos livros.
- 8ª semana Debater com os treinandos sobre as possibilidades de continuar como escritores e de compartilhar o seu novo conhecimento com os outros na comunidade.

#### 6. Passeios e outras atividades

Os passeios podem incluir as seguintes atividades: visitas a

- Museus
- Jardim Zoológico
- Curtidor
- Serraria
- Casas de artesanato
- Beira do rio
- Palácios e edifícios históricos da cidade
- Aeroporto
- Prédio mais alto da cidade
- Monumentos
- Instalações do jornal

Outras atividades com a colaboração do pessoal da comunidade:

- Gincana
- Programa de músicas indígena e nacional

Aeromodelismo

Uso do telescópio para ver a lua e os pla  
netas

## Bibliografia citada

- (1) Literatura indígena. Relatório de atividades do Summer Institute of Linguistics, exercício de 1974. Brasília, SIL, 1974. p. 7-13.
- (2) NEWMAN, Barbara A. Relatório de segundo seminário conjunto FUNAI-SIL para a produção de literatura indígena realizado em Cuiabá, Mato Grosso. Relatório de atividades do Summer Institute of Linguistics, exercício de 1975. Brasília, SIL, 1976. p. 24-33.

## IV TREINAMENTO DE MONITORES BILÍNGÜES-BICULTURAI

O monitor é o elemento chave da educação bilíngüe, dele e da sua formação depende o sucesso do programa de ensino bilíngüe. Antes da seleção de candidatos para monitores bilíngüe, deve ser feito um trabalho de esclarecimento junto as comunidades sobre o papel do monitor, e a conscientização da comunidade quanto aos objetivos do treinamento, os vários aspectos do programa bilíngüe, e as responsabilidades da comunidade bem como aquelas dos futuros monitores.

Seleção dos monitores

O monitor é selecionado entre as pessoas indígenas que reúnem melhores condições, segundo critérios estabelecidos pela comunidade indígena junto com qualquer entidade que colabore no programa. Entre os critérios há considerações sócio-culturais e considerações pessoais. O levantamento de considerações sócio-culturais inclui as seguintes perguntas:

1. Quais são os padrões de autoridade naquela cultura tribal?
2. Existem tabus nos relacionamentos inter-pessoais que talvez compliquem a escolha de professores?
3. Rapazes/moças seriam aceitos como professores para qualquer faixa de idade/sexo? (ex. Existem faixas de idade, barreiras sociais entre clãs, etc., que deviam ser consideradas na escolha de professores?).
4. Há outros fatores que deviam ser considerados nesta categoria?

As considerações pessoais incluem fatores como idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade, grau de bilinguismo, capacidade de ensinar e outros critérios estabelecidos pelos responsáveis.

Como parte da seleção dos candidatos a monitor, são aplicados uns testes de aptidão. Estes testes são elaborados na base das considerações acima indicadas.

O futuro monitor, ao retirar-se para o treinamento necessário à sua formação, depara-se com um sério problema, que é o afastamento da mão de obra operante, que de alguma forma vem contribuindo para a subsistência do grupo.

Num programa de educação indígena ideal, que é verdadeiramente da comunidade, os membros do grupo tribal participam na seleção de monitores; se responsabilizam pelo sustento deles durante o período de treinamento; e durante os anos da atuação dos monitores, cuidam das necessidades deles e de suas famílias.

Nas sociedades indígenas menos desenvolvidas e de população reduzida, não há recursos adequados para promover, independentemente, um sistema educacional. Um programa completo de ensino bilíngue - incluindo bolsas de estudos para o treinamento de monitores e o salário para os monitores - representa uma enorme despesa para qualquer entidade particular ou pública que pretenda financiá-lo. Portanto, exige a plena cooperação entre a comunidade indígena e os demais interessados.

#### Objetivos do treinamento

Uma vez feita a seleção dos candidatos, pela comunidade indígena em cooperação com os orientadores do programa, inicia-se o treinamento próprio dos candidatos. O período deste treinamento varia conforme as necessidades dos treinandos e os padrões culturais da tribo, mas visa três objetivos gerais:

- a) O desenvolvimento de atitudes e caráter concernentes a um monitor bilíngue;
- b) O melhoramento do seu nível educacional;
- c) Treinamento didático.

Há os objetivos gerais e específicos para cada curso de treinamento. Os objetivos variam conforme os níveis dos treinandos e a situação sócio-cultural do grupo. Como exemplo, damos os objeti

vos gerais da matéria: linguagem do primeiro ano no curso Kaingãng para treinamento de monitores de ensino, saúde, e agricultura.

1. Conscientizar o aluno quanto à sua identificação como índio brasileiro;
2. Ajudá-lo na compreensão de seu ambiente e na integração sem maiores prejuízos para a sua cultura;
3. Levá-lo a valorizar a língua e cultura indígenas, despertando a auto-confiança, mostrando as possibilidades e as riquezas da língua indígena;
4. Despertá-lo quanto as possibilidades que a língua materna oferece para a expressão e comunicação efetiva, tanto através da linguagem oral, como escrita;
5. Treinar a leitura e interpretação de textos;
6. Incentivar uso do pensamento lógico, bem como as técnicas de estudar e aprender;
7. Confrontar a língua indígena com o português, mostrando as semelhanças e diferenças dos sistemas fonológicos, gramaticais e semânticos, a fim de que melhor assimilem a língua portuguesa;
8. Preparar os alunos para que possam cooperar nas suas comunidades para na integração com a sociedade nacional.

Mesmo como parte da matéria "Linguagem Kaingãng, foram tomados os seguintes objetivos específicos:

1. Alfabetização na língua materna
2. Técnicas preliminares de escrever:
  - Ortografia: consoantes, vogais, acentuação
  - Sílabas e palavras
  - Pontuação, maiúsculas, parágrafos
3. História, lendas e costumes do povo Kaingãng
4. Estudos sobre grupos indígenas brasileiros
5. Leitura e interpretação de textos
6. Redação de textos
7. Preparação de um jornal
8. Noções da linguística contrastiva Kaingãng-Português:
  - Sistemas fonológicos
  - Sistemas gramaticais
  - Sistemas semânticos

## Sistemas ortográficos

9. Uso de dicionários
10. Tradução Português - Kaingãng e Kaingãng - Português

Programação

A programação dos cursos de treinamento para os monitores indígenas varia conforme os níveis dos treinados e a situação sócio-cultural de cada grupo. Por exemplo, o currículo da Escola Indígena Clara Camarão, no Rio Grande do Sul, para o treinamento dos monitores Kaingãng, segue o seguinte plano:

<u>1º Semestre</u>	<u>2º Semestre</u>	<u>3º Semestre</u>	<u>4º Semestre</u>
Português	Português	Português	Português
Matemática	Matemática	Matemática	Matemática
Língua Ind.	Língua Ind.	Língua Ind.	Língua Ind.
Hist. Region.	Hist. Brasil	Hist. Geral	
Geogr. Reg.	Geogr. Brasil	Geogr. Geral	
M & C	M & C	M & C	M & C
Ciências Nat.	Ciências Nat.	Higiêne	Higiene
Conh. Agro- Cultural	Didática (Rud. Ed.)	Didática	Didática

O curso compõe-se de quatro séries, de um semestre (cinco meses) cada uma. Depois deste período letivo, o monitor completa dois estágios supervisionados de cinco meses cada, nas escolas bilíngues Kaingãng. Cada período letivo é intercalado por um mês de férias.

Na escola de treinamento de monitores Karajá, do Parque Indígena do Araguaia, a programação do curso reflete uma situação menos aculturada do que aquela do povo Kaingãng. O treinamento, atualmente na terceira etapa, começou no ano de 1975, com um semestre por ano. Este plano adapta-se muito bem ao calendário tribal, deixando tempo para as necessidades na vida do povo, como a plantação, a

colheita, as festas, etc. A programação das etapas inclui uma parte do dia para o treinamento nas matérias, e a outra parte para aplicação prática nas aulas da escola. A segunda etapa de treinamento recebeu a seguinte distribuição (1):

De 15/09/76 a 15/10/76

Aperfeiçoamento do nível escolar dos monitores.

De 16/10/76 a 20/11/76

1. Orientação Didática e Planejamento;
2. Aulas práticas na escola de aplicação;
3. Continuação do aperfeiçoamento escolar dos monitores.

De 22/11/76 a 03/12/76

Verificação e recuperação do aproveitamento dos monitores.

De 06/12/76 a 10/12/76

Encontro entre professores nacionais e monitores bilíngues, cujo objetivo foi propiciar melhor entrosamento entre professores e monitores.

O horário de uma parte da segunda etapa seguiu o plano da folha anexa:

## PI SANTA ISABEL DO MORRO PQUARA=CURSO DE TREINAMENTO DE MONITORES BILÍNGUES KARAJÁ

Horário	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado
8:00 hs às 9:00 hs	Desenhos Pedagógicos	Matemática-Didática e livros 3-4	Matemática-Didática. Débora 1-2	Matemática Didática. Livros 3-4	Matemática Didática. Débora 1-2	Matemática
9:05 hs	Currículo de Estudos Sociais. Didática	Estudos Sociais Débora 2	Currículo de Estudos Sociais. Didática	Estudos Sociais Débora 2	Cartografia	Trabalhos com madeira
10:15 hs às 11:15	Alfabetização Orientação Didática	Português 1-2 Orientação Didática	Alfabetização Orientação Didática	Português 1-2 Orientação Didática	Metodologia Pedagógica	
11:20 hs às 11:45	Português Oral Didática	Karajá Histórias	Português Oral Didática	Educação Física Infantil. Orientação	Português Oral	
13:30 hs às 17:15 hs	Estágio na Escola de Aplicação (Profª. D.Cunha)/ Planejamento/Datilografia/Confecção de material					
19:30 hs às 20:30 hs	Literatura Karajá	Desenhos Pedagógicos Confecção de material didático e Datilografia	Karajá-Confecção de material didático	Cartazes. Confecção de material didático. Datilografia.	Leitura Diversa Datilografia	

mel. 18.p.140/180

## Bibliografia citada

- (1) KERN, Idelva Nadir e AREN, Wanda Elisabeth.

Relatório referente segunda etapa de treinamento de monitores Karajã do Parque Indígena do Araguaia realizado no PI Santa Isabel do Morro. Brasília, 17 de dezembro de 1976.

V PROGRAMA DE ENSINO BILINGUE-BICULTURAL

Conteúdo programático do curso

Uma vez concluindo o treinamento, o monitor, com os conhecimentos adquiridos, parte para a aplicação do programa previamente elaborado. Junto à sua comunidade inicia a escolarização no sistema bilingue.

Cada programa de escolarização no sistema bilingue-bicultural é determinado de acordo com os fatores sociolinguísticos da área. Todos os programas, porém, visam o início da instrução na língua materna, com a introdução gradativa da língua nacional como meio de instrução.

Para cada grupo em particular, consideram-se no planejamento do programa fatores tais como: o ciclo agrícola, as festas anuais, os fatores climáticos, a estrutura social do grupo, o grau de bilinguismo e o nível de aculturação. Com base nestes fatores, tomam-se decisões quanto a duração do programa de ensino bilingue, o calendário do ano letivo, os horários diário e semanal, as matérias ensinadas em cada semestre, o tipo de curso de português verbal e escrito, e a língua usada como meio de instrução para cada matéria.

Apresenta-se aqui a programação aplicada pela 1ª turma de monitores bilingues Kaingãng (3): como exemplo do tipo de curso que as crianças fazem.

	1º semestre	2º semestre	3º semestre	4º semestre
Instrução na língua materna	Pré-leitura Pré-escrita	Alfabetização na língua materna	Alfabetização na língua materna	Alfabetização na língua materna
	Pré-cálculo	Matemática	Matemática	Matemática
Instrução em Português	Estudos Sociais	Estudos Sociais	Estudos Sociais	Estudos Sociais
	Português Oral	Português Oral	Português Oral	Alfabetização em português (transição)

A divisão em diagonal indica o uso quase exclusivo da língua

indígena no primeiro semestre e gradativamente, introzida a apredizagem na língua nacional, até o término da 2ª série. Observe que neste programa em particular, somente no último semestre o educando começa a se alfabetizar na língua nacional; até este ponto, ele vinha sendo alfabetizado em sua língua materna, aprendendo oralmente o português.

O nível da integração do povo Kaingãng à sociedade brasileira, possibilita um programa de ensino bilingue com duração de dois anos. No início do terceiro ano de escolaridade, o aluno Kaingãng, já alfabetizado na língua materna e orientado quanto à cultura nacional, entra na 2ª série do sistema educacional brasileiro e encontra o seu próprio lugar sem sofrer o peso de tantas desvantagens sociolinguísticas.

#### Curso de Português Oral

Um axioma sociolinguístico afirma que a maneira de viver de um povo--isto é, sua cultura--expressa-se através de sua língua. Para os povos indígenas, o entendimento e a integração à cultura brasileira se desenvolve em grande parte através do conhecimento e domínio da língua nacional. A língua portuguesa é o fator chave do programa de ensino bilingue-bicultural. A criança indígena bilingue ao desenvolver sua capacidade de comunicação e expressão em português, também assimila o raciocínio brasileiro.

Para alcançar os alvos integracionais do curso de Português Oral, o nível da linguagem ensinada tem que ser escolhido com muita atenção: precisa ser um português padrão, mas regional; correto, mas sem pretensões literárias.

O professor que ministra o curso tem um papel de alta importância: serve como modelo linguístico e cultural para os alunos. A pessoa mais indicada para esta responsabilidade é um brasileiro da região, falante nativo de português, mas que também fale a língua indígena. Somente quem

tem o português como língua materna é qualificado para ser o modelo que as crianças indígenas vão imitar: na sua maneira de viver, pensar e se expressar; na pronúncia, gramática e semântica da língua portuguesa. Ao mesmo tempo, sua habilidade na língua indígena precisa ser suficiente para comunicar com as crianças e compreender as dificuldades que as mesmas tenham com a nova língua.

A elaboração do curso de Português Oral para cada grupo tribal, baseia-se na análise contrastiva da língua indígena com o português regional. Em geral, o ensino é realizado através de diálogos, exercícios de perguntas e respostas, exercícios de pronúncia de sons difíceis, e de acordo com a habilidade desenvolvida, livre e espontânea expressão.

O esboço que serve para a elaboração dos cursos individuais consta de uma programação progressiva de 36 unidades. Cada unidade é baseada numa situação da vida real do indígena educando, como, por exemplo, a plantação, a pescaria, a caçada, a sala de aula, fazer compras, tomar banho, e jogar futebol.

Todas as unidades acham-se em forma de esquema provisório que consta de: um tópico; sugestões quanto aos novos vocábulos relacionados a este; e os novos elementos gramaticais a serem introduzidos nos diálogos e exercícios. Exemplo:

Unidade I.

Tópico:	Plantação
Verbos:	plantar, roçar, limpar, ou outras atividades comuns à agricultura da região.
Substantivos:	roça, terra, pedra; implementos usados na plantação; produtos agrícolas da região.
Elementos gramaticais:	Tempo presente dos verbos da 1ª conjugação; Artigo definido; Em e de mais o artigo definido; A pergunta: De quem é...?

Unidade II.

Tópico:	Pescaria
Verbos:	Atividades como pescar, jogar, flechar, assar;
Substantivos:	peixe, água, rio, lago, etc. implementos como anzol, arco, flecha, linha, rede, timbó;
Elementos gramaticais:	A mais o artigo definido; <u>Por</u> mais o artigo definido; <u>Antes</u> de, depois de, longe de, perto de; A pergunta: Onde está...?

O desenvolvimento do conteúdo de cada unidade, conforme a situação local, segue o plano geral:

1. Relacionar com o tópico todos os verbos e substantivos do português falado na região;
2. Redigir diálogos representativos relacionados ao tópico;
3. Elaborar exercícios empregando todos os elementos gramaticais;
4. Planejar exercícios de pronúncia para sons difíceis.

Anexamos como exemplo uma unidade do curso de Português Oral elaborado para falantes da língua indígena Kayapó. Este curso foi programado, e depois gravado em fitas magnéticas, por falantes nativos de português que atuam em aldeias Kayapó.

II UNIDADE  
SITUAÇÃO PESCARIA

VERBOS

PESCAR  
JOGAR  
PREPARAR  
FLECHAR  
ESPERAR  
FISGAR  
LEVAR  
USAR  
PEGAR  
DEITAR

SUBSTANTIVOS

COLHER  
LINHA  
ANZOL  
ARCO  
FLECHA  
FACÃO  
FACA  
TIMBÓ  
EMBIRA  
CANOA  
REMO  
VARA  
CACETE  
ARPÃO  
PIABA  
MINHOCA  
CASTANHA  
TANAJURA

DETALHES  
GRAMATICAIIS

PRESENTE = VERBOS = AR  
ARTIGO DEFINIDO  
EM E DE + ARTIGO DEFINIDO  
DE QUEM É?

## DIÁLOGO ENTRE ZECA E JÓ

ZECA - JÓ, boa tarde.  
 JÓ - Boa tarde, Zeca.  
 ZECA - Vamos pescar?  
 JÓ - Aonde?  
 ZECA - Subindo o rio.  
 JÓ - Que horas?  
 ZECA - À tardinha.  
 JÓ - Não sei, não tenho anzol.  
 ZECA - Não faz mal, você leva arco e flecha.  
 JÓ - Tá bom, então vamos.  
 ZECA - Até mais tarde.  
 JÓ - Até mais tarde, Zeca.

Eu pesco com anzol.  
 Ele pesca com anzol.  
 Ela pesca com anzol.  
 Nós pescamos com anzol e flecha.  
 João e Zeca pescam com arpão.  
 Eu pesco no rio.  
 Ele pesca no rio.  
 Nós pescamos no rio.

Eu flecho o peixe.  
 Ele flecha o peixe.  
 Nós flechamos os peixes.  
 João e Zeca flecham os peixes.

Eu flecho a arraia.  
 Ele flecha a arraia.  
 Nós flechamos as arraias.  
 João e Zeca flecham as arraias.

Com colher de pesca	eu fisgo o tucunaré.
Com colher de pesca	ele fisga o tucunaré.
Com anzol	ela fisga a pescada.
Com anzol	nós fisgamos as pescadas.
Com anzol	voces fisgam as pescadas.
Com anzol	você fisga a pescada.

No rio		eu jogo a linha.
No rio		ela joga a linha.
No rio		nós jogamos a linha.
Na canoa		eu espero o peixe.
Na canoa,	ele espera	o peixe.
Na canoa,	nós esperamos	o peixe.
Na canoa,	voce espera	o peixe.
Da beira do rio,	eu flecho	o peixe.
Da beira do rio,	voce flecha	o peixe.
Da beira do rio,	nós flechamos	o peixe.
Da beira do rio,	eles flecham	os peixes.

Vou bater timbó	no lago.
Vai bater timbó	no lago.
Vamos bater timbó	no lago.
Vão bater timbó	no lago.
Vou bater timbó	no lago.
Vamos bater timbó	no lago.
Vou bater timbó	no igarapé.
Vai bater timbó	no igarapé.
Vamos bater timbó	no igarapé.
Vão bater timbó	no igarapé.

Eu	levo o pacu	na embira.
Ela	leva o pacu	na embira.
Ele	leva a piranha	na embira.
Nós	levamos as piranhas	na embira.
Vocês	levam os surubins	na embira.
Voce	leva o surubim	na embira.

De quem é o remo?	é do Zeca.
De quem é o remo?	é do papai.
De quem é o facão?	é da mamãe.
De quem é a faca?	é do vovô.
De quem é a vara?	é do papai.
De quem é o cacete?	é do vovô.
De quem é o anzol?	é da mamãe.

## DIÁLOGO PAI E FILHO

- FILHO - Papai, vamos pescar hoje?  
PAI - Não, meu filho, vamos amanhã cedo.  
FILHO - Então eu preparo a isca hoje?  
PAI - Sim, vamos usar também piaba.  
FILHO - O que mais vamos usar?  
PAI - Arco, flecha, linha e anzol.  
FILHO - Para onde vamos pescar?  
PAI - Baixando o rio.  
FILHO - Onde está a canoa?  
PAI - Na roça, com sua mãe.  
FILHO - Ela chega hoje?  
PAI - À tarde ela chega.  
FILHO - Vamos pegar surubim?  
PAI - Vamos pegar piranha, surubim e tucunaré.  
FILHO - A que horas vamos voltar?  
PAI - Antes do meio dia.  
FILHO - Então papai, vou deitar cedo hoje.  
PAI - Tá bom.

### Material de transição

O ser humano aprende a ler uma só vez na vida. O analfabeto ouve e compreende os sinais orais de um sistema linguístico. No processo de alfabetização, ele se torna habilitado para também perceber os sinais visuais da mesma língua e compreendê-los. Ele aprende um novo código do mesmo sistema. O alfabetizado, que lê com compreensão, pode transferir sua habilidade de ler de uma língua para outra.

Os materiais de transição usados no programa de ensino bilingue proporcionam às crianças alfabetizadas na língua materna, um meio para transferência de suas habilidades à leitura na língua nacional. Geralmente, estes materiais constam de uma cartilha de transição, que segue o mesmo método empregado nos demais materiais didáticos da língua.

O principal requisito para a pessoa alfabetizada que deseja aprender a ler numa segunda língua é o controle oral daquela língua, ou seja, o domínio de tudo que vai ler. Se não houver um programa adequado de português oral, convém providenciar exercícios orais para a conscientização de novos sons, sequências de sons e um novo sistema gramatical.

A cartilha de transição baseia-se na análise contrastiva da língua indígena com o português. Consideram-se como elementos a serem ensinados tudo que é novo ou diferente; como: fonemas, alofones, símbolos gráficos, sequências de sons, padrões silábicos, e posições onde ocorrem os sons.

Na elaboração das unidades ou lições da cartilha, seguindo a teoria de transferência de códigos, consideram-se os seguintes critérios:

1. Identificar e utilizar os elementos semelhantes existentes nas duas línguas, começando com as formas já conhecidas;
2. Escolher uma sequência de introdução de novos elementos que use as habilidades de transferência;

3. Manter uma introdução controlada de novos elementos, ensinando um ou dois em cada lição;

4- Utilizar os Passos de 1 a 4, para praticar a pronúncia e novos padrões de distribuição;

5. No Passo N° 5, focalizar os padrões de intensidade e a sílaba tônica;

6. Aproveitar os exercícios de funcionares gramaticais para aperfeiçoar a entonação e ritmo.

As seguintes cópias de umas páginas das cartilhas de transição elaboradas para falantes das línguas Karajá (1) e Paumarí (4) servem como exemplos:

143

No programa de alfabetização entre os Karajá levamos em conta o princípio pedagógico universal de que cada elemento se aprende melhor se fôr apresentado o desconhecido em relação ao conhecido.

Seguindo este princípio, a alfabetização é iniciada no idioma Karajá com as cartilhas "Iny tyyrati" 1 a 3. Depois de alfabetizados em seu próprio idioma, a alfabetização dos Karajá na língua nacional torna-se mais fácil.

Este livro, como cartilha de transição Karajá-Português, facilita a aprendizagem das diferenças entre as duas línguas, pois apresenta primeiro os símbolos de Português que têm sons correspondentes na língua Karajá. O Karajá alfabetizado poderá facilmente ler as primeiras seis lições sem encontrar letras desconhecidas.

A seguir, introduzem-se as letras do Português que não têm sons equivalentes em Karajá, como por exemplo f, v, p, etc. Finalmente apresentam-se as letras que na grafia portuguesa correspondem a varios sons que podem ou não ser encontrados em Karajá. Por exemplo: o x na grafia Karajá equivale somente à fricativa palatal, surda, côncava, mas na portuguesa o x pode representar ora esse som, ora ks, z ou s.

Como as outras publicações, este livro decorre dos estudos fonológicos e gramaticais realizados por membros do Summer Institute of Linguistics, e é resultado de pesquisas de campo entre os índios Karajá, feitas em virtude do convênio MUSEU NACIONAL - SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS.

combinação com palavras Karajá que exemplificam os sons, ou sons semelhantes, nesta língua.

Não fazem parte do alfabeto Karajá os seguintes símbolos: f, v, p, nh, lh, rr, g, ss, z, ç, q, ch.

Letra ou Som	Português	Karajá	Tradução
d	dia (pronunciado como no dialetó do Rio de Janeiro)	jiary	eu
đ	dedo	dò	isca
t	tatu	tateri	Bom dia.
l	lata	late	peixe cachorro
b	bola	bohetu	Não sei.
m	mamãe	mahe	Pode ir.
n	nata	nadi	mamãe
<u>am, em, im, om, um</u>			
r	cara (só medial)	rara	urubu
f			
v			
p			
<u>ão, õe, ã, ãe</u>			
<u>ar, er, ir, or, ur</u>			
nh			
lh			
h	homen (sem som)	heto	
r	(inicial) rr (medial)		

g (com som de g) como em 'gato' ou 'largue'

al. el. il. ol. ul

g (com som de j) como em 'gente'

j (não é igual ao som j em Karajá)

gu (com som de g<sup>w</sup>) como em 'água'

s (com som de s) como em 'sapato'

ss (com som de s) como em 'massa'

s (com som de z) como em 'casa'

z (com som de z)

c (com som de s) como em 'cinema'

ç (com som de s) como em 'caça'

c (com som de k) como em kohe 'sim' na língua Karajá

qu (antes de i, e, com som de k) como em 'quinze'

qu (antes de a com som de k<sup>w</sup>) como em 'quatro'

x (com som de ks) como em 'fixo'

x (com som de x) como em 'peixe' e na língua Karajá  
ixy 'porco do mato'

x (com som de z) como em 'exemplo'

x (com som de s) como em 'explosão'

ch (com som de x) como em 'chave'

grupos consonantais com r

d

da	de	di	do	du
----	----	----	----	----

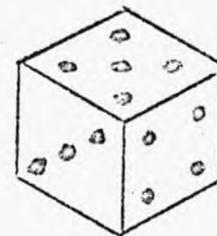
MKB. 18, p. 153/186

e	a
dedo	dedo

Bom dia, Titia.

O dedo de mamãe doeu.

Aí, dei o dado ao bebê.



O dado é de Didi.

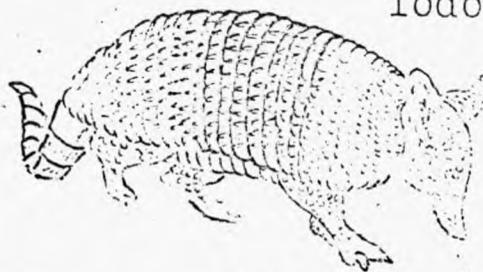
t

ta	te	ti	to	tü
----	----	----	----	----

O Tatu

O tatu é de Didi.

Todo dia dou leite ao tatu.



Tito, me dá o tatu.

la	le	li	lo	lu
----	----	----	----	----

Titio me deu a lata do leite.  
Dei todo o leite ao tatu.

*Lili deu o leite.*

b	ba	be	bi	bo	bu
---	----	----	----	----	----



Eu bebi limonada.  
- Bebeu ?  
A limonada é da babá.  
Ela deu a bala ao bebê.  
- A bala é tua ?  
- Não, é da mamãe.

*Babá é boa.*

m	ma	me	mi	mo	mu
---	----	----	----	----	----

Mamãe deu mel a Lulu.  
Lulu melou a mão de mel.  
Também melou a mola de metal.  
Tudo melado !  
Mamãe bateu em Lulu.  
Aí, Lulu lambeu a mão.

*Mão melada*

n	na	ne	ni	no	nu
---	----	----	----	----	----

A nata de leite é da Nina.  
A da lata é do bebê.  
É nada, é da Nina.

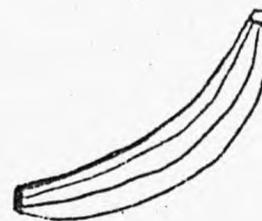


*Nina bateu  
a nata de*

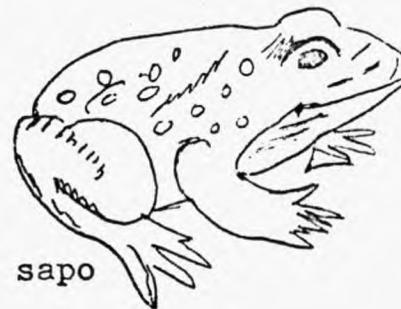
Portugues para falantes de Paumari.

SIL - Edição de Teste

Porto Velho - 1976



banana



sapo

ba	Ba
sa	Sa
na	Na
pa	Pa

1.

MKH.18, p.155/186

sapo

banana

pano

sopa

sapo

pano

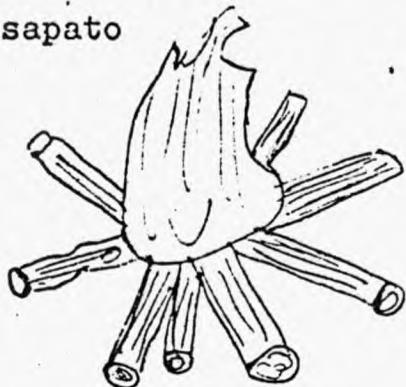
sopa

banana

a	i	o
ba	bi	bo
sa	si	so
na	ni	no
pa	pi	po



sapato



fogo

fa	fi	fo
sa	si	so
pa	pi	po

2.

- o pato
- o sapato
- o fogo
- o fígado
- o gato
- o gado

fo	Fo
to	To
go	Go

ta	to
ga	go
da	do

3.

MRh.10,p.150/186



ovo

vi	Vi
mi	Mi

ovo  
gota

novo  
povo

- o e
- avó avô

va	vi	vo
ma	mi	mo

nova  
pomada

gado  
amigo

4.



pé

é

pé

tétano

O pé do menino dói.

O nome do menino é Ivo.

e é ê

é	Ê
pe	Pe

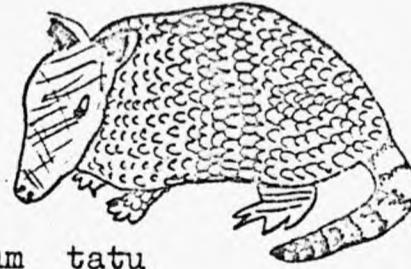
o	i
oi	
dói	
foi	

semana

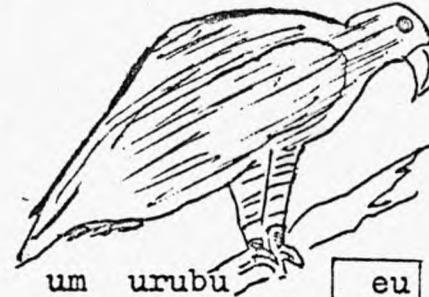
menina

veneno

5.



um tatu



um urubu

urubu

tatu

dúvida

número

maduro

farofa

u

um

eu

meu

seu

ai

pai

sai

u

tu

bu

du

nu

uru

Meu pai saiu e foi ao mato.

No mato viu um tatu.

O tatu sumiu.

Certos aspectos da atual situação indígena brasileira, requer um segundo tipo de cartilha de transição: uma que ensine a ler na língua materna a pessoa já alfabetizada, ou semi-alfabetizada na língua nacional. Em muitos casos, estas pessoas podem reconhecer os símbolos gráficos e pronunciar sílabas, mas, por não entenderem bem o português, não compreendem o que pronunciam. Realmente precisam entender que ler é obter informação da página escrita.

Os exercícios na cartilha de transição, de português para a língua materna, são poucos; estes focalizam as diferenças entre as duas línguas, com quadros para ensinar os novos símbolos. A prioridade é de material de leitura interessante e ampliado. A metodologia segue a mesma teoria de transferência das cartilhas na língua materna para o português; partindo dos elementos semelhantes entre as duas línguas, aos não-semelhantes. Em algumas situações, é possível usar a própria cartilha de alfabetização, mencionando rapidamente os Passos de N° 1 a 4, focalizando os funcionadores, e considerando como mais importante, o material de leitura.

Incluimos aqui como exemplo, umas páginas da cartilha elaborada para os índios Rikbaktsa já alfabetizados em português (2):

# Myharere

Publicação Experimental  
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

## PREFÁCIO

A maior parte do povo Rikbaktsa (família lingüística Macro-Jê), se encontra numa reserva entre os rios Juruena e Sangue no Estado de Mato Grosso. Por razões históricas do seu contato com o mundo de fora, este povo manifesta dois polos diferentes de aculturação. Um grupo é bem mais primitivo do que o outro. O grupo que teve mais escolarização, até um certo grau, na língua nacional pode ler o português. Esta minoria representa 20% da população total do povo. O grupo que não passou por esta experiência iniciará o processo educacional na sua língua materna, segundo a Portaria 75/N de 06.07.72, da Fundação Nacional do Índio.

As normas da mesma Portaria prevêem o processo de Educação Bilíngüe com o emprego do próprio falante da língua para desempenhar o período de alfabetização. Entretanto, o alfabetizado no português necessita de uma cartilha de transição para se capacitar na leitura da sua própria língua, para que possa funcionar finalmente como Monitor Bilíngüe.

O presente trabalho vem preencher esta necessidade e visa a um uso restrito entre o grupo de 20% acima referido. Portanto, esta cartilha apresenta apenas 7 das 12 consoantes e 1 das 6 vogais orais, cujos símbolos não aparecem no alfabeto oficial da língua portuguesa, ou por razões lingüísticas, se manifestarem com pronúncia que difere da língua nacional.

Consideramos a presente trabalho como trabalho experimental e visamos seu uso por curta duração. Encontra-se em planejamento uma série de cartilhas seguindo o método tradicional. Esse trabalho é decorrência de estudos fonológicos e gramaticais realizados por membros do Summer Institute of Linguistics, em convênio com o Museu Nacional e a Fundação Nacional do Índio.

W

W



wahoro

towaho

wanu

piwadina

waroho

piwena

wa

awanu

wihara

awahoro

wihiri

piwatahana

k



kokwaru

kariha

kabutoksara

kawanu

kawahoro

K

mukarikina

pikuku

ikukuru

pikoreki

piksina

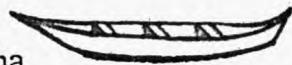
tupaktsa

karikuk  
 waratok  
 wohorik  
 muwak  
 kokdik



Miwabitu inapopo. Pihik bo.  
 Waroho kokdikma. Piborona.  
 Kawahoro bo mutare. Kawanu  
 piwowoko.

ts



tsaraha  
tsihirik  
tsohorik  
tsihwi  
tsipiksi  
tsimuwak  
tsiktsadobobo  
tsutsuk

Ts



katse  
mutsariki  
mutseheke  
atsunu  
itsapu  
mukorotsuk  
witsik  
pitsare  
mutsapiki  
wotsik



Mumuruna, mumuruna.  
-- Tupakta pihik bo!  
Nokpo pihik bo, spik spik nokpohani.  
Nokpo spik spik pihik bo, nokpo nokpo  
nokpohani.  
-- Tupakta eteteke.  
-- Wahoro bo tsipiksinakta!

- (1) Cartilha de transição Karajá - Português. Edição mimeografada. Rio de Janeiro, SIL. 1964.
- (2) Myharere. Publicação experimental. Brasília. Ministério do Interior/Fundação Nacional do Índio, 1964.
- (3) NEWMAN, Barbara A. Ensino bilingue: uma ponte para a integração. Informativo FUNAI, ano IV, nº 14. Brasília, Ministério do Interior/Fundação Nacional do Índio, 1975. p. 67-75.
- (4) Vamos ler. Português para falantes de Paumarí. Edição de teste, mimeografada. Porto Velho, SIL, 1976.

S E Ç Ã O VI

RELAÇÃO DE NOVOS TESTAMENTOS E LIVROS AVULSOS  
DO NOVO TESTAMENTO PUBLICADOS, NO PRELO E EM  
FASE DE ORGANIZAÇÃO

- descrição do processo de tradução
- resumo
- elaboração

## DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO

O projeto de se traduzir o Novo Testamento do texto original à uma língua indígena do Brasil não é alcançado em poucos meses, e nem mesmo em poucos anos. Se se desejar que a tradução final tenha a mesma validade para os índios brasileiros vivendo no século XX, validade essa que existiu para os leitores do primeiro século depois de Cristo, e sendo este o objetivo do tradutor, que por sua vez tem em mente fazer um trabalho científico; é necessário que o mesmo (o tradutor) se submeta a um trabalho infatigável para fazer a exegese do verdadeiro significado do texto original, pesquisando na área dos equivalentes dinâmicos; datilografando várias vezes os textos da tradução para as sim, submetê-los a uma constante revisão com o auxílio de falantes nativos de ambos os sexos, de diferentes idades e vivendo em diferentes áreas geográficas e lingüísticas na tribo.

Os vários estágios ao se traduzir apenas um livro do Novo Testamento poderiam ser assim esboçados, em sua série cronológica:

1. O tradutor escolhe um livro e começa a estudar em aspecto profundo seu significado, dando relevante consideração à sua estrutura básica, conteúdo e argumento.

2. Revisando a tradução com falantes nativos da língua, o tradutor começa a procurar os modos naturais de expressar (traduzir) os termos-chave e os conceitos. (Alguns termos-chave são encontrados e selecionados, após muitos anos de pesquisa).

3. Ele (o tradutor) faz um rascunho do livro, traduzindo versículo por versículo, isto com a ajuda do falante nativo. Neste estágio, ele lê toda a tradução para outras pessoas não participantes do processo de tradução, para sentir como a mesma está sendo entendida.

4. Datilografa o manuscrito com cópias para falantes nativos alfabetizados e para os membros da equipe.

5. Ele (o tradutor) confere a tradução do começo ao fim, com alguém que não conhece o conteúdo. (Muitas vezes ele escolhe uma pessoa menos brilhante.)

6. Ele confere seu próprio trabalho, através do método de constância: "Tenho traduzido a mesma idéia como ela aparece em contextos similares ou idênticos?"

7. Outros membros da equipe também fazem suas próprias conferências (revisões) na mesma tradução.

8. A pesquisa está agora pronta a ser apresentada a um consultor especializado em tradução, o qual avalia o trabalho apontando os erros e ajudando o tradutor a aperfeiçoar a qualidade de sua pesquisa.

9. Ele confere novamente com outros falantes nativos para assegurar que as mudanças sugeridas pelo consultor são aceitáveis pelos falantes nativos e então, relata de volta ao consultor o resultado do processo de conferência.

10. A tradução do livro está agora pronta para ser redatilografada e preparada para ser impressa. O processo de impressão requer do tradutor um longo tempo.

11. Após sua publicação, o livro é distribuído para o maior número possível de leitores. O tradutor escuta aos falantes nativos lerem o livro, notando especialmente onde os mesmos encontram dificuldades ou mostram hesitação. Posteriormente, ele lhes pergunta sobre pontos específicos e os encoraja a fazerem comentários acerca de qualquer aspecto que não entenderam bem ou que gostariam de ver modificado.

12. O tradutor cuidadosamente registra as mudanças que precisam ser feitas, considerando a reação do leitor. Quando feita a revisão, ele introduz as mudanças solicitadas e requeridas.

13. Ele confere a tradução com diferentes dialetos da língua, assegurando assim, se possível, o entendimento da tradução por todos os falantes. Se as diferenças são grandes, uma tradução isolada pode ser indicada.

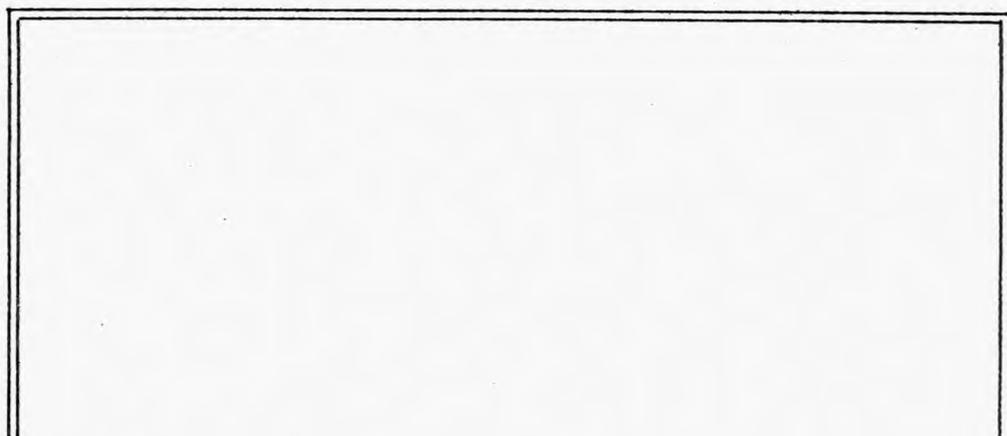
14. Ele incorpora todas as mudanças, faz um burilamento final e redatilografa o livro, antes que o mesmo se ja reimpresso como parte do Novo Testamento.

Estes estágios referem-se a UM livro do Novo Testamento. Existem 26 outros, os quais passarão pelos mesmos estágios e processos de conferência e revisão, se a fase final da tradução é para ser um autêntico trabalho científico, livre de preconceitos pessoais, fundamentados na realidade de vida do tradutor.

S E Ç Ã O VI- NOVOS TESTAMENTOS  
(ou livros avulsos do NT)

RESUMO:

NOVOS TESTAMENTOS- PUBLICADOS	2
- NO PRELO	1
- EM FASE DE ORGANIZAÇÃO	2
Livros avulsos - publicados	91
- no prelo	7



SEÇÃO VII

CONTABILIDADE



NOVOS TESTAMENTOSCOMPLETOS

158

GRUPO/LÍNGUA	EQUIPE	DATA DE PUBLICAÇÃO
HIXKARYANA	Dr. Desmond e Grace Derbyshire	Dezembro 1976
KAINGANG	Dr. U. Wieseemann	Setembro 1977
<u>NO PRELO</u>		
MUNDURUKU	Marjorie Crofts Margaret Sheffler	Previsto para Dezembro 1977
<u>EM FASE DE ORGANIZAÇÃO</u>		
KARAJÁ	David e Gretchen Fortune	--- --
MAXAKALÍ	Harold e Francis Popovich	--- --

PUBLICADOS	ANO--PJEL.	TIRAGEM
Gênesis abreviado	1974	150
Atos	1972	200
I Tessalonicenses	1975	100
III Tessalonicenses		
I e II Timóteo		
Tito		
Hist. da Bíblia	1963	90
Gênesis abreviado	1968	200
Marcos	1967	
Atos	1970	100
I e II Tessalonicenses	1970	100
I e II Timóteo		
Tito		
Filemom		
História da Bíblia	1972	150
Marcos	1973	20
Marcos	1969	115
João	1971	100
Tito	1971	100
Atos		

canções e títulos pertencem a um único livro

GRUPO/LÍNGUA	EQUIPE	TRADUZIDOS	JÁ VERIFICADOS	NO PRELO	PUBLICADOS	ANO-PUBL.	TIRAGEM
CANELA-KRAHÓ	Jack Douwe e Josephine Theodora Popjes	Lucas Atos			Vida de Cristo	1974	300
GUAJAJÁRA	Carl Howard e Carole Wheeler Harrison				História da Bíblia Vida de Cristo Marcos Atos (1-14) I Tessalonicenses História do V. Testamento Marcos I e II Tessalonicenses I e II Timóteo Tito Filemom	1968 1963 1972 1970 1972 1976  1976	100 100 350 100 100  1000
GUARANI	Robert e Kathie Dooley	Gênesis abreviado Gálatas Tiago	I Pedro		Hist. do A. Testamento Hist. do N. Testamento Hist. de José Seleções de Marcos Jonas Marcos Atos	1966 1966 1976 1966 1975 1976 1971	250 250 250 250 200 450 250
JAMAMADÍ	Robert Lewis e Barbara Dorothy Campbell				Marcos	1974	120
KAIWÁ	John Michael Audrey Helen Taylor Lorraine Bridgeman	Lucas João Gálatas Romanos I Coríntios Epístolas de João			Hist. do A. Testamento Hist. do N. Testamento Hist. da Bíblia Gênesis abreviado Jonas Seleções de Marcos Atos I e II Tessalonicenses	1964 1964 1964 1976 1973 1964 1975 1975	1000 600 600 600 400

GRUPO/LÍNGUA	EQUIPE	TRADUZIDOS	JÁ VERIFICADOS	NO PRELO	PUBLICADOS	ANO PUBL.	TIRAGEM
KAIWÁ (cont.)	John Michael Audrey Helen Taylor Lorraine Bridgeman				Colossenses Davi e Golias Elias no Monte Carmelo Marcos Lucas	1976 1960 1960 1972 1976	500 500 600 100
KAYAPÓ	Kathleen M. Jefferson Miriam E. Stout Ruth Rielle Grace Thomson		Vida de Moisés Lucas		Gênesis abreviad. Exodo Gênesis abreviado	1972 1976	55 400
MAMAINDE	Peter Kenneth Ewart e Shirley Kingston	Histórias da Bíblia		Marcos			
MURA-PIRAHÁ	Steve Neil Sheldon e Linda Lee Sheldon		Histórias da Bíblia				
NAMBIKUÁRA	Menno H. e Barbara Jo Kroeker Ivan e Margaret Lowe	I João	Gálatas I e II Tessalon. I e II Timóteo Tito		Marcos Lucas João Atos	1975 1972 1977 1972	75 125 100 125
PALIKUR	Harold Glen e Diane Marie Green	Mateus Lucas II Cor. Filemom Hebreus I e II Pe- dro II e III Jo. Judas Apocalipse	I João Romanos Vida de Cristo Tiago Filipenses I Coríntios		Histórias da Bíblia Marcos Atos I e II Tessalonic. I e II Timóteo Colossenses Efésios Tito	1968 1971 1972 1973	150 1250 150
PARECIS	Orland Bergel e Phyllis Ione Erickson Rowan	Gênesis a- breviado Vida de Moisés Lucas, Atos Gálatas	Histórias da Bíblia		Marcos	1971	150

GRUPO/LÍNGUA	EQUIPE	TRADUZIDOS	JÁ VERIFICADOS	NO PRELO	PUBLICADOS	ANO-PUBL.	TIRAGEM
PARINTINTÍN	LaVera Darline Betts e Helen Cadwell Pease				Gênesis abreviado Vida de Moisés Marcos Atos I e II Tessalonicenses } I e II Timóteo }	1971 1975 1971 1975 1974	250 200 250 200 200
PAUMARÍ	Mary Ann Odmark e Shirley Ann Muriel Chapman	Atos	Histórias da Bíblia		Gênesis abreviado Vida de Moisés- 2 vol. Marcos	1971 1971 1972	25 60 100
RIKBAK TSA	Sheila Ann Tremaine	Lucas			Vida de Cristo Lucas	1974 1977	100
SATERE	Albert Tompkins e Sue Carroll Graham	Mateus Romanos Lucas Gálatas I e II Cor. Efésios Filipenses Colossenses I e II Tess. I e II Tim. Tito Tiago Filemom Hebreus I e II Pe. I, II e III João Judas Apocalipse			Histórias da Bíblia Marcos João Atos Marcos- 2ª ed.	1966 1968 1974 1974 1973	600 1000 1000 500

GRUPO/LÍNGUA	EQUIPE	TRADUZIDOS	JÁ VERIFICADOS	NO PRELO	PUBLICADOS	ANO. PUBL.	TIRAGEM
TERENA	Nancy Evelyn Butler e Elizabeth Muriel Ekdahl	José (Hist) Tiago			Hist. do A. Testamento Gênesis abreviado Vida de Cristo Lucas Atos I e II Tessalonicenses Tito	1959 1974 1959 1964 1964 1971	500 450 100 500 150
URUBU	James Yoshio e Kiyoko Kakumasu	Lucas João (1/2) Filipenses Colossenses			Gênesis abreviado Marcos Atos I e II Tessalonicenses I e II Timóteo Tito Filemom I, II e III João	1975 1970 1974 1975	100 250 100 100
XAVANTE	Ruth Allison McLeod e Valerie Ann Mitchell Joan Hall	Lucas			Hist. do A. Testamento Paixão, Ressur. e Ascens. de J. Cristo Gênesis abreviado Marcos João Atos Tito I Pedro	1967 1968 1971 1971 1974 1970 1973	200 250 200 390 500 390 300

## SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS - BRASÍLIA, D.F.

BALANÇO GERAL ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

164

A T I V O7 e 8 - DISPONÍVEL

7.	Caixa	1.368.108,65	
8.1	Bank of London and South America Ltd.	100.287,70	
2	Banco do Brasil, S.A.	<u>1.554,33</u>	1.469.950,68

11 e 14 - REALIZÁVEL

11	Devedores Diversos	172.450,00	
14	Animais Gado Bovino	<u>195.600,00</u>	368.050,00

40 - IMOBILIZADO

40.1.1	Imóveis em BSB	1.341.550,07	
40.1.2	Imóveis em BEL	781.561,76	
40.1.3	Imóveis em CGB	1.196.902,62	
40.1.4	Imóveis em MAO	304.625,76	
40.1.5	Imóveis em PVH	1.339.686,84	
40.2.1	Máquinas	478.049,26	
40.2.2	Máq. Dept. Publicações	247.460,28	
40.2.3	Máquinas Agrícolas	22.768,58	
40.2.4	Rádio Transmissores	141.428,48	
40.2.5	Equip. p/Aeronaves	43.688,16	
40.2.6	Instal. Telefônicas	361.002,02	
40.3.1	Viaturas	1.143.941,00	
40.3.2	Aeronaves	1.534.741,21	
40.3.3	Lanchas	121.087,07	
40.4	Móveis e Utensílios	<u>1.181.071,10</u>	10.239.564,21

S O M A

12.077.564,89P A S S I V O617 - NÃO EXIGÍVEL

617	Patrimônio		12.049.565,68
-----	------------	--	---------------

519-522 EXIGÍVEL

519.1	Credores Diversos	4.400,00	
520.1	Financiamentos	4.840,00	
522.2	Imposto a Pagar - IRRF	203,69	
522.3	Imposto a Pagar - SINDICAL	<u>40,00</u>	9.483,69

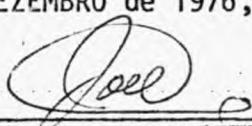
523 - RESULTADO PENDENTE

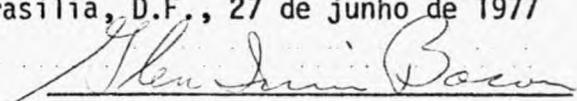
523.1	Valores em trânsito		<u>18.515,52</u>
-------	---------------------	--	------------------

S O M A

12.077.564,89

Reconhecemos a exatidão do presente Balanço Geral, encerrado em  
31 de DEZEMBRO de 1976, transcrito à folha 477 do Livro Diário nº 2.  
Brasília, D.F., 27 de junho de 1977

  
JOEL PAULO DE SOUZA  
CBO-DF 1512 - GDF 132.608

  
SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS

"SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS" BRASÍLIA - DF  
 DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "DONATIVOS, RENDAS E DESPESAS" REFERENTE  
 ao PERÍODO DE 1º DE JANEIRO DE 1976 A 31 DE DEZEMBRO DE 1976.

DÉBITO

de DESPESAS GERAIS

despesas realizadas durante o exercício,  
 conforme Balancete de Verificação 6.264.457,33

de DONATIVOS PARA FINS PREDETERMINADOS 5.865.161,76

de PATRIMÔNIO

ajustamento do inventário de imóveis,  
 veículos, aeronaves e gado bovino 370.582,37

a PATRIMÔNIO

valor do superavit do exercício  
 transferido para esta conta 2.505.933,06 15.006.134,52

CRÉDITO

de ENTIDADES PÚBLICAS 311.575,03

de DONATIVOS DO EXTERIOR - Dinheiro

Donativos Gerais 7.664.609,39  
 Donativos para Fins  
 Predeterminados 5.865.161,76 13.529.771,15

de DONATIVOS DO EXTERIOR - Bens 261.431,69

de DONATIVOS DO BRASIL 86.529,27

de RECEITAS PATRIMONIAIS 60.843,80

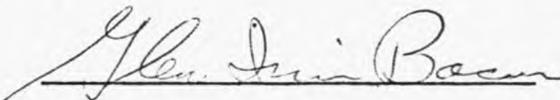
de VENDAS DE BENS 41.813,04

de RECEITAS EVENTUAIS 714.170,54 15.006.134,52

Reconhecemos a exatidão da presente DEMONSTRAÇÃO DA  
 CONTA "DONATIVOS, RENDAS E DESPESAS", encerrado em 31 de DEZEMBRO  
 de 1976, transcrito à folha 478 do Livro Diário nº 2.

Brasília, D.F., 27 de junho de 1977

  
 JOEL PAULO DE SOUZA  
 CRC DE 1912/COF 130.908

  
 SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS

INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO  
BALANCETE DE VERIFICAÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976. CONTABILIDADE  
CENTRALIZADO P/FILIAIS:

DÉBITO

7 E 8 - DISPONÍVEL

7.1	Caixa - BSB (Brasília)	157.520,95	
7.2	Caixa - BEL (Belém)	253.893,57	
7.3	Caixa - CGB (Cuiabá)	265.850,00	
7.4	Caixa - MAO (Manaus)	69.152,38	
7.5	Caixa - PVH (Porto Velho)	205.527,39	
7.6	Caixa - AGR (Belém Agricultura)	2.435,00	
7.7	Caixa - PUB (Deptº Gráfico)	6.505,80	
7.9	Caixa - TRA (Dinheiro em Trânsito entre caixas)	407.223,56	
8.1	LON - Bank of London & S. America Ltd, conta nº 701278-4, BSB	100.287,70	
8.2	BBR - Banco do Brasil, S.A., Asa Norte, BSB	<u>1.554,33</u>	1.469.950,68

11 E 14 - REALIZÁVEL

11.3	Devedores Diversos - Santarém Aero Taxi Ltd.	169.450,00	
11.7	Devedores Diversos - Júlio César de Almeida	3.000,00	
14.1	Animais Gado Bovino - BEL	147.600,00	
14.2	Animais Gado Bovino - PVH	<u>48.000,00</u>	368.050,00

40 - IMOBILIZADO

40.1.1	Imóveis em BSB	1.341.550,07	
40.1.2	Imóveis em BEL	781.561,76	
40.1.3	Imóveis em CGB	1.196.902,62	
40.1.4	Imóveis em MAO	304.625,76	
40.1.5	Imóveis em PVH	1.339.686,84	
40.2.1	Máquinas	478.049,26	
40.2.2	Máquinas - Dept. Gráfico	247.460,28	
40.2.3	Máquinas Agrícolas	22.768,58	
40.2.4	Rádio Transmissores e Equipamento Eletrônico	141.428,48	
40.2.5	Equipamentos para Aeronaves	43.688,16	
40.2.6	Instalações Telefônicas	361.002,02	
40.3.1	Viaturas	1.143.941,00	
40.3.2	Aeronaves	1.534.741,21	
40.3.3	Lanchas	121.087,07	
40.4.1	Móveis e Utensílios - BSB	208.307,72	
40.4.2	Móveis e Utensílios - BEL	165.178,26	
40.4.3	Móveis e Utensílios - CGB	177.342,01	
40.4.4	Móveis e Utensílios - MAO	69.374,29	
40.4.5	Móveis e Utensílios - PVH	133.782,96	
40.4.7	Móveis e Utensílios - Deptº Gráfico	6.960,00	
40.4.8	Móveis e Utensílios - Geral	<u>420.125,86</u>	10.239.564,21
A Transportar . . . . .			12.077.564,89

INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO  
 BALANCETE DE VERIFICAÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976. CONTABILIDADE  
 CENTRALIZADO P/FILIAIS.

167

DÉBITO

De Transporte . . . . .		12.077.564,89
<u>200 - DESPESAS GERAIS</u>		
237.01	Salários	738.322,73
238.01	INPS	71.632,93
238.02	FGTS	36.319,46
238.03	PIS	4.163,32
240	Honorários	17.905,00
241	Comissões	5.867,36
242	Aluguéis	50.025,20
243	Despesas Bancárias	3.391,86
244	Tributos Estaduais e Municipais	10.099,70
248.01	Assistência Educacional a Associados	52.082,04
248.02	Assistência Médica a Associados	74.099,13
249.02	Medicamentos para Indígenas	14.646,72
249.03	Assistência Médica, Odontológica, e Hospitalar para Indígenas	500,00
249.04	Despesas Diversas com Estudos Indígenas	69.767,90
249.05	Assist. Educ. p/Indígenas	46.859,29
249.06	Desenvolvimento Comunitário nas Tribos	49.431,46
249.07	Despesas Agrícolas p/Indígenas	16.209,60
249.08	Despesas Gerais nas Tribos	108.750,06
249.15	Assistência Social ou Educacional a Terceiros	8.363,86
250.01	Despesas com Imóveis	445.203,94
250.05	Despesas com Máquinas e Transmissores e Instalações Telefônicas	195.706,16
250.10	Despesas com Viaturas	567.688,70
250.15	Despesas com Aeronaves	619.699,82
250.20	Despesas com Lanchas	9.240,60
250.25	Despesas com Móveis e Utensílios	99.936,58
250.40	Donativos, Óbolos, Gorjetas	3.148,50
250.41	Emolumentos	53.187,30
250.42	Taxas Diversas	90.992,12
250.43	Contribuição Sindical	778,51
250.50	Manutenção dos Membros em Trânsito	9.427,15
250.51	Passagens Aéreas, Rod., e Fluviais	1.471.927,67
250.52	Fretes, Malotes e Carretos	204.506,61
250.53	Locomoção	39.716,98
250.60	Condomínio	1.750,00
250.62	Luz, Gas, Água	215.201,03
250.64	Materiais de Escritórios, Impressos, Cópias Xerox	96.605,57
250.66	Postais, Telegráficas, Telegramas, Telefônicos	141.841,07
250.80	Despesas com Gráfica	262.215,66
250.81	Despesas com Rádio	80.822,93
250.82	Despesas com Agricultura	195.288,04
250.84	Apólice de Seguro	13.983,18
250.85	Conferência (Bienal)	17.728,70
250.95	Despesas Diversas	17.158,89
250.97	Depreciações Diversas	32.264,00
		6.264.457,33
349	Donativos p/Fins Predeterminados	5.865.161,76
		24.207.183,98

INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERAO  
BALANCETE DE VERIFICAÇÃO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976 CONTABILIDADE  
CENTRALIZADO P/FILIAIS.

CRÉDITO

400 - DONATIVOS E RENDAS

425	Donativos de Entidades Públicas	311.575,03	
429.1	Donativos de (Empresas Particu- lares) do Exterior: Dinheiro	13.467.204,65	
429.2	Donativos de (Empresas Particu- lares) do Exterior: Bens	261.431,69	
429.3	Donativos de (Empresas Particu- lares) do Brasil	35.504,77	
430.1	Donativos de Pessoas Físicas do Exterior	62.566,50	
430.2	Donativos de Pessoas Físicas do Brasil	51.024,50	
431	Receitas Patrimoniais	60.843,80	
434.1	Vendas de Bens - Imóveis	22.313,04	
434.2	Vendas de Bens - Equipamentos e Instalações	8.500,00	
434.3	Vendas de Bens - Veículos (Carros, Lanchas)	1.000,00	
434.4	Vendas de Bens - Móveis e Utensílios	7.000,00	
434.5	Vendas de Bens - Gado bovino (Agricultura)	3.000,00	
435.1	Receitas Eventuais - Agricultura	102.163,50	
435.2	Receitas Eventuais - Deptº Gráfico	100.955,80	
435.3	Receitas Eventuais - Pan American "GROUP AFFINITY"	35.509,29	
435.4	Rec. Eventuais - Vôos pelo Deptº de Aviação	170.715,74	
435.5	Rec. Eventuais - Manutenção de Aeronaves	9.788,50	
435.6	Rec. Ev. - Diversas	251.451,21	
435.7	Rec. Ev. - Manutenção de Equipamentos Eletrônicos	43.586,50	15.006.134,52

518 a 522 EXIGÍVEL

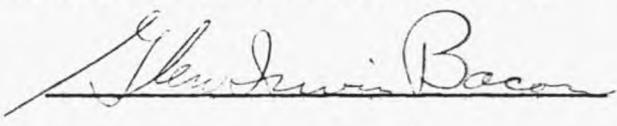
519.1	Credores Diversos - Max Herren	4.400,00	
520.1	Financiamentos - COTELB, BSB	4.840,00	
522.2	Imposto a Pagar - IRRF	203,69	
522.3	Imposto a Pagar - Imposto Sindical	40,00	
523.1	Resultado Pendente - Cheques em Cobrança	18.515,52	27.999.21

600 e 617 PATRIMÔNIO

600	Donativos, Rendas e Despesas	(370.582,37)	
617	Patrimônio	9.543.632,62	9.173.050,25
			24.207.183,98

Brasília, DF, 27 de junho de 1977

  
 \_\_\_\_\_  
 JOEL PAULO DE SOUZA  
 C.R.C. Nº 104.608/182.006

  
 \_\_\_\_\_  
 SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS

EXAME COMPARATIVO DO BALANÇO GERAL DE 1975 COM O DE 1976: Demonstrativo da conta PATRIMÔNIO, referente aos aumentos e diminuições econômicas e financeiras, redução e aumento de PATRIMÔNIO, no período de 1º de janeiro de 1976 a 31 de dezembro de 1976.

contas	DÉBITO	CRÉDITO
7 - Caixa	935.456,75	
8.1 - Bank of London & South America Ltd.	65.818,22	
.2 - Banco do Brasil, S.A.		37.182,81
11 - Devedores Diversos		25.284,10
14 - Animais, Gado Bovino	60.600,00	
40.1.1 - Imóveis em Brasília		738.203,22 *
.2 - Imóveis em Belém	371.759,37	
.3 - Imóveis em Cuiabá	661.009,09	
.4 - Imóveis em Manaus	127.040,63	
.5 - Imóveis em Porto Velho	718.333,19	
40.2.1 - Máquinas	113.153,49	
.2 - Máquinas - Dept. Publicações	68.183,26	
.4 - Rádios Transmissores	22.707,23	
.5 - Equipamentos para aeronaves	1.000,00	
40.3.1 - Viaturas	289.144,51	
.2 - Aeronaves		379.855,98
40.3.3 - Lanchas	18.078,15	
40.4 - Móveis e Utensílios	213.483,05	

#### PATRIMÔNIO

##### 1 - REDUÇÃO

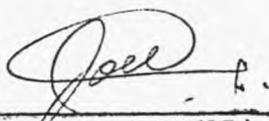
519.1 - Credores Diversos		4.400,00
520.1 - Financiamentos - COTELB - BSB	14.520,00	
522.2 - Imposto a Pagar - IRRF		168,73
522.3 - Imposto a Pagar - Sindical		40,00
523.1 - Cheques em Cobrança	10.780,96	

##### 2 - AUMENTO

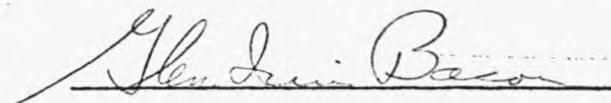
617 - Saldo positivo do Exercício		2.505.933,06
	<u>3.691.067,90</u>	<u>3.691.067,90</u>
	=====	=====

\* Conta de Imóveis em Brasília, antes de 1972, era chamado Imóveis Gerais, e incluiu também imóveis de outros centros. Em 1976 quando da verificação de inventário, foram transferidos os valores dos imóveis destes centros para suas contas próprias.

Brasília, D.F., 27 de junho de 1977



JOSÉ PAULO DE SOUZA  
C.P.C. DE 1976 - GOF 132.608



SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS

AGESP - 26.5.81

REUNIÃO DE LINGÜÍSTICA

Temos que levar em consideração em nossa reunião itens tais como:

O número de participantes : este preferencialmente deverá ser reduzido levando em consideração que os mesmos, terão que se desembaraçarem rapidamente, participando assim ativamente dos debates e contribuindo, efetivamente, com sua opinião na discussão dos problemas apresentados.

Com respeito à qualificação dos participantes: devemos ter em conta que a ênfase dos trabalhos lingüísticos da FUNAI prende-se aos programas bilíngües sem esquecermos de que, para colocarmos em bom andamento um programa dessa natureza, o técnico em lingüística deverá realizar previamente estudos de cunho fonológico e gramatical. Terá pois que, possuir formação em lingüística descritiva. Por outro lado, ao levar à prática esse trabalho, por meio da elaboração de cartilhas e textos este não deverá desconhecer as técnicas de alfabetização que serão utilizadas. Assim, seria útil convidarmos especialistas em línguas do ponto de vista descritivo e aqueles que, de alguma forma, já houverem participado de programas bilíngües, daí acharmos que além de lingüistas da UNICAMP, Museu Nacional e outros, poderíamos chamar a essa reunião os lingüistas do SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS (Instituto Lingüístico de Verão) sediados em Brasília e também os especialistas das Missões Novas Tribos que vem junto com o SIL ( este efetivamente até 1978), trabalhando com os grupos indígenas brasileiros do ponto de vista da lingüística descritiva e também, do ponto de vista da lingüística descritiva como, principalmente, do ponto de vista da lingüística aplicada haja visto o número de cartilhas e livros de leitura que essas instituições editaram para o aprendizado dos

grupos indígenas.

Há, contudo, alguns problemas que ocorrem na lingüística no Brasil que poderiam ser abordados novamente nessa reunião, ca so seja oportuno. Na realidade não constitue nenhuma novidade pa ra os lingüístas (em toda reunião lingüística fala-se nesse assun to) o rápido desaparecimento de línguas no Brasil sem poderem ser estudadas, exigindo naturalmente que alguém possa dedicar-se às mesmas. Também comenta-se muito sobre a carência de especialistas em línguas indígenas, mas que sejam brasileiros. É evidente, que muito se tem feito a partir de 1958 no estudo descritivo das línguas, quando da chegada do SIL no Brasil, no entanto, trata-se evi dentemente de um grupo estrangeiro atuando no Brasil, e com isso não vai nenhuma crítica a essa Instituição, pelo contrário, ela muito tem feito. Só atentamos que, ultimamente, já há, pelo menos uma dúzia de estudiosos genuinamente brasileiros na lingüística indígena, mas que continuam a trabalhar sem nenhum vínculo empre gaticio, sob o regime de bolsas do CNPq ou outras instituições. Isso importa em dizer que, o mercado de trabalho continua o mesmo, não se dilatou a ponto de poder absorver, em determinadas institui ções ou mesmo Universidades, esses técnicos resultando daí, grande prejuizo para a Lingüística de um modo geral.

Poderíamos ainda averiguar com vêm as Universidades brasilei ras atuando no que tange ao problema lingüístico.

Quanto ao próprio andamento da reunião. Acreditamos que para melhor orientação do moderador nos debates, este poderia em primei ro lugar, solicitar de cada participante um relato de suas atividades lingüísticas. Além de permitir um melhor conhecimento por parte dos demais, poderia servir para facilitar a descontração e solucionar o problema da formalidade. Poderíamos colocar perguntas bem gerais em primeiro lugar como, por exemplo : Como nós estamos vendo a lin güística no Brasil? para depois abordarmos assuntos tais como os

programas bilingües. Aliás, pode acontecer de não serem necessárias tantas formulações de perguntas, o próprio debate talvez encarregue-se de levar-nos aos assuntos que estamos mais interessados. Um ponto de discussão que nos atinge mais do que qualquer outro seria aquele que pesquisaria sobre o sucesso ou não dos métodos bilingües adotados até agora, como eles vêm sem praticados.

Sabemos que já vai muito longe a data (1928) em que pela primeira vez se levou a público uma idéia favorável sobre educação bilingüe. Isso não quer dizer que o bilingüismo propriamente dito não seja muito mais antigo, porque ninguém ignora, que poderá <sup>haver</sup> bilingüismo sem haver um efetivo programa de ensino bilingüe. Entretanto, é relativamente recente a idéia de programas bilingües na prática. Foi somente há quase vinte anos que se desengatilhou a idéia em muitos países como o Canadá e os EUA para o ensino bilingüe. No Brasil esse ensino bilingüe iniciou-se oficialmente apenas em 1970 quando o SIL apresentou à FUNAI um programa bilingüe, no caso para os Kaingang do Rio Grande do Sul. Foi a partir daí que surgiu a la. escola para formação de monitores bilingües no Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão (CTPCC) no município de Tenente Portela, RS.

Temos que ter em mente qual a ênfase dos programas bilingües que vem sendo feitos no Brasil. Na realidade são programas que tentam levar em conta o indivíduo como pessoa humana, respeitando ao máximo sua cultura original.

Costuma-se fazer o ensino da língua portuguesa concomitantemente com o aprendizado da língua materna, isso logicamente porque, esse indígena, vai necessitar conviver com a sociedade envolvente mas sem precisar perder seu valores culturais e entre esses valores, naturalmente, encontramos a sua língua.

O ideal seria que o linguísta pudesse acompanhar bem de perto o programa, indo ao local periodicamente a fim de ver o progresso ou fracasso do plano.

A maioria dos planos bilíngües, em síntese, conta com um linguísta como orientador, um professor de português e outras matérias e faz o aproveitamento dos próprios indígenas, aqueles que se distinguem mais nos estudos de um modo geral, a fim de ministrarem aulas na língua indígena levando em consideração que acima de qualquer um, os próprios indígenas devem ser os executores do plano bilíngüe, porque isso eles podem fazê-lo perfeitamente, desde que, bem orientados. Além do mais, temos que observar que é de muita eficiência o ensino da língua indígena feita pelos próprios falantes da mesma que estão psicologicamente sintonizados em todo o seu contexto. Não acontece o mesmo com ~~de~~ nós outros que temos muitas interferências e preconceitos culturais, e dificilmente aprenderíamos totalmente uma língua indígena, tão perfeitamente, a ponto de sermos capazes de ensiná-la tal como um falante nativo o possa fazê-lo, principalmente, em se tratando de determinadas línguas tais como o Tikúna, o Mura-pirahã, o Nhambikwára, línguas de complexidade tonal muito grandes, para cujo aprendizado, mesmo imperfeito, demandaria muito tempo para alguém estranho às mesmas.

Na realidade, em nossa opinião, os planos bilíngües no Brasil, não vão nada bem, principalmente por falta de contato dos especialistas com os grupos. Com a saída do SIL, das áreas indígenas, esse tipo de trabalho ficou praticamente entregue a sua própria sorte, pois não houve imediata substituição por outros especialistas nas áreas onde se executava esse tipo de trabalho. Assim, achamos que a ênfase de nossa reunião seria descobrir um meio de tentar levantar novamente esses planos bilíngües para então podemos iniciar outros planos que estão no seu momento histórico de serem implantados.

Ruth Maria Tonini Monsevat - Museu Nacional

Aryon Dall' Igna Rodrigues } UNICAMP  
Maurizio Gnerre }

Adail Palacio } Univ. de Pernambuco

Joana Hall }  
Margareth Alford } SIL  
David Fortune }  
Linda Steven Nell Sheldon }  
Linda Koopman }

Rinaldo de Matos      Missão Novas Tribos